

JAN TERLOUW

SETE DESAFIOS PARA SER REI



ea
editora ática



Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior.

Titulo original: Koning van Katoren
Titulo da edição brasileira: Sete desafios para ser rei
© Lemniscaat b.v., Rotterdam, 1971

Gerente editorial	Claudia Morales
Editor	Fabricio Waltrick
Assistente editorial	Grazielle Veiga
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Ana Luiza Couto
Projeto gráfico	Soraia Scarpa
Capa e ilustrações	Rafael Nobre
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Editoração eletrônica	Acqua Estúdio Gráfico
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T297s
8.ed.

Terlouw, Jan, 1931-
Sete desafios para ser rei / Jan Terlouw ; tradução de
Tarcísio Lage e Iveline Lucena da Costa Lage. - 8.ed. - São
Paulo : Ática, 2012.
168 p. ; 21 cm. - (Vasto Mundo)

Tradução de: Koning van Katoren
ISBN 978-85-08-15328-2

I. Novela infantojuvenil holandesa. I Lage, Tarcísio, 1941-
II. Lage, Iveline Lucena da Costa, 1939-. III. Título. IV. Série.

11-6853 CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 15328-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 15329-9 (professor)
Código da obra CL 737913

2014
8ª edição
3ª impressão
Impressão e acabamento: Gráfica Ave Maria

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: +003-3061 - atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece
o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos
na produção editorial e na comercialização das obras: editores,
revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores,
distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a
cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura
e encarece os livros que você compra.



Sumário

1	A morte de um rei	7
2	Os pássaros de Decibel	20
3	Polvorinho	32
4	A terceira tarefa	47
5	Fumaceira	52
6	O Conselho de Ministros irrita-se outra vez	73
7	As igrejas movediças de Ecumênica	77
8	O Correio de Katoren	94
9	Uma cidade lamentável	102
10	O atraso dos ministros	120
11	O invencível Pantaar	124
12	Reunião no parque	145
13	Um dia no Forte da Floresta	150
14	Rei de Katoren	163

A morte de um rei



Esta é a história do reino de Katoren. Ela começa numa noite de extrema importância para duas pessoas: para o velho rei e para Stach.

Para o rei, foi sua última noite, a noite de sua morte. Estava com oitenta anos e cansado de governar. Em vida, foi uma pessoa amiga e sempre teve muita sorte, até o fim, pois seu último desejo foi plenamente satisfeito. Costumava dizer:

— Quero morrer numa noite de tempestade, com raios cruzando o céu e o vento quebrando os galhos das árvores. Não quero morrer numa noite quente de primavera, embriagado com o perfume das flores. Numa noite assim, quero caminhar em volta dos lagos de meu parque, olhando os cisnes. Ou, então, admirar um belo espetáculo pirotécnico.

Quando o rei fechou os olhos pela última vez, Wiss, a capital de Katoren, foi assolada pela pior tempestade do século. A alma do rei deixou o corpo velho e cansado e foi levada pela tormenta para lugares jamais visitados por nenhum ser vivo.

Para Stach, aquela foi uma noite importante porque foi a noite de seu nascimento. Veio ao mundo, com os olhos arregalados, no exato momento em que um trovão sacudiu a cidade.

— É menino e tem os olhos azuis — gritou a parteira.

Felizmente, na primeira fase de sua infância, Stach só se preocupava em mamar e dormir, sem consciência da tragédia em sua volta. Primeiro foi com seu pai, um pedreiro que trabalhava na res-

tauração da catedral de Santo Aluísio, a maior de Wiss. Na manhã seguinte ao nascimento de Stach, um mensageiro do palácio, trazendo a notícia da morte do rei, pediu a seu pai que hasteasse, no alto da torre, a bandeira a meio pau. Não era seu trabalho, mas o responsável por isso adoecera. Cansado e ainda com muito sono — pois não se dorme na noite do nascimento de um filho —, o pedreiro escorregou e caiu do alto da torre. A mãe, profundamente abalada com a notícia, foi acometida pela febre do parto e morreu dias depois. Stach começava a vida órfão de pai e mãe.

O velho rei não tinha filhos nem filhas. Ninguém para sucedê-lo no trono. Como era de esperar em tais circunstâncias, uma onda de intrigas tomou conta do palácio, até que seis ministros formaram um governo provisório e prometeram que iriam estudar uma fórmula para escolher um novo rei. Diziam que Katoren merecia um rei excelente, o melhor, e que, portanto, era necessário garantias etc., etc.... No fim, os ministros ficaram agarrados ao poder como as orelhas à cabeça, esquecendo-se da promessa.

O povo de Katoren continuava chorando a morte de seu rei, amado e respeitado durante os cinquenta anos de seu reinado. Um rei sem protocolo, pouco chegado a discursos extensos e a documentos com muito palavrório, que gostava de caminhar pelas ruas, misturado com o povo, e que adorava fogos de artifício. Gostava tanto que fez uma lei determinando um mínimo de três espetáculos pirotécnicos por ano: no dia de seu aniversário, na noite de 31 de dezembro e em outro dia qualquer, quando sentisse muita vontade. Esse dia, que ficou conhecido como o Dia do Foguete do Rei, era anunciado pelo rádio, de manhã, e todo mundo deixava de trabalhar para soltar rojão. Havia uma exigência: tinha de ser um dia ensolarado.

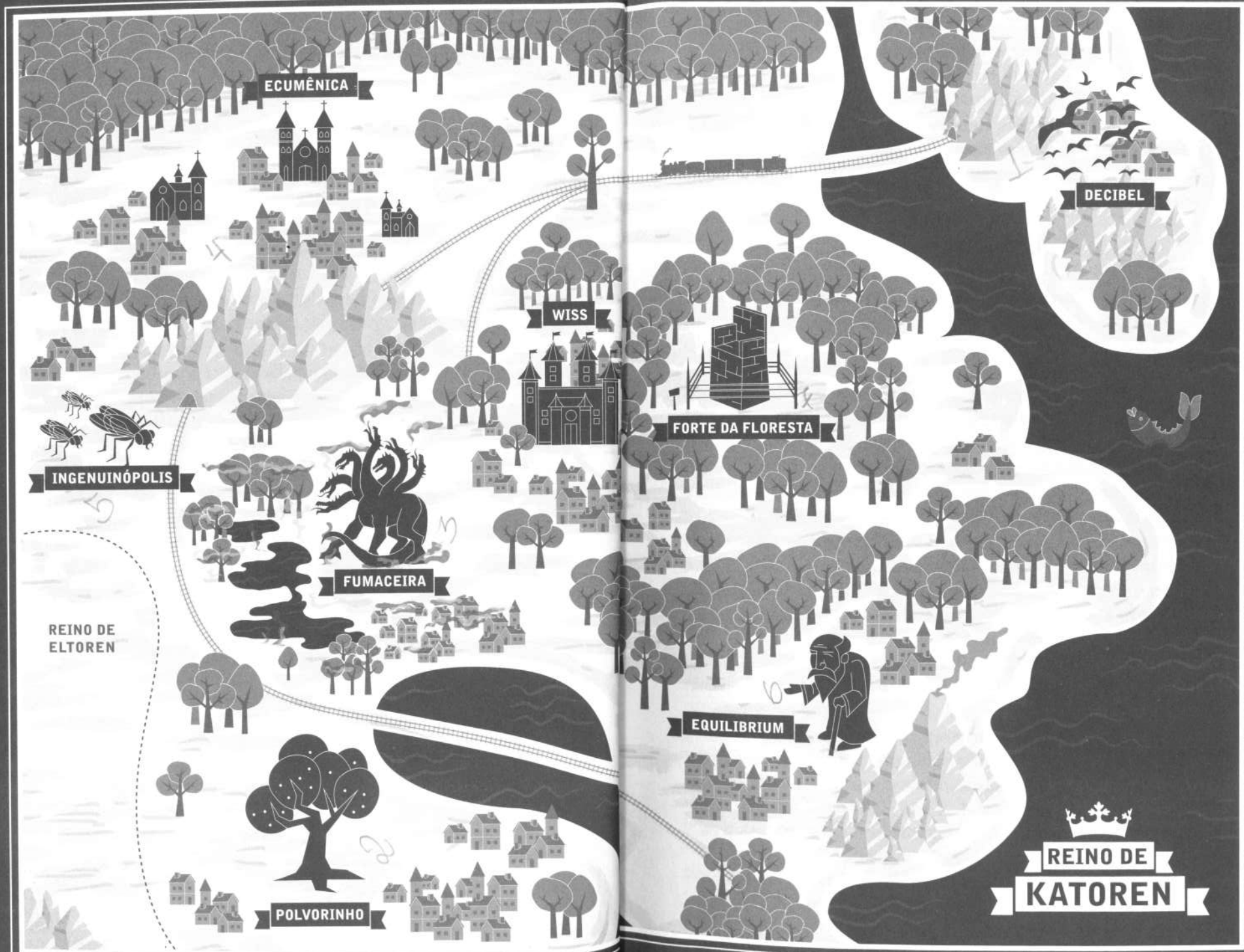
Com sua morte, tudo isso acabou.

O bebê Stach, é claro, nada sabia do rei morto, de febre de parto ou de intriga ministerial. Nasceu sadio, bonito, talvez um pouco temperamental, a testa saliente e a boca fechada como que a mostrar que não era do tipo que come gato por lebre.

Evidentemente, Stach não podia viver de vento. Com a fome que estava, deu um grito com toda a força para tirar seu tio Gervá-

sio da profunda meditação em que se encontrava. Gervásio era um irmão mais velho do pai de Stach. Motivos para se preocupar não lhe faltavam. Durante trinta e três anos fora o criado do rei. Era ele quem polia as fivelas de prata da bota do soberano, escovava seu casaco, instruía o cocheiro para cuidar dos cavalos, fazia quase tudo no palácio. De repente, num espaço de poucos dias, o rei, seu irmão e sua cunhada estavam mortos. Talvez ele tivesse decidido dar cabo da própria vida se o grito de Stach não o houvesse chamado ao cumprimento do dever. Gervásio respirou fundo, foi à cidade, comprou chupeta, leite e mamadeira para alimentar, bem ou mal, o bebê faminto. Findos os funerais, Gervásio decidiu levar o sobrinho para sua pequena casa, construída atrás do palácio. Foi lá que Stach cresceu, pois o seu velho tio não perdeu o emprego. Os ministros continuavam utilizando o palácio para reuniões, e era ele quem limpava o casaco do ministro Vassouras ou abria a porta para o invariavelmente apressado ministro Ligeiro. Gervásio sempre foi serviçal. Passou a vida toda curvando-se diante das pessoas, aparecendo ao ser chamado e desaparecendo quando não era mais necessário. Era infeliz com sua subserviência, mas não sabia agir de outra maneira. Ao se ver responsável pela criação do sobrinho, Gervásio decidiu que Stach não seria um homem subserviente, mas uma pessoa capaz de dizer o que pensa em voz alta e, se necessário, de modo atrevido. Assim sendo, só ralhava com o sobrinho quando ele se mostrava acanhado, só o castigava quando o menino tinha medo de dizer alguma coisa. No mais, Stach podia fazer tudo o que passasse por sua cabeça.

Passaram-se os anos e os ministros não nomearam um novo rei. Ninguém em Katoren acreditava mais que isso pudesse acontecer. Numa noite, Gervásio teve um sonho estranho. Estava sentado numa confortável cadeira ao lado do trono, um criado acendia seu cachimbo, enquanto belas garotas o abanavam com seus leques. Bem perto, ele viu os joelhos do rei. Não percebeu se eram do velho ou do novo rei. Ele precisava ver o rosto do monarca.



Teve muita dificuldade para descontrair os músculos do pescoço, mas, por fim, conseguiu levantar a cabeça, pouco a pouco, deslizando seus olhos pelo corpo do rei até descobrir que o soberano ao seu lado era Stach. Gervásio pensou muito sobre esse sonho. O jovem tinha nascido na noite da morte do rei. Parecia corajoso, inteligente e honesto. Cada vez mais, Gervásio estava convencido de que Stach ia ser, de verdade, o novo rei de Katoren.

O ministro mais velho chamava-se Sisudo. Tinha por volta de sessenta anos. As profundas rugas em seu rosto lhe davam uma aparência preocupada. Ele nunca sorria. Em sua careca brilhante ainda cresciam quinze fios de cabelo. Toda manhã, cuidadosamente, ele os alisava com uma pequena escova. Fora isso, o ministro Sisudo só fazia coisas muito sérias. O sr. Sisudo era o ministro da Severidade. A primeira coisa que fez, depois da morte do rei, foi modificar a lei sobre os fogos de artifício, proibindo-os definitivamente. O ministro Sisudo era um advogado do trabalho e do dever.

Numa manhã, dezessete anos após a morte do rei, estava o ministro Sisudo em sua sala de trabalho no palácio. Os fortes e exuberantes raios de sol de junho entravam pela janela, obrigando o ministro a se levantar para baixar a persiana. Bateram à porta.

— Entre — disse o ministro.

Era seu colega, Recto, o ministro da Honestidade.

— Estou incomodando? — perguntou o ministro com sua voz fraquinha.

— De maneira nenhuma, Recto. Sente-se, por favor.

Depois de terem discutido por algum tempo questões governamentais, o ministro da Honestidade disse:

— Fiquei sabendo, hoje de manhã, que o velho Gervásio trabalha há cinquenta anos no palácio. Trinta e três anos para o rei e dezessete anos para nós.

— Hum — sussurrou o ministro da Severidade. O ministro da Honestidade prosseguiu:

— Acho que seria justo se nós lhe oferecêssemos uma pequena festa para comemorar a data.

Proposta desse tipo não caía bem para um ministro da Severidade.

— Festas são perigosas, amolecem as pessoas para o trabalho e para o cumprimento do dever. Pense em outra coisa, Recto.

— Damos-lhe um título de nobreza?!

— Excelente ideia.

Os dois decidiram nomear Gervásio escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren. O ministro Sisudo apertou um botão em sua mesa e um momento depois estava diante dele o velho criado.

— O que posso fazer para Vossa Excelência? — perguntou Gervásio.

— Nada — respondeu o ministro. — Agora somos nós que queremos fazer alguma coisa para você, Gervásio. O ministro da Honestidade acaba de lembrar-me que hoje você completa cinquenta anos de trabalho no palácio. Você também se lembrou disso?

— Sim, Vossa Excelência — murmurou Gervásio, todo aca-nhado.

— Decidimos nomeá-lo escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren. O que você acha?

“Não tenho necessidade de suas condecorações”, pensou Gervásio, mas disse:

— Não sei o que dizer. Não mereço.

— Como não merece?! — afirmou o ministro Recto com presteza. — Você merece sim.

— Há mais alguma coisa que possamos fazer por você? — perguntou o ministro Sisudo.

— Sim — respondeu Gervásio para surpresa dos dois ministros. — Eu ficaria muito agradecido se Vossas Excelências recebessem meu sobrinho Stach para uma audiência.

— Seu sobrinho Stach?

— Ele nasceu há dezessete anos, na noite da morte do rei. Na manhã seguinte, meu irmão caiu da torre da catedral de Santo Alú-sio. Três dias mais tarde, minha cunhada morreu com febre de parto. Desde esse dia estou cuidando, como posso, do menino.

— Você nunca nos falou sobre isso antes.

Gervásio manteve-se em silêncio. “Desde quando os ministros estavam interessados em sua vida?”, pensou.

— Por que você deseja tanto que recebamos seu sobrinho?

Acanhado, Gervásio não parava de rodar com as mãos seu chapéu.

— Não sou eu. É ele mesmo que deseja. Ele quer perguntar algo a Vossas Excelências — respondeu Gervásio com a voz entrecortada.

— Lamento, mas não tenho tempo a perder com um rapaz de dezessete anos. Provavelmente você também não, Recto — disse o ministro Sisudo.

Na verdade, o ministro da Honestidade também não estava muito a fim de receber Stach, mas, como não podia mentir, disse:

— Está bem. Amanhã às dez horas. Vou atendê-lo por alguns minutos.

— Muito obrigado, Vossa Excelência. Até à vista, Excelências.

Curvando-se em sinal de respeito, o escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren deixou a sala do ministro da Severidade.

Na manhã seguinte, Stach apresentou-se ao ministro Recto, que tinha uma agenda de trabalho das mais apertadas. Afinal de contas, ele era o responsável pela honestidade do reino. Era fácil ver em seu rosto como sua missão era difícil. Seu lábio inferior estava sempre ferido de tanto que ele o mordida quando havia um problema complicado para resolver. Não raras vezes, fechava os olhos para melhor refletir se estava mesmo dizendo a verdade. Ele tinha dificuldade até de escrever “caro senhor” no início de uma carta quando na verdade detestava a pessoa a quem esta se endereçava. Uma vez ele tentou a forma “enfadonho senhor”, mas isso rendeu-lhe muitas dores de cabeça. Por fim, decidiu omitir qualquer adjetivo no início de suas cartas. Deu certo a solução. Mas também em casa o ministro da Honestidade tinha lá seus problemas. Continuamente pilhava sua mulher e seus filhos contando pequenas mentiras. Dois de seus filhos foram estudar no exterior.

— Então, você é o sobrinho de Gervásio?

— Sim, Excelência — respondeu Stach, olhando, atrevidamente, no fundo dos olhos do ministro.

— E você tem uma pergunta a fazer?

— Ministro Recto — disse Stach —, Vossas Excelências tiveram dezessete anos para escolher um novo rei, e até agora nada ficou decidido. A minha pergunta é: o que uma pessoa precisa fazer para se tornar rei de Katoren?

O ministro da Honestidade emudeceu. Nunca ninguém tinha se atrevido a fazer tal pergunta. Fechou os olhos em busca de uma resposta. Por fim falou:

— Se você tivesse feito essa pergunta ao ministro da Eficiência, em dez minutos estaria decapitado.

— E por quê? — perguntou Stach admirado.

— Porque a pergunta implica que você não aprova a nossa política.

— Isso também é verdade — disse Stach.

— Que escândalo!

— Pensei que o senhor valorizaria minha honestidade.

— Ouça, jovem, vou procurar esquecer o que você disse. Peça-me outra coisa. Alguma coisa neutra, inocente, que eu possa levar ao conhecimento de meus colegas. Depois, volte para casa e nunca mais pense em tamanha loucura.

— Ministro Recto — disse Stach —, pois, então, eu peço que Vossa Excelência apresente o seguinte pedido ao Conselho de Ministros: o que eu devo fazer para me tornar rei de Katoren?

— Vão condená-lo à morte.

— Tenho algo mais a acrescentar. Telefonei para todos os jornais comunicando qual seria o teor da minha pergunta. Dê uma olhada e vai ver um pequeno exército de jornalistas na porta do palácio. Estão morrendo de curiosidade para saber a resposta. Vossa Excelência já imaginou a confusão que seria caso a resposta fosse apenas a minha cabeça decapitada, presa numa estaca?

O ministro Recto rangeu os dentes. Não conseguia entender como o dócil Gervásio podia ter criado um sobrinho tão atrevido. Em nenhum momento pensou que Stach pudesse constituir um sé-

rio perigo para o governo. Mas o ministro tinha medo da imprensa. Os jornalistas pareciam galinhas ciscando os fatos para descobrir pequenas mentiras. E mentiras, mesmo as pequenas, ele, o ministro da Honestidade, não podia aceitar. Disse secamente:

— Vou apresentar seu pedido ao Conselho de Ministros. Você terá a resposta no devido tempo. Mais alguma coisa?

— Isso é tudo, Excelência.

— Então, bom dia.

Stach saiu da sala e fez um resumo de sua conversa com o ministro para os jornalistas na porta do palácio. O ministro Recto permaneceu em sua cadeira, mordendo o lábio inferior, que já sangrava.

Passaram-se semanas, e Stach não recebera nenhuma resposta. Sabia, por intermédio de tio Gervásio, que o Conselho de Ministros estava profundamente dividido sobre a questão. Mas nem ele nem seu tio sabiam que dois ministros eram a favor de seu exílio em um país distante, dois outros queriam vê-lo decapitado, enquanto os dois ministros restantes propunham um teste composto de sete tarefas quase impossíveis que Stach deveria executar no tempo prescrito.

O ministro Recto justificava, assim, o uso do teste:

— O sistema já foi utilizado, há inúmeros exemplos históricos. Além do mais, o teste servirá para satisfazer o sentimento de equidade do povo de Katoren.

— E o negócio será bem simples — emendou o ministro Vasouras. — Vamos exigir o cumprimento de sete tarefas tão difíceis que, na primeira, o atrevido já desiste para ir chorar no ombro de seu tio Gervásio.

Para o ministro Ligeiro esse negócio de teste era muito complicado. Na qualidade de ministro da Eficiência, era a favor da simplicidade.

— Chega de conversa. Vamos cortar logo a cabeça do atrevido — disse enquanto anotava num pequeno caderno sua proposta e a dos colegas.

O ministro Dureza também era a favor da decapitação, mas os ministros Sisudo e Hermano eram a favor do exílio.

Finalmente, depois de semanas de debate sem chegar a nenhum consenso, os ministros decidiram tirar a sorte. Chamaram Gervásio.

— Vá buscar o dado — ordenou o ministro Sisudo.

Sentindo que se jogava a sorte do sobrinho, Gervásio trouxe o dado num copo de couro.

— Um ou dois significa decapitar. Três ou quatro, exílio. Cinco ou seis, o teste das sete tarefas — explicou o ministro da Severidade. — Gervásio, lance os dados!

Tremendo dos pés à cabeça, o velho criado sacudiu o copo de couro e o colocou de cabeça para baixo sobre a mesa, mas não teve coragem de levantá-lo. O ministro da Eficiência, impaciente com a demora, retirou ele mesmo o copo e disse:

— Um seis. Isso significa que o rapaz tem de passar pelo teste das sete tarefas. Sisudo, acho que você deve pensar na primeira tarefa. Você na certa vai descobrir alguma coisa que o fará arrependê-lo da prova. Agora, vocês me desculpem, mas tenho de sair para uma conferência sobre o labor contínuo das formigas. Até à vista.

O ministro da Eficiência foi embora, falar de formigas, e os outros também se levantaram, enquanto o ministro Sisudo dizia a Gervásio:

— Diga a seu sobrinho para apresentar-se em meu gabinete amanhã de manhã, às dez horas.

O criado fez um aceno, satisfeito, com a cabeça. E foi, com a rapidez que lhe permitiam suas velhas pernas cansadas, avisar o sobrinho.

Stach pediu a seu tio que lhe contasse, pela milésima vez, o seu sonho e fizesse a descrição da noite da morte do rei. Estaria ele predestinado a ser o novo rei de Katoren? Assim pensando, subiu para seu pequeno quarto no sótão para olhar seus poucos per-

tences: um retrato de sua mãe, a pá de pedreiro de seu pai e uma pasta com manuscritos do velho rei, presente de seu tio. Além disso, mais nada.

Tomou a pá em sua mão e pensou: "Se eu não conseguir passar no teste vou ser pedreiro como meu pai. É uma boa profissão". Mas, no fundo de seu coração, ele estava convencido de que passaria no teste das sete tarefas. Afinal, ele tinha dezessete anos, a idade em que você pode vencer dragões, gigantes e bruxas. Stach leu alguns dos escritos do rei, a maioria provérbios que ele pouco entendeu. Assim mesmo gostou.

O ministro da Severidade estava apressado. Passara quase toda a noite imaginando qual seria a primeira tarefa do teste e agora se mostrava sonolento. Não gostou do semblante de satisfação de Stach quando ele se apresentou para a audiência.

— Tire esse sorriso de sua cara. A vida não é tão boa assim. Aliás, agora mesmo esse riso vai desaparecer, assim que souber qual será sua primeira tarefa.

— Estou morrendo de curiosidade — disse Stach.

— Antes quero aconselhá-lo a que abandone, já, essa ideia maluca. É um jogo muito perigoso, rapaz. Ainda não sabemos o que faremos com você caso fracasse no teste. Siga meu conselho, rapaz: desista! Vá ser um criado, como seu tio.

— Obrigado, Excelência — disse Stach.

O ministro da Severidade sempre foi da linha-dura, nunca teve condescendência para com seus inimigos. Mas não deixou de sentir um pouco de compaixão pelo jovem abnegado, sentado diante dele, olhando-o nos olhos sem nenhum temor. Sentiu-se aliviado e esperançoso com o agradecimento de Stach.

— Quer dizer, então, que você desiste?

— Não — disse Stach. — O agradecimento é pelo conselho, que eu não tenho nenhuma intenção de seguir. O senhor sabe, nem todo conselho é um bom conselho.

— Você é um rapaz impertinente e perigoso. Quem o ensinou a ser assim?

— Meu tio.

O ministro Sisudo levantou uma sobrancelha e disse:

— A decisão é sua. Tome nota de sua primeira tarefa: você terá de acabar com a gritaria dos pássaros de Decibel.

— Perfeitamente, Excelência. Vou acabar com a gritaria dos pássaros de Decibel.

— Você não acha esta tarefa muito difícil? — perguntou o ministro da Severidade, curioso.

Stach, que nunca tinha ouvido falar dos pássaros de Decibel, respondeu:

— Não é um trabalho particularmente difícil. Agradeço a amabilidade de Vossa Excelência por ter escolhido uma tarefa tão simples.

— Não se vanglorie antes da hora. Aqui está uma pequena contribuição do governo para a execução de sua tarefa — disse o ministro, entregando a Stach um envelope.

— Obrigado, ministro da Severidade.

— Desejo-lhe sorte.

Stach deixou o palácio e falou aos jornalistas que o esperavam na porta. Já em casa abriu o envelope. Era uma passagem de trem, de segunda classe, para Decibel. Uma passagem só de ida.

Stach comprou uma pequena mochila, onde cabia pouca coisa, um par de camisas, uma corda, um canivete e outras coisinhas. No dia seguinte, leu nos jornais muitos artigos sobre sua primeira tarefa, trabalho impossível para ser executado por um rapaz de dezessete anos, levando-se em conta que muita gente experiente já tinha fracassado na mesma missão. Em seguida, despediu-se de tio Gervásio, que já dava sinais de arrependimento por ter metido o sobrinho numa situação tão complicada.

Tomou o trem, rumo a Decibel, com a cabeça cheia de planos. Era o primeiro passo para a conquista do trono.

Os pássaros de Decibel



Decibel era uma cidade situada no extremo nordeste de Katoren. Terminava num rochedo, onde começava o oceano nevoento, salpicado de ilhas rochosas inacessíveis.

Quando Stach chegou à estação e se viu sozinho no centro de Decibel, foi dominado por uma sensação de abandono. Não simpatizou com a cidade. As pessoas passavam apressadas e silenciosas, mesmo quando andavam em duplas. Os automóveis circulavam em ruas estranhas com nomes estranhos. Era a primeira vez que Stach saía de Wiss. Não conhecia nada fora da capital. Ele observou que todo mundo usava gorros ou tinha a cabeça coberta com qualquer outra coisa. Estranho, porque não estava frio. Os gorros e chapéus das mulheres eram elegantes, combinando com seus vestidos. Já os homens usavam praticamente um mesmo tipo de gorro, de cor cinza.

Ainda no trem, Stach pensou que a primeira coisa a fazer seria visitar o prefeito. Seria, certamente, a pessoa mais indicada para esclarecer melhor qual era o problema com os pássaros da cidade. Perguntou a um transeunte onde ficava a prefeitura:

— Por favor, o senhor pode me dizer...

O homem prosseguiu como se não o tivesse ouvido. Tentou com outro:

— Senhor, por favor, pode me dizer...

Sem resposta.

— Senhora, queria saber onde...

Ninguém o ouviu. Será que não o entendiam? Desistiu de perguntar e foi andando pela avenida principal na esperança de encontrar a prefeitura. Experimentava, cada vez mais forte, a sensação de ser um estranho, quando aconteceu algo inesperado. Abriu-se uma porta, e da casa saiu correndo uma mulher. Usava um avental, pois devia estar na cozinha, mas, mesmo dentro de casa, tinha sobre a cabeça o gorro que lhe cobria as orelhas. A mulher gritou para Stach enquanto o puxava pelos braços para dentro de sua casa.

— Venha, venha!

Surpreso, Stach deixou-se levar. Não entendia aquela gente. Assim que entraram, a mulher fechou com toda a força a porta, suspirou aliviada e lhe disse:

— Irresponsável! Como pode fazer isso?

— Isso o quê? — perguntou Stach, surpreso.

— Venha, vamos para a sala.

Sentado no chão da sala um menino de seus quatro ou cinco anos brincava com blocos de madeira. Ele não tomou o menor conhecimento quando a mulher e Stach entraram.

— Oi — disse Stach.

A criança não ouviu.

— Oi — repetiu Stach, mais forte.

O menino não deu o menor sinal de vida.

— Deixa estar — disse a mulher. — Ele não vai ouvi-lo, mesmo que você toque uma trombeta em seu ouvido.

— Ah, que pena! Ele é surdo?

Havia amargura na voz da mulher quando respondeu:

— Foi uma vez que escapou de minha vigilância. Foi para o jardim sem seus protetores de ouvido. E aí eles apareceram. Havia uma semana que não apareciam.

— Eles quem, os pássaros? — perguntou Stach, que já começava a entender a situação.

— Claro, os pássaros. Você não é daqui? Agora posso entender por que você caminhava pelas ruas com os ouvidos desprotegidos. Quase morri de susto quando o vi pela janela. Se os pássaros tivessem aparecido você estaria agora tão surdo como o meu Harco.

A pedido de Stach, a mulher resumiu o que acontecia.

O aparecimento dos pássaros era irregular. Podiam surgir, mais de uma vez, em questão de horas, mas passavam, também, semanas sem que ninguém visse o céu cheio dos pássaros negros. Tinha sido sempre assim. Os pássaros gritavam do modo estridente comum a tantas aves. O problema era que emitiam ao mesmo tempo, com precisão absoluta, o tom estridente. O ruído de tantos gritos unificados adquiria uma intensidade capaz de romper os tímpanos e deixar as pessoas surdas para sempre caso não usassem os protetores de ouvido. Ali estava a razão por que ninguém se aventurava nas ruas sem proteger as orelhas. Dentro de casa, o ruído era menos intenso, não chegava a tornar as pessoas surdas. Mesmo assim, era muito desagradável, e havia pessoas que preferiam usar uns protetores mais simples, feitos especialmente para serem utilizados no interior das casas.

Stach contou à mulher que viera a Decibel justamente para silenciar os pássaros.

— Pobre rapaz... — Havia simpatia em sua voz. — Você nunca vai conseguir isso. Inúmeros especialistas, conhecidos ornitólogos, já tentaram tudo, em vão. A maioria deles acabou ficando surda, e agora passam o tempo inventando novos aparelhos de ouvido ou aperfeiçoando os já existentes. Em matéria de aparelhos contra a surdez, somos os mais adiantados do mundo. Você sabia?

— O problema parece complicado. De qualquer modo, tenho de conversar com o prefeito — disse Stach.

A senhora lhe ensinou como chegar até a prefeitura e lhe deu um velho par de protetores de ouvido pertencente a seu marido.

— Pode ficar com eles. Meu marido tem pelo menos uns outros dez pares de reserva no armário.

— A senhora é muito amável, lhe agradeço de todo o coração.

Fez um afago na cabeça de Harco e saiu. Antes de andar dois quarteirões, ouviu um grito estridente que o fez apertar com as mãos os protetores de ouvido. Um ruído horrível que sentiu até no estômago. Imediatamente o céu ficou coberto de milhares de pássaros. As pessoas, na rua, não deram a menor bola, parecendo ple-

namente acostumadas com o espetáculo. Stach sentiu-se realmente grato pelo protetor que a mulher lhe emprestara. Sentou-se junto a um muro, ainda com as mãos ajudando a proteger os ouvidos, e esperou que os pássaros fossem embora. Em seguida, tomou o caminho da prefeitura.

Pessoa tão tagarela como o prefeito, Stach nunca conhecera antes. Convidou Stach para ir a sua casa ao saber que sua intenção era silenciar os pássaros. No caminho, falou pelos cotovelos, gesticulando com as mãos, franzindo o cenho, balançando a cabeça, mexendo com tudo o que podia mexer em seu corpo. Não parou de falar um minuto. Disse, entre outras coisas:

— O vereador Moven tem uma teoria. Não fala de outra coisa há anos. Diz que pode dar cabo dos pássaros. Uma teoria complicada, não dá para explicá-la agora. Mas, enfim, anos e anos tentando e não conseguiu nada. Portanto, rapaz, desista, você não vai conseguir porque...

— Vamos ver — cortou Stach.

— ... porque você não é daqui. O vereador Blankert também tem uma teoria. Ele quer discuti-la em toda reunião da Câmara. Blankert é um especialista na matéria. Ele sabe quase tudo sobre pássaros. E, assim mesmo, não conseguiu nos livrar da barulheira infernal. O que você poderá fazer, se...

— Vamos ver — interrompeu Stach.

— ... se um especialista do gabarito de Blankert está sendo forçado a desistir? Além do mais, com toda a modéstia, devo dizer que tenho um plano promissor. Estou pensando numa maneira de pô-lo em prática. Um dia eu lhe explico. Não quero desencorajá-lo, rapaz, mas, como uma pessoa de muito mais experiência nesse campo, devo preveni-lo de que você não tem a mínima chance.

— Vamos ver — disse Stach pela enésima vez. Para ouvir o prefeito, Stach teve de levantar o protetor de ouvido, mas notou que, mesmo dentro de casa, seu anfitrião continuava com as orelhas tapadas. Conclusão óbvia: o prefeito falou, mas não ouviu uma

palavra de Stach. Foi então que o rapaz levantou o aparelho antiruído de seu anfitrião e gritou:

— Vamos ouvir!

O prefeito levou o maior susto, mas logo em seguida começou a rir e disse:

— Você tem toda a razão. É muito difícil ouvir com este negócio nas orelhas. Por outro lado, nem sempre as pessoas dizem coisas interessantes. Você não perde muita coisa.

— Eu gostaria muito de saber sobre sua teoria. E, também, sobre as teorias dos vereadores Moven e Blankert — disse Stach.

O prefeito surpreendeu-se.

— Ei, você então me ouviu?! Sabe de uma coisa, vá hoje à noite à reunião da Câmara. Com certeza eles vão falar de novo de suas ideias. Eu também pretendo esclarecer outra vez de que se trata minha teoria.

— Com todo o prazer — disse Stach.

A mulher do prefeito, uma amável senhora, tão gorda como o marido, serviu um jantar delicioso e convidou Stach para hospedar-se em sua casa. Mesmo depois que o pretendente ao trono deixou cair no tapete uma colher cheia de pudim, não por sua culpa, evidentemente, mas porque se assustou ao ouvir, novamente, a barulheira dos pássaros. Após o jantar, Stach e o prefeito foram para a reunião da Câmara. O rapaz sentou-se na tribuna reservada ao público, notando que o local estava cheio de homens e mulheres, todos eles carregando pastas de documentos. O prefeito abriu a sessão com uma martelada na mesa e deu a palavra ao vereador Moven. Stach retirou totalmente o aparelho de suas orelhas para melhor ouvir o que aquela autoridade tinha a dizer. Em resumo, o que ele disse foi o seguinte:

Se os pássaros irritavam, era preciso irritá-los de volta. Contra o ruído infernal que faziam, o remédio era provocar também um barulho que não os deixasse em paz. O vereador Moven capturou alguns pássaros e os mantinha numa gaiola no quintal de sua casa, experimentando diversos ruídos em busca daquele que lhes parecesse mais irritante. Quando ele batia a escova na pá de lixo, os pássaros soltavam um grito horrível. Mas, muito interes-

sante notar, às vezes num tom completamente diferente do tom do ruído emitido pelos pássaros em liberdade. Portanto, conclusão do vereador, eles podiam gritar em outro tom. A nova experiência, no momento, era descobrir qual o ruído que mais irritava os pássaros. Seu plano era simples: uma vez descoberto este ruído, todos os habitantes de Decibel deveriam provocá-lo, ao mesmo tempo. Com isso, na certa, os pássaros iriam embora para gritar em outra freguesia.

Stach surpreendeu-se com o tempo gasto pelo vereador, mais de uma hora, para explicar sua teoria, mas achou a ideia até boa. Quem sabe? Na verdade, Stach foi a única pessoa que ouviu a exposição do sr. Moven. Os outros vereadores liam jornais, escreviam ou simplesmente cochilavam com seus aparelhos protetores de ouvido. Em seguida falaram outro vereador e uma senhora, ambos com seus devidos planos. O primeiro queria construir uma grande cúpula de vidro sobre a cidade e a outra propunha, simplesmente, que todos os habitantes de Decibel fossem morar em outra cidade. Stach achou as duas proposições absurdas.

Voltou a prestar maior atenção quando o vereador Blankert começou a falar. Sua ideia era capturar uma grande quantidade de pássaros e ensiná-los a emitir sons em outra tonalidade menos aguda. Uma vez ensinados, seriam novamente soltos na esperança de que seus companheiros em liberdade procurassem imitar o novo som aprendido. Do mesmo modo que Moven, ele também tinha alguns pássaros presos, numa gaiola, no quintal.

Eram, porém, uns cabeçudos que se recusavam a imitar o som que o vereador lhes ensinava. Se ele assoviava alto, eles assoviavam mais alto ainda. Se baixava o tom do assovio, eles o baixavam ainda mais. Eram uns pássaros asquerosos!

Durante a exposição, o vereador Blankert, enraivecido, esmurrou a tribuna. Parece que não impressionou muito, pois aumentava o número dos que cochilavam. Blankert começou a repetir toda a história. Stach ficou contente quando, por fim, o vereador calou a boca. Chegou a vez do prefeito. Nunca tinha exposto sua teoria com tanto entusiasmo, pois, dessa vez, sabia que alguém estava ouvindo. Ele tinha descoberto um veneno capaz de prejudicar as

cordas vocais dos pássaros, de modo que não pudessem mais emitir o som ensurdecedor. A dificuldade era fazer os pássaros tomarem o veneno. Só raramente eles pousavam, estavam quase sempre voando, excluindo-se a possibilidade de colocar o veneno num determinado lugar. O prefeito estava pensando em contaminar grãos de ervilha com seu veneno e atirá-los para cima quando os pássaros aparecessem. Stach cansou-se de ouvir, mas agora estava a par de todas as teorias. Ele mesmo, depois de tanto ouvir, também já tinha um plano. No dia seguinte ia começar a colocá-lo em prática. Mas, primeiro, precisava dormir. Estava morto de cansado.

Quando chegaram em casa, o prefeito lhe perguntou:

— O que você achou da reunião?

— Muito interessante — respondeu. — Os senhores me apresentaram a solução do problema de bandeja. — Evidentemente o prefeito não ouviu a resposta.

Stach acordou com a sensação de que ia fazer alguma coisa importante naquele dia. Dormiu como um rei, eram ótimas as camas de Decibel. De que estávamos falando? Ah, claro, dos pássaros. Stach já sabia como se livrar deles. Será que sabia mesmo? Na noite anterior, quando estava cansado e com o senso crítico abalado, tudo parecia bem simples. Mas, de manhã, à luz do dia... sentiu que havia, pelo menos, umas quinhentas probabilidades de que seu plano não desse certo. Enquanto se vestia, falava consigo mesmo em voz baixa:

— Sim, se há um pouco de possibilidade de acerto nas três teorias, do prefeito e dos vereadores, então meu plano tem de dar certo.

A mulher do prefeito tinha preparado um café da manhã completo, com chá, torradas e ovos cozidos. Ela se mostrava desperta e bem-falante; o prefeito ainda dormia, caso contrário era só ele quem falava. Concentrado em seu plano, Stach não prestava muita atenção. De vez em quando, muito educadamente, para satisfazer sua anfitriã, Stach acenava a cabeça ou dizia coisas do tipo “ah,

sim”, “estou ouvindo”, “perfeito”. A mulher do prefeito ficou mais do que satisfeita com tanta atenção.

De barriga cheia, já ia saindo para o centro da cidade sem levar seu protetor de ouvido. A mulher do prefeito correu para alertá-lo. Stach queria comprar algo numa loja de aparelhos de som. Sem muita dificuldade, encontrou o negócio de J. Holder e Filhos. O próprio J. Holder estava atrás do balcão.

— Em que posso servi-lo, jovem?

— Vejo que o senhor tem rádios e vitrolas para vender. Há também em sua loja outros aparelhos eletrônicos?

— O que você deseja exatamente?

— Eu me pergunto se não existiria um aparelho por meio do qual se pudessem controlar os agudos com uma simples virada de botão.

— Existe sim — disse o lojista. — Um gerador de som equipado com um alto-falante.

— Ah, um gerador de som! Posso elevar com ele o volume e os agudos ao máximo?

— Com os agudos não há problema — respondeu J. Holder. — O gerador de som pode elevá-los a tal nível que você não pode ouvi-los mais. Quanto ao volume, bem, aí seria necessário colocar um amplificador entre...

— Onde?

— Entre o gerador de som, que produz as vibrações elétricas, e o alto-falante, que as transforma em vibrações sonoras.

— Entendo, entendo um pouco — disse Stach. — Sabe o que eu quero? Algo que possa elevar o volume cem vezes mais do que qualquer outro aparelho que o senhor já tenha vendido.

— Nossa mãe! — exclamou o lojista. — Neste caso você vai precisar de uma casa cheia de amplificadores e alto-falantes. Custariam uma fortuna.

— Tenho comigo oito katorais e vinte e cinco centavos.

— Isso não dá nem para a tomada.

Stach debruçou-se sobre o balcão e falou baixinho:

— O que o senhor acha desta manchete nos jornais: “Silenciados os pássaros de Decibel com um aparelho de J. Holder e Filhos”?

O lojista deu de ombros. Estava certo de que os pássaros não seriam silenciados, mesmo com o auxílio de seus maravilhosos aparelhos. Stach explicou seu plano em detalhes, mas, mesmo assim, J. Holder não mudou de ideia. Stach já pensava em tentar outra loja quando entraram os filhos do negociante. Eles tinham ouvido a palavra pássaros e queriam saber do que se tratava. Tiraram até os protetores de ouvido. Diferentemente do pai, acharam muito bom o plano de Stach e se puseram a favor de sua execução.

— Vamos lá, pai! — disseram. — Vale a pena tentar. Se não der certo, nós recuperamos os aparelhos.

— Sujos de merda de pássaros — disse J. Holder preocupado.

— Nós limpamos sem problema — argumentaram os filhos.

— Eu os conheço — contra-argumentou o pai. — Isso significa que eu terei de limpá-los. Mas, enfim, está bem. Podem tentar. Apanhem na loja o que for necessário.

E foi assim que a calçada na frente da casa do prefeito ficou abarrotada de alto-falantes e amplificadores. Todos eles conectados por meio de fios — trabalho dos filhos do lojista — com o gerador de som, instalado na sala de jantar, que tinha uma das janelas entreaberta. O nome J. Holder e Filhos estava escrito, naturalmente, em todos os aparelhos. Tempo bom, sem chuva, tudo perfeito para a experiência. Stach ficou sentado diante do gerador de som numa longa espera. Um dia, uma noite, e nada de os pássaros aparecerem. A previsão do tempo para o terceiro dia era “pancadas de chuvas ocasionais”. O sr. Holder veio dizer que não deixaria seus preciosos aparelhos expostos ao temporal. Mas ainda estava no meio da palavra *expostos* quando eles surgiram. Milhares de pássaros tingindo de negro o céu da cidade, e todos eles emitindo seu grito infernal. Resoluto, Stach começou a manipular os botões. Demorou um pouco para os amplificadores esquentarem. E, então, dos alto-falantes saiu um som mais alto do que o emitido pelos pássaros e com quase a mesma tonalidade aguda. Stach rodou o botão central do gerador de som, tornando os agudos mais fortes do que os dos pássaros. Por um momento, eles silenciaram, ao que parece, assustados. Mas, logo em seguida, recomeçaram a gri-

taria, dessa vez — imaginem! — emitindo sons mais agudos ainda. Stach voltou a rodar o botão, ampliando os agudos que saíam dos alto-falantes. Seus olhos brilhavam de satisfação. Os pássaros estavam competindo com os aparelhos. Quanto mais agudo saía o som dos alto-falantes, mais agudos os pássaros procuravam emitir seus gritos.

— É agora ou nunca — murmurou Stach.

De uma vez, torceu até o fim o botão de comando. Ouviu-se um agudo terrível, um chiado fino. Os pássaros tentaram superar os aparelhos. E, então, ratearam... pam, pam, pam... As cordas vocais dos atormentadores de Decibel não aguentaram. Um minuto depois, nenhum pássaro era capaz de emitir qualquer som.

Stach desligou o aparelho. Um silêncio total tomou conta de Decibel.

Em suas casas, as pessoas tinham percebido que o som dos pássaros se tornara mais forte ainda. Também ouviram quando ratearam em sua tentativa de superar os aparelhos, e agora não ouviam mais nada, apesar de as aves continuarem voando sobre a cidade. A maioria das pessoas pensou que tinha ficado surda. Pássaros voando sem ruído não era possível. Durou pouco essa impressão. Logo começaram a ouvir a própria tosse, o ruído de portas e de passos. Não, não estavam surdos.

Aqueles que moravam na praça da prefeitura puderam ver quando o estranho rapaz saiu da casa do prefeito, olhou para o céu e tirou os protetores de ouvido. Viram, também, o próprio prefeito sair correndo da prefeitura, jogar no chão seus protetores, pisoteá-los e, depois, abraçar o rapaz e sair com ele dançando pela praça. Foi o começo da festa. Todos correram para a praça, e formou-se um monte de aparelhos de ouvido, atirados ao solo. As pessoas conversavam animadamente, sem nenhuma dificuldade de se entenderem. Alguns se cumprimentavam, como se quisessem renovar um velho conhecimento. Davam gritos de alegria e dançavam. Outros tentaram cantar, mas não podiam, pois em Decibel ninguém nunca cantara antes. O prefeito subiu no suporte da estátua de Gatsonius Pombo, o inventor dos protetores de ouvido, e começou a falar.

— Nós vamos aprender. Vamos nos tornar os melhores cantores do país. Graças ao jovem Stach aqui presente, esse maravilhoso rapaz que conseguiu realizar a grande proeza. Venha, jovem, para junto de mim, e conte o segredo de seu êxito.

Stach explicou:

— Eu ouvi com atenção os planos do senhor e dos vereadores Moven e Blankert. Tirei um pouco de cada um e percebi que poderia dar certo. Enfim, o importante é que, agora, as cordas vocais dos pássaros estão danificadas.

— Mas e os filhotes? — perguntou o prefeito. — Quando crescerem não vão fazer o mesmo ruído que faziam seus pais?

— Espero que não — respondeu Stach. — Os pássaros não serão mais capazes de ensinar a seus filhotes como emitir o tom agudo de antes. Vão se comunicar com a gritaria de que são capazes, como os outros pássaros e as pessoas. Mas, se por acaso a gritaria voltar, vocês já sabem como acabar com ela.

Foram decretados sete dias e sete noites de festa em Decibel. Todo mundo ficou bêbado, o prefeito ficou mais embriagado que todos. Um velho tinha guardado num canto de seu sótão um foguete de lágrimas, da época do antigo rei. Decidiu soltá-lo e todo o povo de Decibel maravilhou-se com a chuva de estrelas. Stach gritou:

— “Melhor um foguete no céu do que dez guardados no armário”, escreveu o rei.

— Ninguém fale mais nisso. Boca fechada, minha gente — murmurou o prefeito, que estava bêbado, mas não o suficiente para esquecer como o ministro da Severidade ficaria tiririca se soubesse do foguete.

Stach foi condecorado com a medalha de honra de Decibel e premiado com o direito de fazer um pedido. Ele pediu uma passagem de volta para a capital. O prefeito achou que isso não era nada, mas dessa vez sua língua de bêbado estava realmente enrolada demais para discutir. Disse apenas para Stach voltar um dia a Deci-

bel, a fim de receber a devida recompensa. Durante a despedida, na estação, Stach foi coberto de confetes, enquanto as moças beijavam suas mãos e sua face, todas gritando que queriam se casar com ele. Stach apenas acenou com os braços, o trem partiu, e Decibel foi desaparecendo até se tornar um pontinho formigando ao longe.

3

Polvorinho



Uma vez em Wiss, Stach abraçou seu tio Gervásio, acariciou seu cão, Ladino, e vestiu uma camisa limpa. Gervásio estava fora de si de tão orgulhoso. Todos os jornais falavam da proeza de seu sobrinho; o velho não podia deixar de extravasar seu contentamento, repetindo sem parar:

— Você está mesmo destinado a ser o rei de Katoren. Tal qual eu previ.

— Vamos ver primeiro qual será a segunda tarefa — comentou Stach. — Talvez eu tenha de saltar da torre da catedral. Nesse caso eu desisto imediatamente.

Fervilhava a discussão no Conselho de Ministros. Ali ninguém estava satisfeito com o êxito de Stach no cumprimento da primeira tarefa. O tiro tinha saído pela culatra. O orgulho de Ligeiro, o ministro da Eficiência, parecia o mais atingido. Mesmo quando procurava minimizar os fatos dizendo:

— É uma pena que eu próprio não tenha tido tempo de ir a Decibel. O problema dos pássaros teria, então, sido resolvido muito antes.

Ligeiro era um homem trabalhador, disso não havia dúvida. De manhãzinha até a noite sempre estava no batente. Metia seu afilado nariz em tudo. Todo dia escrevia dezenas de relatórios. Por mais incrível que pareça, ele era capaz de escrever com as duas mãos ao mesmo tempo. Pela manhã, podia se vestir em exatamen-

te dois minutos e sete segundos. Tomava seu café descendo as escadas, beijava sua esposa enquanto colocava o chapéu. Relaxar e descansar eram, para ele, palavras inconcebíveis. Os funcionários de seu ministério eram as pessoas mais ansiosas do mundo, a preocupação estampada em seus olhos, e geralmente morriam novos, vítimas de um ataque do coração. Ligeiro dirigiu-se ao ministro Vassouras, da Limpeza.

— Você, Vassouras, foi o mais favorável à ideia das tarefas. Pense, então, qual será a próxima. Mas descubra algo mais difícil que o trabalhinho em Decibel. Caso contrário vamos ter um rei de dezessete anos, que nunca escreveu um relatório em sua vida e que é, na certa, tão preguiçoso como os demais habitantes deste país de desfibrados.

Uma semana depois, Stach foi convocado pelo ministro da Limpeza. Entre os dois nasceu imediatamente uma antipatia recíproca. O rosto do ministro era liso e brilhante, suas unhas as mais limpas do país, fazendo jus a seu cargo. Trocava de camisa três vezes por dia, lavava os pés quatro vezes por dia. Em casa, ele, a mulher e os filhos cobriam a boca com lenços para não espalharem bacilos e bactérias no rosto um do outro. O Ministério da Limpeza parecia mais um hospital do que uma repartição pública. Todos os funcionários, devidamente metidos em aventais brancos, andavam com uma flanela na mão a fim de limpar as maçanetas das portas. Nas paredes estavam pregados provérbios correspondendo a todas as letras do alfabeto. Por exemplo, para a letra S: "Sou um campeão do sabão. Lavo minhas mãos antes e depois de cada refeição!".

Perto do ministro Vassouras, Stach não passava de um rapaz sujo. Suas unhas estavam apenas mais ou menos limpas. Havia ainda um pouco de titica dos pássaros de Decibel pregado em seu sapato.

O ministro notou imediatamente a sujeira e gritou:

— Credo! Por pouco não desmaio de nojo.

— Quer que eu busque um copo d'água? — perguntou Stach preocupado.

— Não. Prefiro que vá tirar de seu sapato essa coisa asquerosa.

Stach foi até o corredor e limpou a titica com um palito de fósforo. De volta ao gabinete, o ministro mais asseado do mundo, ainda pálido, disse com a voz quase sumida:

— Não tem vergonha de andar com essa sujeira? — Ao que respondeu Stach, o atrevido:

— Ah, o senhor não viu nada. Em Decibel a gente anda com titica de pássaro até o joelho.

Decididamente, entre os dois não poderia haver mesmo nenhum tipo de simpatia. O ministro da Limpeza foi, portanto, logo ao assunto:

— Suponho que você esteja interessado numa segunda tarefa.

— Claro que estou, Excelência.

— Acredito que você compreende que teremos de puni-lo severamente se falhar.

— Não — respondeu Stach. — Isso eu não compreendo.

— Apesar de silenciar os pássaros de Decibel ter sido uma tarefa relativamente fácil, você criou expectativas para o povo de Katoren. Todo mundo vai ficar muito desapontado se você fracassar nessa nova prova, e nós, ministros responsáveis, não poderemos ficar indiferentes ao desapontamento do povo.

— Oh! — exclamou Stach.

— Aqui está uma passagem de trem para Polvorinho. Sua missão é cortar o pé de romã da cidade.

— Vou comprar um bom machado — disse Stach.

— Acho que uma armadura seria mais conveniente. Bom dia.

Muitos jornalistas esperavam na porta do ministério. Stach explicou qual seria sua segunda tarefa, e eles correram para as redações a fim de dar a notícia.

Ao contrário da primeira vez, tio Gervásio mostrava-se otimista:

— Parece-me uma tarefa impossível. Mas estou plenamente convencido de que você conseguirá realizá-la.

Na manhã seguinte, Stach estava sentado no trem para uma viagem de trinta e seis horas até Polvorinho, situada no extremo sudoeste de Katoren.

Na metade do segundo dia, na última estação antes de Polvorinho, uma moça entrou na cabine de Stach. Ele a achou espetacu-

larmente bonita. Devia ter seus dezesseis anos, usava calças jeans e uma blusa colorida; tinha cabelos castanhos que desciam até os ombros e o mesmo ar destemido de Stach.

— Oi — ela disse com desenvoltura.

— Olá.

Apesar do desembaraço dos dois, nenhum deles parecia saber como prosseguir a conversação. Talvez porque se sentiram imediatamente atraídos um pelo outro.

— Você vai para Polvorinho? — perguntou Stach.

— Claro. É a próxima e última parada deste trem.

— Ah, é?

— Eu me chamo Kim.

— E eu, Stach.

— Stach? Certamente não o Stach de Decibel, que agora vai cortar nosso pé de romã?

— Sou este mesmo.

— Então é você?! Sabe, você não vai conseguir. — Havia muita sinceridade em sua voz.

— Por que não?

— Ora, veja. Todo mundo já tentou. Todo oficial com mais de três patentes já escreveu, pelo menos, um livro sobre o assunto. Meu pai tem três estantes cheias. Existe até uma revista, a NDA, *Notícias da Árvore*.

— Oh.

— Ei, Stach, vou levá-lo para minha casa.

— Qual é? Eu não sou nenhum cachorrinho, viu?

— Não seja bobo. Meu pai é o prefeito de Polvorinho. Ele está esperando. Você pode ficar hospedado com a gente. Minha mãe adora hóspedes. Aliás, eu também.

— Perfeito — disse Stach. — Fale-me um pouco mais da NDA.

— *Notícias da Árvore*? O que você quer saber?

— Tudo. Estou completamente por fora.

— Bem, a árvore existe há centenas de anos. À primeira vista, é um simples pé de romã. Sabe, uma árvore de frutos dourados, suculentos e cheios de sementes.

— Nunca vi semelhante coisa em minha vida. O clima da minha cidade é muito frio, não dá para esse tipo de árvore.

— Pois muito bem, a nossa árvore, há mais ou menos uns cinquenta anos, não produz mais romã. E sim outra fruta, também cheia de sementes, que explode como uma granada de mão quando cai no solo. E sabe o que é pior? A árvore dá frutos, quer dizer, granadas, o ano inteiro. Assim, ninguém pode chegar perto para cortá-la. Também nunca foi possível colher um “fruto” inteiro para ser analisado. Foi há dois anos que alguém tentou pela última vez dar cabo da árvore. Uma tentativa do coronel Leão, o destemido comandante da Unidade de Explosivos. Ele escolheu um dia bem calmo, sem vento. Aproximou-se da árvore dentro de um tanque com uma espécie de rede amarrada no cano do canhão. Sua intenção era aparar com a rede uma fruta antes que caísse no solo e explodisse. Todo mundo na cidade ficou à espera do resultado, tremendo de medo. Aí, ouvimos a tremenda explosão. O tanque do coronel Leão voou pelos ares em mil pedaços. A única coisa que encontramos dele foi um pedaço de seu dedo mindinho.

— E isso foi tudo?

— Bom, para não fugir à tradição, o coronel foi enterrado com honras militares. Eu mesma, você sabe, filha do prefeito, coloquei uma coroa de flores em cima do caixão.

— Kim, me explique uma coisa. Se a explosão da danada da fruta é capaz de despedaçar um tanque e um coronel, como é que não despedaça a própria árvore?

— Ah, o estrago é sempre enorme. Voam folhas e pedaços de galhos para todos os lados. Mas é uma árvore colossal. Pode ser feito um túnel em seu tronco. E as partes atingidas pela explosão recuperam-se com incrível rapidez.

— Por que não cercam a árvore com uns cinquenta canhões, colocados a uma distância segura, e disparam para pulverizar de vez a tal árvore?

— Já foi tentado. Com o primeiro tiro, explodiram tantas frutas que todas as vidraças da cidade se quebraram e as paredes ameaçaram vir abaixo. Tiveram de suspender a tentativa.

— Vocês então desistiram, resignaram-se?

— Que mais podemos fazer? Num raio de um quilômetro, ninguém mais se aproxima da árvore. As vidraças de nossas casas são ultrarreforçadas. Assim mesmo, algumas ainda quebram, quando há ventania e muitas frutas caem ao mesmo tempo. É como viver sobre um barril de pólvora.

“Garota simpática”, pensou Stach, feliz com as informações recebidas e consciente de que tivera muita sorte em encontrar a filha do prefeito no trem. Kim, tomada pela curiosidade, perguntou:

— Você já tem alguma ideia de como nos livrar do pé das romãs explosivas?

— Nenhuma.

— Você acha que vai levar muito tempo?

Stach deu de ombros e respondeu:

— Talvez eu nem consiga.

Em Polvorinho, Stach e Kim desceram do trem e foram para o centro da cidade, que não era grande. Stach notou que havia cobertas sobre os carros estacionados nas ruas.

— Para que são estas cobertas? — perguntou.

— Quando as explosões são muito fortes caem, às vezes, telhas e vidraças. As pessoas querem proteger seus maravilhosos automóveis — respondeu Kim com desdém.

Atravessaram uma praça e desceram a rua principal em direção à prefeitura e à residência do prefeito.

— Veja — disse Kim apontando com o dedo. — Lá está o cemitério da Igreja Grande. E lá que o coronel Leão foi sepultado.

— Belas janelas — comentou Stach.

— Presente da fábrica, há cerca de um ano, por ocasião de seu quadragésimo aniversário.

— Da fábrica?

— Bem perto de Polvorinho tem uma fábrica. É lá que trabalha quase todo mundo da cidade. Meu pai também está muito ligado a ela.

— Oh.

Chegaram à casa do prefeito.

A mãe de Kim já estava com seu casaco, pronta para sair.

— Mãe, este é o Stach. Eu o conheci no trem.

— Estou vendo — disse a mulher do prefeito. Ela tomou com carinho as duas mãos de Stach e disse amavelmente:

— É bom que você tenha vindo, jovem. Kim vai lhe mostrar o quarto de hóspedes. Claro que você não vai poder fazer nada com a Árvore, pois a Árvore é indestrutível, é sempre bom lembrar. Peço mil desculpas, mas tenho de sair agora. Nós vemos mais tarde. Kim, querida, há carne na geladeira e pão no armário.

— Aonde você vai, mãe?

— Vou à IA. Preciso me apressar, senão vou perder a canção do gargarejo. Até mais.

Ela partiu e Kim disse a Stach:

— Você pode tentar três vezes adivinhar o que é IA.

— Instituto de Ajuda.

— Não.

— Irmandade e Ação.

— Não.

— Idílicas Amorosas.

— Não. Nada disso. IA é a sigla de Irmandade da Árvore. É um clube de senhoras. Elas acreditam que a Árvore controla as nossas vidas. Como as estrelas, sabe?

— Ah, sim... este negócio de escorpião, libra...

— Exatamente. Estão lelés da cuca. Por exemplo, enquanto cantam o hino do clube fazem gargarejo com suco de romã. É a tal canção do gargarejo. Elas se vestem com folhas; tudo o que usam no ritual tem de ser de madeira. Uma loucura.

— Um dia destes vou ver esse ritual.

— Está louco? — gritou Kim. — Elas não permitem a presença de nenhum homem ou rapaz. Vocês estão sempre fazendo gozação com tudo.

— Então não vou.

Enquanto conversavam, Kim preparou dois deliciosos sanduíches. Assim que acabaram de comê-los, o prefeito saiu de seu gabinete de trabalho e se apresentou a Stach. Deu a impressão de ser um homem de muita energia, andando de um lado para o outro da

sala com alguns livros na mão. Não era o tipo de pessoa que gosta de ficar afundada numa cadeira conversando fiado, mas era muito cortês. Disse a Stach:

— Você pode permanecer aqui o tempo que quiser. Tudo o que precisar saber sobre a Árvore é só me perguntar. Praticamente todos os livros que foram escritos a respeito dela encontram-se em minha estante. Se você tem a intenção de ler todos eles vai precisar de alguns anos.

— Essa não é, de maneira nenhuma, minha intenção — respondeu Stach. — Prefiro seguir o ensinamento do velho rei, segundo o qual “um foguete no ar brilha mais do que cem caixas de foguetes no armário”.

E isso foi a última coisa de importância dita naquele dia. Depois, Stach e Kim continuaram conversando de tudo e de nada, e o prefeito apressou-se em voltar para seu gabinete de trabalho.

Na manhã seguinte, escoltado por Kim, Stach foi visitar o Panorama da Árvore, um restaurante de onde o pé de romãs explosivas podia ser visto. A olho nu, a tal distância, não causava muita impressão. Outra coisa era a Árvore vista através de uma luneta, que custava vinte e cinco centavos por minuto.

— Me parece uma árvore comum...

Mal Stach terminava a frase, ouviu-se uma enorme explosão que o fez pular. Sem se perturbar, Kim lhe disse:

— Se você virar a luneta um pouco verá a fábrica de pólvora.

— Que tremendo bum! Então aquilo era a Árvore?

— O quê? Ah, sim. Claro.

— Você disse “fábrica de pólvora”?

— Disse sim.

— Eles fazem pólvora ali?

— Pólvora, cartuchos, mísseis, todo tipo de munição.

— Então a explosão veio da fábrica.

— Nada disso. Seria muito fácil. Foi uma romã que caiu da Árvore. Está claro como a luz do dia.

— É muita coincidência que aqui também exista uma fábrica de munição.

— É, sim. Muita gente já disse isso, mas ninguém ainda conseguiu explicar o que a Árvore e a fábrica têm a ver uma com a outra. Vamos voltar para casa?

— Vamos.

Stach foi direto para o gabinete de trabalho do prefeito.

— Você quer saber mais alguma coisa da Árvore? — perguntou o prefeito.

— Quero saber como cresce uma simples romã.

— Mas isso você aprendeu na escola, rapaz.

— Estive muito pouco tempo na escola. Só o suficiente para aprender a ler e a escrever. Fora isso não aprendi mais nada.

— Ah, é? Pois bem, preste atenção. Tudo começa com os botões, que em seguida transformam-se em flores. Toda flor tem seu núcleo, onde estão os estames, produtores das células masculinas, e o gineceu, que gera as células femininas. Se um estame da mesma flor ou de outra entrar em contato com o gineceu, então este se fecunda, formando uma espécie de ovário onde a fruta se desenvolve.

— Ah, então é assim. Mas como os estames entram em contato com o gineceu?

— Por intermédio dos insetos, que trazem o gineceu em forma de pólen em suas patas, quando vão pousando de flor em flor. Ou simplesmente por meio da ação do vento.

— Prefeito, aqui perto há uma fábrica de pólvora, não é verdade?

— Há, sim.

— De suas chaminés, junto à fumaça, saem também resquícios do material utilizado para a fabricação da pólvora, certo?

— Sem dúvida. Já sei aonde você quer chegar.

— E o pó das chaminés pode cair no gineceu das flores da Árvore e aí temos, em vez de romã, uma granada.

— Quer saber de uma coisa? Eu também já pensei nisso. É muito improvável. E, se assim fosse, nada poderíamos fazer. Não há como impedir que um pouco de resquício de pólvora saia de uma fábrica tão grande.

— Não me leve a mal, prefeito, mas eu não creio que seja improvável que isso aconteça e, se assim for, é muito fácil resolver o problema.

— Como assim?

— É só fechar a fábrica.

— Impossível — exclamou o prefeito, atirando seus braços para cima. — A fábrica é o ganha-pão da maioria dos habitantes da cidade. Seríamos arruinados.

Stach coçou atrás da orelha e disse:

— Epa! O que acontece com a pólvora e toda a munição produzida?

— Vão para um grande depósito, o chamado Arsenal de Katoren.

— Para quê?

— Garantia, rapaz, em caso de guerra com Eltoren, nosso país vizinho.

— Foi há trinta anos que tivemos a última guerra com Eltoren. Já temos uma montanha de munição estocada. Não é suficiente?

— Não, não é. De acordo com nossos espiões, eles também não param de fabricar o chamado chumbão de Eltoren. Não podemos ficar atrás, compreende?

— Não, prefeito, não compreendo. Fabricamos munição sem parar porque Eltoren fabrica. E Eltoren não para de fabricar porque nós fabricamos.

— Assim é.

— É uma loucura total!

— É verdade. Mas ninguém sabe como mudar a situação.

— Imagine, prefeito, se o diretor da fábrica, em vez de pólvora, enviar para o Arsenal de Katoren sacos cheios de uma mistura de areia e pó de turfa. O que aconteceria?

— Bem, o ministro... os generais e marechais... os administradores do arsenal... Quer dizer, a princípio não aconteceria nada, iam levar muito tempo para descobrir.

— Então, está aí a solução.

— É, mas um dia eles descobrem.

— E?...

— E??? Farão um monte com os sacos de areia e turfa no parque da cidade, passarão uma corda no meu pescoço e me deixarão dependurado no galho da árvore mais alta.

— Mas por que o senhor, prefeito?

— Porque eu sou, também, o comissário-presidente da fábrica.

— O que é isso?

— Sou o dono.

— Ah!

Stach saiu, pensativo, da sala do prefeito. Por pouco escapou de uma pregação sentimental da mulher do prefeito sobre a Irmandade da Árvore. Perambulou pelas ruas da cidade, com alguns sobressaltos quando ouvia uma romã explosiva cair no chão. Comeu uns três saquinhos de batatas fritas e outros tantos arenques crus, delícia nacional vendida em tendas espalhadas pela cidade. Fazia sol, os pássaros voavam agitados, os cabelos de Kim cintilavam como nunca, e as chaminés da fábrica de pólvora continuavam enviando fumaça negra para o ar a fim de entupir ainda mais o grande Arsenal de Katoren de material de destruição. “E ainda dizem”, pensava Stach, “que o burro é o animal mais idiota da Terra!”.

Em poucos dias, Stach acostumou-se com os estrondos produzidos pelas romãs explosivas. Passava a maior parte do tempo passeando pelas ruas, ora só, ora acompanhado de Kim. Ninguém o importunava. A mulher do prefeito voltou a lhe assegurar que poderia ficar alojado em sua casa o tempo que quisesse, o prefeito o via raramente, e às vezes Kim o beijava, às escondidas, num banco do parque.

Um dia, totalmente absorvido por seus pensamentos, Stach saiu da cidade, caminhando em direção à Árvore. Queria porque queria resolver o problema: como paralisar a fábrica de pólvora sem colocar em perigo a prosperidade da cidade. Assim pensando, ele nem percebeu que estava chegando muito próximo da Árvore. Já tinha cruzado a linha vermelha, além da qual podia ser atingido pela explosão de uma romã. Pensava e pensava: “Talvez passe mais

de um ano até que descubram os sacos de turfa moída com areia no grande arsenal. Mas e então? Enforcam o pai de Kim. Isso não é possível. Coloca-se a culpa em outra pessoa? Não, aí essa pessoa também seria enforcada. Não, não dá”.

Uma terrível explosão, acompanhada de pancadas em sua cabeça e em seu ombro direito, acordou Stach de seus pensamentos e o derrubou no solo. Levou os dedos da mão esquerda ao ombro atingido e os sentiu melados de sangue. “Fui ferido”, pensou, ainda atordoado. Levantou-se com dificuldade e, cambaleante, tentou voltar para a cidade. Sentia a cabeça leve, a perda de sangue tirava suas forças. Caiu desmaiado, perto da linha vermelha. Foi encontrado, meia hora depois, por dois funcionários do Serviço de Parques Públicos. Tiraram seu casaco, limparam a ferida em seu ombro, improvisaram uma maca e o levaram de volta para a casa do prefeito. Os dois sabiam perfeitamente quem era o rapaz ferido. Todo mundo em Polvorinho já conhecia Stach.

Kim quase entrou em pânico ao ver seu amigo ser trazido ensanguentado e desmaiado. Mas ainda teve cabeça fria para ir chamar um médico. O doutor o examinou, cuidou de seus ferimentos e fez-lhe uma transfusão de sangue. Mas só quando o prefeito pingou uma gota de conhaque em sua boca Stach recuperou um pouco a consciência. O doutor disse:

— Ele vai se curar sem problemas. Mas precisa ficar de cama várias semanas.

— Não há problema — apressou-se Kim em dizer. — Eu cuido dele.

Ela passava a noite toda ao lado de sua cama, ora dando-lhe água numa colher, ora ajeitando seu travesseiro; em resumo, comportava-se como qualquer garota quando seu herói está ferido.

Durante dias, Stach ainda permaneceu atordoado, semiconsciente. Em seus delírios, entre o sonho e a realidade, ele não parava de balbuciar:

— O sr. Smit. O sr. Smit é a solução.

Kim não obteve nenhuma explicação sobre quem seria o tal de sr. Smit, mas o seu pai sim. Numa manhã, quando o prefeito estava ao lado de sua cama, Stach abriu os olhos e disse:

— Prefeito, o senhor precisa nomear o sr. Smit diretor-presidente da fábrica de pólvora.

— Sr. Smit?

— Sim. Na verdade ele não existe. Escreva ao Conselho de Ministros dizendo que o senhor tem muito trabalho na prefeitura e por isso está nomeando o sr. Smit para dirigir a fábrica. Mais tarde, quando eles descobrirem os sacos de turfa e areia, o sr. Smit desaparece, foge para Eltoren. Vão pensar que ele era espião.

O prefeito apurou-se na cadeira, mostrando-se interessado, e perguntou:

— E o que vão fazer os operários da fábrica?

— Fogos de artifício. Não se precisa de pólvora. Fogos de artifício para depois. Para quando eu for rei: aí eles poderão ser vendidos em todo o país.

Estaria Stach delirando de novo? Parecia. E, no delírio, balbuciou um provérbio do velho rei:

— “Chuva de estrelas coloridas, azuis, vermelhas, amarelas, é melhor do que estrelas numa farda de general.”

O prefeito retirou-se pensativo para seu gabinete. Ficara chocado com o acidente. Havia anos que ninguém era ferido pelas explosões das romãs. Resoluto, ele apanhou uma folha de papel, retirou do bolso sua caneta e escreveu: “Excelências, dado o excesso de trabalho na prefeitura, estou indicando o sr. J. P. Smit para assumir o cargo de diretor-presidente da fábrica de pólvora. O sr. Smit é um técnico de gabarito e um homem de confiança. Sua experiência como fabricante de munição...”.

Pouco a pouco, Stach recuperou-se dos ferimentos. Kim voltou a frequentar a escola. A mulher do prefeito continuava ocupada com a Irmandade da Árvore. Enquanto isso, ainda de cama, Stach lia um livro atrás do outro da biblioteca do prefeito. A fábrica parou de produzir pólvora. Por ordem do invisível sr. Smit — suas instruções eram sempre por carta, escritas no confortável gabinete construído só para ele —, a fábrica passou a produ-

zir fogos de artifício, com a recomendação de que os operários mantivessem sobre isso o maior segredo. Continuava havendo trabalho para todos. Embora surpresos, uns fabricavam e estocavam os fogos de artifício, enquanto outros enchiam os sacos com a mistura de areia e turfa para serem enviados ao grande Arsenal de Katoren.

Numa folha de papel, Stach começou a anotar o número de explosões por semana. No início não houve nenhuma mudança. O prefeito, que discutia com Stach todo dia, não se surpreendeu com isso. Explicava:

— Temos de esperar mais. São necessários pelo menos dois meses para que as flores frutifiquem e os frutos amadureçam.

Realmente, depois de dois meses o número de explosões começou a diminuir. Já dava para todo mundo perceber, e os jornais começaram a escrever a respeito. Os jornalistas estavam a par de que Stach se encontrava na cidade para executar sua tarefa. Sabiam, também, que ele estava seriamente ferido na casa do prefeito. Nas colunas sociais, não faltavam insinuações de sua grande amizade com Kim, a formosa filha do prefeito. Mas nenhum jornalista tinha a menor ideia de que o jovem, que tanto queria ser rei, mesmo em seu leito de enfermo era quem comandava o espetáculo.

Quatro meses e três dias depois do acidente, Stach ouviu o *bum* da última romã explosiva. Precisamente no dia em que pôde colocar os pés fora de casa. Munidas de possantes lunetas e binóculos, as pessoas examinavam se ainda havia romãs explosivas na Árvore. Por experiência — pela cor e pela forma — elas sabiam distinguir muito bem uma romã normal de uma romã explosiva. Não, não havia mais romãs-granadas. As novas frutas da imensa árvore eram suculentas e deliciosas romãs. Homens do Departamento de Obras Públicas, munidos de machados e serras, foram cortar a Árvore. Muita gente desconfiada procurou abrigo nos porões, algumas fanáticas da Irmandade da Árvore arrancaram os cabelos em sinal de protesto e lançaram pragas divinas contra os profanadores da romãzeira sagrada. Ninguém as ouviu. A Árvore foi derrubada, e seus galhos e troncos serrados em toras de lenha, com as quais foi erguida uma fogueira colossal.

Stach colocou numa mala as poucas coisas que tinha na casa do prefeito. Ia embora, e ninguém podia saber como a Árvore pôde ser cortada. Era muito perigoso.

— Mais tarde — disse o prefeito. — Quando você for rei, vou contar para todo mundo como você conseguiu.

Em seguida, o prefeito escreveu duas cartas, ambas dirigidas ao Conselho de Ministros. A primeira, enviada pelo correio, informando que o sr. Smit tinha desaparecido e que, por isso, deveria reassumir o cargo de diretor-presidente da fábrica.

— Vamos precisar ainda, por algum tempo, fabricar pólvora em nome da paz e da segurança — disse, com pesar, o prefeito a Stach.

— Depois que eu for rei, acabamos de vez com isso. — A segunda carta, Stach a levou consigo para entregá-la, em mãos, aos ministros.

Em frente à casa do prefeito já havia uma multidão gritando por Stach.

— Não quero ser visto. Eles vão querer saber o que aconteceu, e eu não posso explicar.

— Vamos sair pela porta dos fundos — sugeriu o prefeito. — Vou levá-lo à estação. Vamos por umas ruas escondidas.

— Não, deixe que eu o leve — disse Kim.

Havia lágrimas em seus olhos? Sem dúvida havia, escorrendo pela face. Da janela do vagão, Stach as enxugou com um beijo e disse:

— Um dia, quem sabe, você ainda vai ser rainha.

— Se você precisar de mim é só chamar — gritou Kim, correndo para acompanhar o trem que lentamente deixava a estação.

Stach acenou-lhe. Por muito tempo a imagem dos olhos de Kim permaneceu em seu pensamento, duas estrelas brilhantes que foram sumindo, enquanto Polvorinho também ficava para trás.

4

A terceira tarefa



Durante o tempo em que esteve de cama, Stach trocou algumas cartas com seu tio Gervásio, de modo que o velho criado já estava mais ou menos a par dos acontecimentos quando o sobrinho chegou. Com suas economias, Gervásio comprou um buquê de flores, do tipo preferido por Stach.

— Aqui estamos de novo. Belas flores — comentou o rapaz.

— Ei, você tem uma cicatriz atrás da orelha. Isto não estava no programa — comentou Gervásio. E depois perguntou: — Onde está a moça?

— Na casa dela, é claro.

— Pensei que você fosse trazê-la.

— Não. Ela está na escola. E os ministros, como estão?

— Eles ouviram dizer que a romãzeira explosiva foi cortada, mas não estão muito satisfeitos. Como foi que você conseguiu?

— É um segredo.

Tio Gervásio olhou desapontado para o sobrinho.

— Mesmo para mim?

— Ah, não. Para o senhor eu posso contar.

Stach fez um breve resumo para seu tio.

— E se eclodir uma guerra agora com Eltoren? — perguntou Gervásio preocupado. — Nossos soldados carregam os canhões com turfa e areia e entram pelo cano.

— E se a Terra explodir nós viramos grãos de areia em tor-

no do Sol — respondeu Stach, tentando desfazer a preocupação do tio.

Quando esteve de cama, andou lendo uns livros de astronomia.

Stach estava muito feliz por se encontrar na própria casa, dormir na própria cama, remexer em suas próprias coisas, acariciar seu próprio cão. Ladino transbordava de alegria com a volta do dono.

Gervásio foi perguntar quando os ministros poderiam receber Stach. Regressou desiludido.

— Os ministros não querem recebê-lo. Disseram que você não executou sua tarefa, que você estava de cama e que a Árvore caiu por si mesma.

— Já esperava por isso. Amigos meus é que eles não são — disse Stach enquanto entregava ao tio a carta que o prefeito lhe dera. — Por favor, tio Gervásio, dê esta carta ao ministro Recto. Ele não poderá ignorá-la, sob pena de que tremam os alicerces do Ministério da Honestidade.

— Sua vontade será feita, príncipe.

No dia seguinte, Gervásio entregou a carta ao ministro Recto. Ele convocou uma reunião de seus colegas e a leu:

— “Vossas Excelências. Em nome de todos os habitantes de Polvorinho agradeço-lhes a bondade de terem enviado o rapaz Stach para resolver o problema da romãzeira explosiva. Ele não pode contar como conseguiu realizar mais essa tarefa, pois isso colocaria em perigo sua segurança. Mas o fato é que ele cumpriu sua tarefa. Arriscou a própria vida aproximando-se da Árvore e terminou gravemente ferido. Minha estima e minha admiração por esse jovem katoreense é das mais elevadas. Aceitem os votos de respeito e admiração deste humilde servidor público, prefeito de Polvorinho”.

O selo da prefeitura atestava a autenticidade da carta. O pai de Kim, evidentemente, não se preocupava muito com a verdade. Felizmente o ministro da Honestidade não sabia disso.

Depois disso, os ministros começaram a levar Stach a sério. O rapaz tinha de fato habilidades, estava conseguindo mais do que esperavam ou, melhor, mais do que temiam. Os jornais só escre-

viam artigos elogiosos a seu respeito. Era bom que alguns problemas de Katoren fossem resolvidos, mas a sensação dos ministros era de que a imprensa não deixava de criticá-los ao mesmo tempo que elogiava Stach. Tomou a palavra o ministro Hermano, da Virtude, excepcionalmente presente à reunião, pois estava sempre viajando para dar conferências:

— Não podemos deixar esse rapazinho ser muito adulado. Isso pode prejudicar o seu caráter.

Os outros ministros fizeram um sinal de aprovação com a cabeça. Falou o ministro Sisudo, da Severidade:

— Estou profundamente feliz de que Decibel e Polvorinho tenham se livrado de seus problemas. Mas isso não quer dizer...

— Não podemos, francamente, sacrificar esse garoto — cortou o ministro da Virtude. — Ele pode ficar estragado para sempre com tanta bajulação.

— Para encurtar a conversa — disse Ligeiro, temendo que se seguiria uma longa discussão psicológica —, três tarefas são suficientes. Está na hora de pensarmos em coisas sérias. Quem tem uma sugestão?

— Eu — disse o ministro Dureza, dos Regulamentos e da Ordem.

Cinco rostos o encararam à espera de uma resposta, que veio logo em seguida:

— O dragão de Fumaceira.

Os outros deram o aceno de concordância.

— Não podemos pedir isso a ele — disse o ministro Recto com ironia na voz. — Há mais ou menos um ano o dragão de Fumaceira almoçou um regimento de infantaria inteiro.

— O regimento comandado pelo coronel Potência?

— Exatamente.

— Ah, agora eu sei por que Potência desapareceu do clube — comentou o ministro Ligeiro, o único que frequentava um clube, pois gostava de estar em todos os lugares.

— De fato, o coronel foi comido acidentalmente. Fizeram uma estátua dele em Fumaceira.

— Estátua é a coisa que mais há em Katoren — comentou o ministro Vassouras, da Limpeza, fazendo uma careta engraçada.

— Estão todas sujas de titica de pombos. Muito difícil de limpar. Sou contra as estátuas.

— Voltemos ao assunto, senhores — disse o ministro da Eficiência. — Será o dragão de Fumaceira a próxima tarefa?

Ninguém apresentou nenhuma objeção.

— Então está decidido. Dureza, a ideia foi sua. Cuide dos detalhes.

O ministro Dureza aceitou a incumbência, apesar de isso representar uma grande alteração em sua agenda. Sendo ele o ministro dos Regulamentos e da Ordem, era muito penoso modificar sua rotina diária, planejada nos mínimos detalhes. Uma rotina precisa, sem desvios, em seu entender, era boa para a saúde e para o bom andamento dos trabalhos e, portanto, boa também para a eficiência, a virtude, a honestidade e a seriedade. Algumas más línguas diziam que o fervor do ministro Dureza pelos regulamentos e a ordem tinha proporções doentias. De fato, ele usava um relógio em cada pulso e ainda carregava um despertador de bolso que fazia seu trim-trim para que ele não se esquecesse da agenda do dia. O ministro levantava-se todas as manhãs precisamente às sete e vinte. A única exceção foi a manhã em que, acometido por terrível dor de dente, viu-se obrigado a quebrar a rotina, telefonando para o dentista e tirando-o da cama às seis e quarenta e cinco. Em seguida, sua digestão ficou desregulada por quatro dias. Não se sabe se por ter engolido sangue ou pela frustração de ter sido obrigado a quebrar seu esquema diário. A grande paixão do ministro Dureza era a meteorologia. Ele queria porque queria descobrir um sistema que fizesse chover regularmente num determinado dia da semana.

Enfim, chegou o dia e a hora marcados na agenda do ministro para convocar Stach a seu gabinete e mandá-lo liquidar o dragão de Fumaceira.

Stach ficou contentíssimo. Ele, que vivia imaginando combates com dragões, ia finalmente lutar contra um de verdade. Tio Gervásio, porém, não ficou nada contente. Lembrava-se muito bem das manchetes sobre o coronel Potência e seu regimento transformados em papa de dragão. Gervásio comentou preocupado:

— Esse dragão deve ter sete cabeças.

— Claro, senão não seria um dragão de verdade — disse Stach excitado. — Só se podem cortar seis cabeças. Se você cortar a sétima, renascem todas elas em seguida.

— Como você vai conseguir degolar as seis cabeças do dragão se um regimento inteiro não foi capaz disso?

— Sozinho, quem sabe, é melhor do que acompanhado de soldados, tio Gervásio. Uma coisa pelo menos já sei: não tem o menor sentido levar comigo um regimento. Vou com o mínimo indispensável: meu canivete, um pedaço de corda e um par de camisas.

— Au, au — disse, quer dizer, latiu Ladino.

— Ah, você quer ir comigo, cãozinho? Não pode. Os dragões adoram carne de cachorro. Fique aqui, bem comportado, cuidando de seu velho dono. Até a volta, tio.

— Até a volta, Stach. Deus o abençoe.

Depois dessa breve despedida, com o cabelo por cortar, Stach partiu em busca do dragão de Fumaceira.

Fumaceira



Fumaceira situava-se no centro pantanoso de Katoren. A região estava quase sempre tomada pela neblina. Era um nevoeiro sujo, cobrindo o solo pantanoso, deprimente para qualquer mortal. Ali cresciam amieiros fantasmagóricos, salgueiros disformes, silvados espinhosos, urtigas, lycopódios e outras ervas de brejo, deixando pouco espaço para a minúscula hera dourada de duas folhas. Bambus descoloridos com suas raízes sob o lamaçal pareciam plumas de um espanador acariciando as pernas de quem por ali passava. Cobras venenosas deslizavam, em silêncio, sobre o solo úmido, sempre prontas para o bote certo contra os ratos que devoravam os patinhos desgarrados sem se dar conta do perigo rastejante. O medo imperava por todos os lados. Se uma destemida libélula dava um pouco de vida ao ambiente, pairando como um helicóptero colorido sobre as águas, um peixe saltava e levava com ele para o fundo o anjo dos insetos. O que sobrava era uma asinha arrancada flutuando na superfície.

Era nesse mundo de morte e perigo que vivia o dragão. Ele sentia-se em casa. Alimentava-se de pássaros mortos, fungos, material em putrefação e da carne dos incrédulos. No lugar tocado por sua cauda escamosa, nada crescia durante um ano. Até onde alcançava seu hálito quente, morriam as plantas e os insetos. Bastava um olhar furtivo de um de seus catorze olhos para provocar, na pessoa atingida, sarna e outras doenças da pele.

Assim que Stach desceu do trem, viu-se obrigado a levar o lenço ao nariz. Havia um cheiro de enxofre, de ovo podre, talvez de cocô de dragão, intolerável. Nuvens negras de fuligem flutuavam entre as muitas torres. Tudo estava coberto por uma camada de poeira negra.

Com seus olhos quase fechados e ainda com o lenço no nariz, Stach dirigiu-se ao centro da cidade. Ele era o único que caminhava. Os outros estavam em carrinhos presos ao longo de cabos suspensos sobre as ruas, movendo-se como trens em alta velocidade. Todas as janelas de vidro estavam hermeticamente fechadas e de seus exaustores saía uma fumaça negra. “Céus!”, pensou Stach.

Um pensamento vão, pois o céu não estava à vista. O que Stach via eram casas. Palácios, poderíamos dizer. Que cidade! Ruas largas, casas construídas com o melhor e o mais variado material. Mosaiços brilhantes desenhados em mármore, bronze e ouro. Também a calçada por onde Stach caminhava era de pedras coloridas semipreciosas. Em quase toda rua erguia-se uma majestosa catedral, com suas torres e cúpulas se perdendo no nevoeiro negro. Nas casas, as janelas eram extremamente pequenas. Devia ser muito escuro no interior, pois se viam luzes acesas mesmo durante o dia. Junto às janelas havia plantas. E que plantas! Musgos, hepáticas, líquens, cogumelos diversos.

As plantas estranhas, o nevoeiro negro e a atmosfera deixavam Stach deprimido, ainda que as construções e os edifícios fossem tão belos. Sua vontade era voltar no primeiro trem disponível. “Mas o que é isso?”, pensou Stach. “Aprume-se, está na hora de procurar o prefeito.”

Não foi difícil encontrar a prefeitura e a residência do prefeito. Estavam, como em outras cidades, na praça central. Pareciam verdadeiros castelos. Stach tocou a campainha na casa do prefeito. Apareceu um senhor metido num uniforme de gala que bem poderia ser o uniforme do coronel Potência. Stach pensou que só podia ser o prefeito em pessoa.

— Meu nome é Stach, senhor prefeito.

— Eu não sou o prefeito. Sou o mordomo — respondeu o senhor secamente.

— O que é isso, mordomo?

— O criado.

Stach arregalou os olhos admirado. Com seu atrevimento costumeiro perguntou:

— Como é, então, a farda do prefeito?

— Isto não é uma farda. Isto é uma libré igual à de todos os mordomos que trabalham em casas distintas.

— Ah! Posso falar com o prefeito?

— Não — respondeu o mordomo. — Em primeiro lugar, o prefeito não está em casa. Em segundo lugar, você não pediu audiência. Em terceiro lugar, você não está vestido apropriadamente. Ninguém pode aparecer diante do prefeito sem estar usando paletó.

— Olhe, jaqueta eu não tenho. De qualquer maneira, quero marcar uma audiência para hoje à noite. Ou seja, hoje à noite quero falar com o prefeito.

— Sem paletó é impossível.

Stach não se deixou intimidar pelo mordomo.

— Pois diga ao prefeito que eu estou aqui. Stach, de Wiss. Vim para cortar a cabeça do dragão de vocês.

— Nosso...?

— O dragão, entendeu?

O mordomo ficou aturdido. E ficou mais ainda quando Stach levantou-se na ponta dos pés e soprou em seu ouvido:

— Olhe seus sapatos. Estão sujos de fuligem.

E, depois, em voz alta:

— Até hoje à noite, senhor.

Stach aproveitou o tempo para conhecer mais a cidade. Uma arquitetura fantástica, perdida no meio do nevoeiro e do mau cheiro. Quis tomar café, mas saiu do restaurante ao ver a lista de preços. Um absurdo, cinco dólares na conversão oficial por uma simples xícara de café. Preferiu tomar um gole de água na fonte do parque. Sentiu um gosto sujo, estranho. Com as mãos em concha pegou um pouco de água e viu, nadando nela, pequenos vermes vermelhos. Cuspiu, atirou fora a água e passou o resto do dia admirando as catedrais. Entretanto, por mais belas que fossem, Stach não conseguia sair da mais profunda depressão de sua vida. “Tenho de aca-

bar logo com esse dragão, senão estou perdido”, pensava. À noite, voltou a puxar a bola de mármore que acionava a campainha da casa do prefeito. O mordomo abriu a porta. Apesar de sua roupa imprópria, Stach foi convidado a entrar e, após uma breve espera, introduzido na sala de trabalho do prefeito. Era um homem dos seus cinquenta anos, muito apresentável, embora metido num terno comum. Cabelo curto, quase raspado, partido ao meio numa linha perfeita. Presos no nariz afilado, uns óculos de aros de ouro. Por trás de sua imensa mesa de trabalho, ele saudou nosso herói com uma amabilidade que não era de esperar de um senhor usando óculos dourados. Ele também estava a par das façanhas de Stach, graças à leitura dos jornais. Ele também estava seguro de que, dessa vez, a tarefa era impossível, do mesmo modo que tinham pensado os prefeitos de Decibel e Polvorinho.

— Até o coronel Potência e seu... — começou a dizer o prefeito.

— ... e seu regimento inteiro — cortou Stach. — Já estou por dentro da história, prefeito.

— Pobre rapaz. Que posso fazer por você? Já tem um hotel?

— Não — respondeu Stach.

— Então vou mandar reservar, já, um quarto para você no Hotel Dente do Dragão. Fica aqui em frente, do outro lado da praça. É o melhor hotel da cidade.

— Quanto custa a hospedagem, prefeito?

— Não muito. Uns cento e cinquenta katorais por noite. (Nossa, quase cem dólares.)

— Então posso permanecer vinte minutos neste hotel. Para mais do que isso não tenho dinheiro.

— Oh, você esqueceu o seu dinheiro?

— Não esqueci. Eu não tenho.

O prefeito ficou mais do que surpreso.

— Como é possível? Meu mordomo dispõe de quase meio milhão de katorais. Quase todo mundo aqui é milionário.

Foi a vez de Stach ficar surpreso.

— Mas não tem importância — prosseguiu o prefeito. — Sabe de uma coisa? Você pode vir aqui executar uns trabalhos para a prefeitura. Assim podemos pagar sua hospedagem.

O prefeito pegou o telefone e ligou para o Hotel Dente do Dragão. Reservou uma suíte para Stach, com a recomendação de que todas as refeições lhe fossem levadas onde quer que as quisesse. E mandou que enviassem a conta para a prefeitura.

— Pronto, isso está solucionado. Conte-me agora: como é que você vai nos livrar do dragão?

— O senhor não poderia falar-me um pouco sobre o monstro?

— Naturalmente.

O prefeito contou como o dragão poluía e envenenava a região soltando pela boca gases e fumaça. Como as plantas e animais não podiam mais viver por onde ele passava. Como seu vômito enchia de vermes e parasitas as águas e como seu hálito empestava o ar.

— Acho que este fedor não vem apenas do hálito do dragão — disse Stach enquanto rejeitava com um olhar de nojo o charuto que lhe era oferecido.

O prefeito fumava um charuto atrás do outro. As poucas pessoas que Stach viu nas ruas também fumavam o mesmo tipo de charuto fedorento.

— Ah, sim. Os charutos! — comentou o prefeito. — É por causa do dragão. Fumamos estes charutos fortes para não sentir a catinga do dragão. Entende?

— Não.

— Como não?

— Não entendo. Não entendo como se pode livrar de um mau cheiro produzindo um mau cheiro pior ainda.

— Você ainda não conhece o dragão — suspirou o prefeito. — Você ainda não sabe o que é estar sempre respirando ar com cheiro de ovo podre.

— E aqueles carrinhos que correm em cabos sobre as ruas? Muito engenhosos, mas produzem uma fumaceira horrível. É necessário?

— Assim vão mais rápido — respondeu o prefeito.

— E para que ir rápido?

— Para você ficar o mínimo de tempo nas ruas.

— E por que as pessoas não querem ficar na rua?

— Para não respirar a fedentina.

— Típica — comentou Stach. — Uma cidade bem típica, Fumaceira. Eu nunca conheci uma cidade tão bonita e tão rica que ninguém tenha o prazer de admirar. Por que há tanta riqueza na cidade, prefeito?

— Porque está todo mundo sempre trabalhando.

— E por que está todo mundo sempre trabalhando?

— Porque não há outra coisa para se fazer.

— Como é que pode? Eu sempre encontrei coisas interessantes para fazer em meu tempo livre.

— O que, por exemplo?

— Ora, nadar, andar pelos bosques, conversar com os amigos na praça, jogar futebol ou... simplesmente ficar deitado tomando sol.

— Justamente — disse o prefeito. — Vejo que você me entendeu. Mas agora, jovem, me desculpe. Tenho de preparar dois relatórios para amanhã de manhã. Vá para o hotel, descanse bem e medite sobre a melhor maneira de nos livrar do dragão. Se for preciso dinheiro, não há problema. Posso dizer-lhe que não adianta cortar as cabeças do monstro. Elas crescem de novo. O coronel Potência poderia lhe explicar melhor, se não tivesse sido devorado. Até a vista.

O prefeito voltou a sua pose de senhor sisudo. Estendeu as mãos, formalmente, e tocou um sino chamando o mordomo para levar Stach até a porta de saída.

— O senhor tem uma longa jornada de trabalho — disse Stach ao mordomo. — Hoje de manhã o senhor estava no batente e agora já são onze da noite.

— Apenas dezesseis horas por dia.

— Chama isso de apenas?!

— Realmente não é necessário dormir mais de oito horas por noite.

— Mas, homem, é preciso um pouco de tempo livre.

— Nós, os habitantes de Fumaceira, não gostamos de tempo livre. Gostamos de trabalhar. Boa noite.

A resposta de Stach ficou abafada no lenço que levou ao nariz assim que saiu para a rua.

O Hotel Dente do Dragão era muito chique. Dois criados correram ao encontro de Stach para levar suas malas. Ficaram pasmados ao notar que ele só trazia uma mochila na mão. Os dois se ocuparam em levá-la para cima, cada um segurando uma alça. Segundo as normas do hotel, eram necessários, no mínimo, dois criados para cada hóspede. Para alguns hóspedes de maior importância eram designados até dez criados.

A suíte reservada para Stach era um luxo só: tapetes onde se afundavam os pés até a canela, uma cama em que dava para dormir todo o Conselho de Ministros e uma banheira onde se podia ter aulas de natação. Candelabros de ouro, poltronas luxuosas, cortinas de damasco, pinturas famosas nas paredes... Mesmo assim, Stach sentia-se ainda deprimido. Talvez porque não pudesse ter Kim a seu lado. Já odiava o dragão sem nem mesmo tê-lo visto e voltou a assegurar a si mesmo que o monstro ia ser destruído o mais rápido possível. Deixou-se cair na imensa cama e dormiu dez horas seguidas.

Na manhã seguinte, depois de um café da manhã numa bandeja de prata, Stach molhou de lavanda e água-de-colônia seu lenço e seu casaco, juntou toda a sua coragem e saiu pelas ruas da cidade fedorenta. Tentou conversar com as pessoas, sem êxito, pois ninguém queria ficar parado na rua além do estritamente necessário. Finalmente, ele conseguiu entabular conversa com um lixeiro.

— Você está vendo ali aquela nuvem amarela e suja? — disse o lixeiro apontando com o dedo. — Olhe, ali, no meio do nevoeiro você pode divisá-la. Preste atenção, ao sul. É lá que o dragão se encontra, com toda a certeza.

— Por que a nuvem é amarela?

— Enxofre. Enxofre amarelo. Dizem que o monstro expele enxofre o dia inteiro. Eu nunca o vi, felizmente. Seu olhar, por mais breve que seja, provoca sarna nas pessoas.

— Ele já entrou na cidade?

— Quase nunca, felizmente. Ele gosta de ficar no pântano.

— O senhor sabe da história do coronel Potência?

— Sei, sim. Isso todo mundo sabe. O coronel veio com mil soldados, armados com fuzis e canhões. Todos nós fomos vê-los na manhã em que partiram da praça do mercado. As garotas jogavam

beijos de despedida para os soldados, a mulher do prefeito beijou o coronel Potência. Foram os últimos beijos que receberam, exceto os soldados Braas e Vageeren. Somente os dois regressaram à noite, exaustos, quebrados. Estão agora internados num hospício. Contaram que foi uma fuzilaria tremenda contra o dragão, todos atirando ao mesmo tempo. Daqui da cidade nós ouvimos. Foram cortando, com a fuzilaria, uma cabeça atrás da outra do dragão, mas sempre as cabeças voltavam a crescer. O monstro arrastou-se até bem perto dos soldados e lançou sobre eles seu veneno amarelo e fedorento. Foi devorando quem podia alcançar. Por todos os lados estavam as línguas em forquilha, asquerosas, rápidas como chicote, disseram os soldados Braas e Vageeren. Eles não souberam explicar como escaparam. Braas viu com os próprios olhos quando uma das cabeças, que três minutos antes tinha sido cortada, triturou em segundos o coronel Potência e o engoliu como papa. Não, rapaz, com esse dragão você não pode — concluiu o lixeiro.

— Dragão nojento! — disse Stach do fundo do coração.

— Ah, você acaba se acostumando — continuou o lixeiro. — O pior é o mau cheiro. Ninguém aguenta. Muitos morrem jovens por causa dele. É por isso que nós, lixeiros, somos tão bem pagos. Temos de trabalhar ao ar livre, compreende? Estou entre as pessoas de maior salário em Fumaceira. Bem, até a vista, rapaz, tenho de continuar meu trabalho.

Ele olhou seu relógio de ouro maciço e seguiu esvaziando as latas de lixo em seu carro.

Stach continuou sua caminhada. O fungo cobria boa parte do exterior das casas e os parques estavam coalhados de sapos e centopeias. Ratos cinzentos, com seus enormes rabos, nadavam nos poços e regos.

— Nojento — exclamou Stach mais uma vez. Voltou ao hotel para almoçar.

— Que vinho o senhor deseja? — perguntou o garçom, que mais parecia um marechal com mil medalhas dependuradas no peito.

— Água — respondeu Stach com firmeza, para fazer frente a tanta encenação.

— O senhor disse água? — indagou, constrangido, o garçom.

— Eu disse água — Stach confirmou, enérgico.

Stach viu o garçom, preocupadíssimo, conferenciar com outro marechal da hotelaria que parecia ainda mais condecorado. Só depois desapareceu na cozinha, voltando com um jarro de água e um pequeno aquecedor. Na presença de Stach, ele colocou uma pastilha purificadora dentro do jarro para eliminar os já conhecidos vermes vermelhos. Em seguida ligou o aquecedor e ferveu a água.

— O senhor tem de compreender — disse o garçom enquanto servia. — Só podemos oferecer-lhe água quente.

— Estou vendo — respondeu Stach. — Mas não seria mais prático se mantivessem uma certa quantidade de água já purificada?

— Mas, senhor, esta é a primeira vez em sete anos que alguém pede um copo de água neste hotel.

— Estou entendendo — disse Stach dando uma olhadela no copo cheio de vermes.

Stach comeu a contragosto e passou o resto da tarde zanzando pela cidade. Quando anoiteceu, ele era a própria imagem da insatisfação, da solidão e da depressão. Seu pensamento estava todo voltado para Kim, e, por isso, decidiu escrever-lhe uma longa carta. Era ridículo para o futuro rei de Katoren, que tinha pela frente uma tarefa tão importante, passar o dia todo pensando numa garota de dezesseis anos, mas era assim e pronto.

“Há momentos em que só penso em você”, escreveu. “Agora, por exemplo, perdido neste nevoeiro, lembro-me dos dias ensolarados de Polvorinho com você ao meu lado. Aliás, você pode pedir a seu pai para me mandar cem quilos de salitre e alguns sacos de carvão? Deve haver bastante desses materiais estocados na fábrica, e seu pai me disse que eu poderia pedir tudo de que necessitasse.” Para terminar, Stach escreveu mais um punhado de coisas românticas, que Kim apreciou muito, mas que não interessam a nossa história.

Depois de colocar a carta no correio, Stach foi dormir. Já podia compreender por que algumas pessoas passavam horas na cama chorando as mágoas do mundo. Estava chegando sua vez de chorar, mas, felizmente, ele adormeceu profundamente.

No dia seguinte, Stach foi convidado a dar uma conferência no salão da prefeitura. O tema era o sol. Apesar de nunca ter ido a uma conferência — nem para ouvir, imagine para falar —, ele aceitou o convite. O salão estava repleto de gente com pulseiras de ouro e colares de diamantes. O presidente da mesa, empunhando um martelo de marfim destinado a manter a audiência em silêncio, disse:

— Estamos muito orgulhosos de ter entre nós o jovem, mas já famoso, Stach. Ele vai nos falar do corpo celeste que nunca podemos ver aqui em Fumaceira, mas que alguns de vocês já tiveram oportunidade de ver, quando de férias, e do qual já ouvimos falar nos livros de escola. Stach cresceu sob a luz do sol, e estamos morrendo de curiosidade para saber como foi. E quem sabe [pisçou os olhos] ele também aproveite a oportunidade para nos falar de seu plano para liquidar o dragão. [Risos.] A palavra está com Stach.

— Posso começar falando do sol? — perguntou Stach.

— Foi para isso que o convidamos.

Bem, já sabemos que tímido Stach nunca foi. Por trás da tribuna, ele olhou com firmeza a audiência, composta de gente pálida, igual a bonecos de cera, e começou a falar:

— Senhoras e senhores, não me levem a mal, mas os senhores estão com uma palidez cadavérica.

Muita gente começou a se mexer, sem jeito, nas cadeiras. Stach prosseguiu:

— É falta de sol a causa de tanta palidez. A luz do sol pode devolver a cor a suas peles. É por isso que todos os habitantes de Katoren, que vivem fora de Fumaceira, têm pele de cor sadia, com exceção, é claro, das nádegas, que estão sempre cobertas. Nunca entendi direito por que usamos calções de banho. Agora estou entendendo. É um ato de solidariedade para com vocês que nunca podem ter o corpo banhado pela luz do sol. Tapamos as nádegas, mesmo na praia, para nos solidarizarmos com vocês, proibindo pelo menos a uma mínima parte do nosso corpo o contato com o sol.

Risos na plateia. Stach continuou falando do sol. Seu espírito estava tocado pelo céu amarelo de Fumaceira, suas nuvens negras, suas águas contaminadas, e pela audiência que não parava de fumar seus charutos fedorentos. Falou das flores que abriam suas pétalas para o sol, das borboletas exibindo as mais variadas cores, voando de flor para flor, do zumbido dos zangões, da dança dos mosquitos, da elegância do desabrochar das rosas, das pessoas que podiam abrir uma torneira e deixar a água limpa escorrer entre os dedos...

Falou do poço que existia no fundo do jardim da casa de seu tio Gervásio. Dali se podia retirar, com um balde amarrado numa corrente, água a trinta metros de profundidade. Fria, limpa, com sabor de pureza. Falou das florestas de pinheiros, exalando o agradável cheiro de sua resina e das pinhas espalhadas pelo chão; transportou, em pensamento, seus ouvintes para um bosque de faias no despertar da manhã, quando o sol ainda filtrava em gotas seus raios entre as folhas, tornando o solo parecido com a vitrine de uma joalheria, onde tudo era grátis. Ainda em pensamento, transportou a audiência para a encosta inclinada de uma montanha e ali deixou a todos, extasiados, descansando ao sol com os olhos se perdendo no horizonte.

Suspiraram as damas respeitáveis? Relaxaram seus músculos tensos os nobres senhores? Os rostos pálidos foram animados pela cor da excitação? Aquele povo trabalhador foi tocado pela necessidade do lazer, do prazer de se esticar ao sol sem fazer nada? Um estrondoso aplauso encheu a sala quando Stach terminou de falar. Ele se sentou novamente junto ao presidente da mesa e lhe perguntou ao ouvido:

— É mais ou menos assim que se faz uma conferência?

— Foi um exemplo brilhante, meu jovem — respondeu o presidente, abanando a cabeça.

Começou a fase das perguntas. A grande questão, claro, era saber como Stach ia dar cabo do dragão. Ele respondeu que ainda não sabia.

Um senhor gordo disse que não se surpreendia com isso, e uma senhora, entre suspiros, imaginou:

— Ah, se pudéssemos ter aqui esse maravilhoso sol de que você falou. Um céu azul, claro, e o cheiro de pinheiro no ar...

— Os senhores desfrutariam muito pouco disso tudo. Os senhores trabalham o tempo todo — respondeu Stach.

— Então vamos trabalhar menos. Já somos bastante ricos.

O assunto dragão voltou à baila, pois o dragão era a coisa mais odiada por todos.

— É por causa dele que o ódio é amarelo — disse uma moça, que continuou falando do odioso monstro.

Stach, delicadamente, acenava-lhe a cabeça, mas só a ouvia parcialmente; seu pensamento estava concentrado em outra coisa.

— Os senhores podem fazer alguma coisa para mim — disse repentinamente. — Eu necessito de pássaros mortos. Se alguém encontrar um pássaro morto, por favor, leve-o para mim no Hotel Dente do Dragão.

— Ah — disse um senhor. — Já sei. Você quer matar o dragão de fome. Você sabe que ele adora pássaros mortos.

— Não, não, de jeito nenhum — respondeu Stach.

— Você não pode matar um dragão de fome. Além do mais, se ele se sentir esfomeado pode muito bem vir visitar a cidade, e isso ninguém deseja. Não, não é isso. Meu plano é outro, mas não quero falar dele agora. Talvez não dê em nada. Olhem, por favor, não matem os pássaros. Só me tragam os que já estiverem mortos.

— Aqui os pássaros morrem aos milhares — disse um senhor com amargura. — Só os corvos sobrevivem com mais facilidade e, mesmo assim, também já estão perecendo.

— Está na hora de terminar, senhoras e senhores — disse o presidente, levantando-se. — Passamos aqui mais de duas horas das mais agradáveis, um luxo, duas horas sem trabalho!

Agradeceu a Stach e deu por encerrada a reunião. Todo mundo correu para seus carros suspensos, que partiram deixando atrás de si nuvens de fumaça negra. Stach tapou o nariz com o lenço e caminhou em direção ao hotel. Sentia que era preciso fazer algo por aquela gente. Já pensava como rei.

Dois dias depois foram entregues no Hotel Dente do Dragão, endereçados a Stach, alguns sacos enviados por via férrea de Polvorinho. Duas cartas acompanhavam as encomendas. Uma era de Kim. Uma carta de amor, naturalmente. A moça morria de preocupação, não conseguia nem comer direito, pensando em Stach às voltas com o horrendo dragão. Em seguida, só escreveu bobagens de garotinha apaixonada que não têm nada que ver com esta história. Stach achou também que aquilo era besteira, mas mesmo assim releu a carta umas quinze vezes, antes de abrir o envelope enviado pelo pai de Kim. Depois dos cumprimentos a Stach, bem acalorados, o prefeito de Polvorinho comunicou o envio de cem quilos de salitre e um saco de carvão. “Eu sei que você já é bastante crescido para tomar conta de si próprio”, escreveu o pai de Kim, “mas não posso deixar de dizer-lhe para tomar o máximo de cuidado. Este material é perigosíssimo!”

— Se fosse material para brincadeira eu não teria pedido — resmungou Stach.

Ele já ia reler mais uma vez a carta de Kim quando alguém bateu em sua porta. Era o gerente do hotel.

— Não me leve a mal — disse a Stach. — Mas você poderia me dizer quando vai levar daqui os pássaros mortos? O pátio do hotel já está cheio deles.

— O senhor teme pelo mau cheiro, gerente?

— Não, não é este o problema. Ninguém notaria. Mas não deixa de ser desagradável, tantas aves mortas amontoadas. E, além do mais...

O gerente suspirou.

— Além do mais o quê? — perguntou Stach.

— Além do mais temo que o dragão resolva vir aqui para o lanche do meio-dia.

— O senhor tem razão. Vou tentar tirar todos os pássaros daqui amanhã.

— Muito obrigado. Fico-lhe imensamente grato.

Pois é, vejam só, Stach já estava famoso em Katoren a ponto de ser paparicado até pelo gerente do Hotel Dente do Dragão.

O resto do dia Stach esteve tão ocupado quanto um cirurgião de pronto-socorro. Com as mãos metidas em luvas de borracha,

sentado num tamborete no pátio do hotel, foi abrindo com uma faca a barriga dos pássaros mortos. Trabalho chato, mas tinha de ser feito. Recheou cada ave com um pouco de salitre e carvão. Em seguida costurou devidamente cada um dos corpos. “Trabalho deprimente”, pensou, “mas, como dizia o velho rei: ‘Foguete dos bons que atinge as alturas é envolvido com o mesmo papel ordinário do foguete que nega fogo’.”

Ao entardecer, ele já tinha terminado. Com um suspiro de alívio, encheu a banheira com água purificada e se livrou de toda aquela porcaria. Já limpo, foi visitar o prefeito, que o recebeu amigavelmente. O prefeito perguntou sobre o andamento da operação Dragão com uma voz que demonstrava pouca esperança. Para sua surpresa, respondeu Stach:

— Está indo muito bem, senhor prefeito.

— Alegro-me de ouvir isso. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Pode, sim. Existem pessoas que saem da cidade e se aproximam do local onde o dragão vive?

— Existem. Às vezes precisamos fazer algumas medições. Por exemplo, para saber o nível das águas. Precisamos, também, apagar certos tipos de algas que se encontram no pântano. Esses trabalhos são executados pelos chamados dragoneiros. São os funcionários mais bem pagos da cidade. Ganham mais, imagine, do que os lixeiros! Mas não sobrevivem a esse trabalho mais de cinco anos. Eles usam roupas e óculos especiais que os protegem do olhar do dragão. Caso não sejam devorados, pelo menos livram-se da sarna. Mas a chance de sobreviver não é lá muito grande. Se o monstro bater o olhar num dragoneiro, sua chance de escapar é inferior a dez por cento — concluiu o prefeito, abatido.

— Tenho uma grande quantidade de pássaros mortos — disse Stach. — O senhor acha que os dragoneiros poderiam deixá-los num lugar onde o dragão pudesse encontrá-los? De preferência ainda hoje.

— Podem, sim.

— E eles poderiam verificar, amanhã, se o dragão de fato os comeu?

— Posso providenciar para você tudo isso.

— Ótimo, prefeito. Os pássaros estão no pátio do hotel. Muitos fumaceirenses me ajudaram a reuni-los. É um pessoal muito prestativo.

— Você vai envenenar o dragão, Stach? Aquele monstro já é o próprio veneno. Acho que não vai dar certo.

— Assim que o bicho comer os pássaros, eu lhe conto meu plano. Até amanhã, senhor prefeito.

Com passos decididos, ele deixou o gabinete do prefeito. O mor-
domo o acompanhou até a saída. Se não tivesse recebido no nariz
uma lufada de fumaça fedorenta, Stach teria até dançado de alegria.

O pátio do hotel foi esvaziado, e Stach esperava, ansioso, as
notícias. Na noite do dia seguinte ele ouviu que o dragão tinha
devorado a maioria dos pássaros. Por sorte, todos os dragoneiros
voltaram sãos e salvos.

Stach foi visitar o prefeito novamente.

— Agora — disse ele —, tenho necessidade de um fuzil capaz
de disparar uma bala que possa explodir em chamas quando atin-
gir seu alvo.

— Isso não temos — respondeu o prefeito. — Somos gente ci-
vilizada e culta. Só temos fuzis com balas normais e, assim mesmo,
não muitos. Mas, me diga, para que você quer uma bala explosiva?

— Bem, é o seguinte... Eu ouvi dizer que o dragão de vocês
vive expelindo enxofre e outras substâncias necessárias a sua rea-
ção química. Toda essa nuvem fedorenta que cobre o pântano vem
do dragão, certo?

— Certíssimo.

— Apreendi muito sobre enxofre quando estive em Polvorinho.
Lá existe uma fábrica de pólvora. Fiquei sabendo que a pólvora é
feita de uma mistura de salitre, carvão e... enxofre.

— Sim — concordou o prefeito. — É assim mesmo.

— Pois é, eu recheei os pássaros mortos com salitre e carvão.
Tudo isso misturado com o enxofre na barriga do dragão, é possí-
vel que o monstro se torne, quem sabe...

— ... um barril de pólvora — terminou o prefeito, como se
fosse um aluno bem aplicado.

— É, na verdade quero esse dragão transformado numa gra-
nada. O problema, então, será fazê-la explodir. Eu acho que, se eu
atirar na boca do dragão, quero dizer, numa de suas sete bocas,
uma bala explosiva que lance chamas, é possível que o monstro
voe em pedacinhos.

— Nossa! — exclamou o prefeito. — Mas, infelizmente, não
temos balas explosivas.

— Não têm mesmo, prefeito?

— Não, não temos mesmo. Todas as granadas são fabricadas
em Polvorinho e enviadas para os arsenais do país. E aqui não te-
mos nenhum arsenal.

— Oh!

Stach e o prefeito perderam-se em profunda meditação.

— Prefeito — disse Stach repentinamente —, o senhor não
tem algum foguete por aí?

O prefeito ficou vermelho.

— Como é que você pode imaginar isso? Você sabe muito bem
que há dezessete anos... não, amanhã já há dezoito anos, é proibi-
do por lei ter foguete guardado em casa.

— É mesmo, poxa, amanhã faço dezoito anos. Mas, prefeito,
aqui entre nós, o senhor não tem nem um foguetinho escondido
no sótão? Para festejar, por exemplo, a escolha de um novo rei?

— Claro que não, atrevido... Bom, olhe, na verdade eu ainda
tenho um. Mas você não pode saber disso, seu jovem abelhudo.

— Eu não preciso saber onde ele está, eu quero é tê-lo nas
mãos.

Stach seguiu o prefeito até o sótão. Muitas escadas, passando
por muitas portas, algumas trancadas, obrigando o prefeito a utili-
zar seu molho de chaves, até que, finalmente, chegaram lá.

— Ufa, chegamos — exclamou o prefeito. — Há quase dezoiti-
to anos eu não vinha aqui.

De uma comprida caixa de madeira, com uma fechadura dupla,
ele retirou uma espécie de espingarda, destinada a atirar não bala,
mas foguete, daqueles que, no alto, deixam cair uma chuva de fogo.

— É o último que tenho — disse o prefeito. — E é suficiente para me enviar à prisão. Foguete em Katoren é um pecado mortal, você sabe?

— É verdade. Eh, prefeito, então por que guardou uma coisa tão pecaminosa?

— Para festejar a vinda do novo rei. Antigamente eu adorava soltar foguete. Antigamente, agora não! E, olhe, boca fechada, não diga a ninguém.

— A ninguém, prefeito.

— Um foguete, jovem. Você não pode errar, senão vai ser devorado. E é isso que vai acontecer, provavelmente. Desista enquanto é tempo.

— Que nada. Vai dar tudo certo.

Stach escondeu o foguete e a espingarda lançadora debaixo de seu casaco e se dirigiu ao hotel. Em seu quarto, estudando com cuidado a espingarda e o único foguete de munição, começou a ficar um pouco nervoso.

Espalhou-se por Fumaceira, como os estilhaços de uma grana-da, a notícia de que Stach embrenhara-se no pântano em busca do dragão. Os diligentes fumaceirenses chegavam a parar de vez em quando seu trabalho, olhando inquietos a nuvem amarela que o dragão deixava sobre o pântano. Todos, com mais de cinco anos de idade, lembram-se da história do coronel Potência e seu regimento. Braas e Vageeren, ao ouvirem falar da empreitada de Stach, mijaram na cama, com um ataque agudo de dragonite. Na prefeitura, os funcionários faziam apostas. A desvantagem era de um para vinte contra Stach. Todos os dragoneiros eram interrogados sobre os pássaros mortos que atiraram no pântano. Um dos dragoneiros contou que Stach lhe pedira emprestado o uniforme especial antissarna.

— É um rapaz simpático — comentou o dragoneiro. — Pena que o dragão vá comê-lo. Pena, também, pelo meu uniforme.

Onze horas, meio-dia... a fumaça amarela continuava cobrindo o céu a oeste da cidade.

Lentamente, Stach penetrou pântano adentro. As botas especiais, componentes do uniforme dos dragoneiros, afundavam até as canelas na lama podre. Não era difícil encontrar o caminho do dragão. Bastava seguir na direção onde o nevoeiro era mais amarelo. As batidas de seu coração iam se acelerando à medida que se aproximava. Stach, o despreocupado, começava a compreender o perigo que estava enfrentando. Na verdade, suas chances eram mínimas. Teria mesmo se formado pólvora na barriga do dragão? Seria ele capaz de acertar o alvo com um só foguete sem ter praticado? E se acertasse? Será que o foguete, velho de dezoito anos, não negaria fogo?

Dezoito anos. "Hoje é meu aniversário", pensou Stach excitado. "Não, neste dia nada pode dar errado." Olhou o relógio. Era meio-dia. Apurou os ouvidos, repentinamente, percebendo um leve silvo de réptil. O mais rápido que pôde moveu-se naquele lamaçal, dirigiu-se para uma enorme árvore e escondeu-se atrás de seu tronco. Na mão direita, segurava com força a espingarda, com tanta força que o sangue fugia dos dedos. Seus olhos estavam atentos, atrás do capacete do dragoneiro. O silvo aumentava de intensidade. Já ouvia algo que se movia e mergulhava. Num instante, como que brotando do nevoeiro, surgiu o monstro. Stach levou a espingarda ao ombro. Sua excitação atingiu o máximo. Estaria ele morto nos próximos cinco minutos ou Fumaceira se livraria do dragão?

— Atire — balbuciou para si mesmo. — Não fique nervoso, atire!

Lá estava o dragão, a uns cem metros de Stach, arrastando-se no meio da neblina. Das sete cabeças, que se moviam de cima para baixo, para dentro e para fora dos pescoços, saíram sete línguas de forquilha, que também se moviam para todos os lados. De seu enorme corpo escamoso saíam patas como garras de gigantescas aves de rapina. Só uma rabada do dragão era suficiente para derubar vinte homens de seus cavalos.

Trêmulo, Stach apontou a espingarda. Mirou a terceira cabeça à direita, a que menos se movia. Pediu a proteção do santo padroeiro.

ro dos caçadores e apertou o gatilho. O foguete nem tinha ainda saído da espingarda e ele já sabia que havia errado. A arma se moveu na hora do disparo e o foguete lá foi, fora do alvo, para lá da cabeça mais à direita.

O dragão percebeu o movimento da espingarda. Catorze olhos fixaram-se na árvore e monitoraram a aproximação do foguete. O monstro nunca errara um alvo. Dessa vez também não. Com uma bocada rápida e agressiva, utilizando sua cabeça mais à direita, engoliu o foguete no ar. Produziu-se uma chama. Stach, atônito, agarrou-se no tronco da árvore. E, então, o dragão explodiu em mil pedaços em meio a um estrondo ensurdecedor.

Stach foi atirado para trás. Mas a lama e o uniforme de dragoneiro amorteceram a queda. Milagre dos milagres, nem ficou ferido. Olhou em volta, surpreso. A copa da árvore foi arrancada e caiu ao seu lado. No lugar onde o dragão se encontrava formou-se uma enorme cratera, que começava a se encher de água. Numa de suas luvas e na coronha da espingarda estavam pregados pedaços do dragão. Stach sentou-se e observou atento. Os pedaços do dragão moviam-se e cresciam. Ele viu como cabeças de dragão, ínfimas como as de um alfinete, iam se desenvolvendo. Viu nascer uma cauda. Sentiu-se como se estivesse sendo estrangulado por mãos geladas.

— Agora são milhares de dragões — gemeu. — Talvez milhões. Podem tomar conta do país inteiro. Quem sabe, do mundo todo. Que é que eu fiz?

Stach fechou os olhos e não percebeu que acima de sua cabeça, no céu, acontecia um grande espetáculo. A explosão ocasionou um gigantesco deslocamento de ar, provocando uma tempestade que varreu para longe a nuvem amarela; o céu ficou límpido, e o sol, pela primeira vez, em séculos, brilhou sobre o pântano de Fumaceira. Stach sentiu o calor penetrar seu uniforme. Abriu os olhos e olhou suas luvas. Arregalou ainda mais os olhos. Exposto ao sol, o dragão em miniatura transformou-se em pó. O sol era a solução: todos os outros pedaços do dragão secaram, virando um pó roxo. Ele compreendeu, imediatamente, que o dragão não podia viver à luz do sol e, por isso, escondia-se numa nuvem de enxofre;

contente, presenciava a cena em que os dragões, alguns já do tamanho de um braço, saíam da lama para em seguida virar poeira. Stach levantou-se e tirou o capacete. Olhou para o sol e nunca apreciou tanto ser banhado por seus raios.

Fumaceira agitou-se como nunca. Depois da explosão, as pessoas saíram de seus escritórios e laboratórios para as ruas. Viram o céu ficar limpo e sentiram os raios do sol tocar seus rostos pálidos. Quando Stach chegou à cidade, ouviu os gritos de júbilo que vinham da praça da prefeitura. Viu que as pessoas empilhavam todos os carros poluidores e os charutos fedorentos, que foram, em seguida, embebidos de gasolina. Exatamente no momento em que entrou na praça, as pessoas atearam fogo no monte e começaram a dançar em volta dele. O prefeito foi o primeiro a ver a chegada do herói. O educado político estava irreconhecível. Sua gravata estava solta, em seu rosto havia manchas de sujeira, faltavam pelo menos três botões de seu paletó. Abriu os braços e apertou Stach contra o peito. Em seguida, Stach foi levado sobre os ombros, na dança em volta do fogo.

Foi o primeiro carnaval da história de Fumaceira.

— Peça o que quiser de recompensa — disse o prefeito. — É só dizer, cinco milhões? Dez milhões? O que você quiser.

— Um bilhete de trem — respondeu Stach.

— Está louco? Em primeiro lugar você vai ficar morando com a gente, em segundo lugar você pode ter o dinheiro que quiser.

— Nada disso — disse Stach. — Em primeiro lugar, agora que o sol está brilhando, as pessoas não vão querer trabalhar tanto, e vocês não vão ter tanto dinheiro assim; espere, prefeito, que o senhor ainda vai ter problemas com isso... em segundo lugar...

— Em segundo lugar?

— Em segundo lugar eu não liquidei o dragão por dinheiro, mas porque era uma tarefa para um futuro rei. Dinheiro não tem nada com isso. O velho rei costumava dizer: "Um soberano que cobra por seu trabalho é como uma montanha vulcânica, alta, pode-

rosa, colorida, mas perigosa". Portanto, prefeito, por favor me dê um bilhete de trem para Wiss. Ainda tenho quatro tarefas pela frente.

O prefeito levou o jovem herói para a estação, comprou-lhe uma passagem de trem e acenou-lhe em despedida com o que restava de suas vestes.

— Adeus, Vossa Majestade — murmurou.

Stach afundou-se contente na poltrona macia da primeira classe. Da janela ainda viu, durante algum tempo, as chamas de alegria tomando conta de Fumaceira.

6

O Conselho de Ministros irrita-se outra vez



O ministro Sisudo entrou no palácio com alguns jornais debaixo do braço. Na sala de reuniões estavam todos os seus colegas, exceto Hermano, que dava uma conferência, em algum lugar do país, sobre "os benefícios da virtude". O ministro Sisudo atirou os jornais sobre a mesa e começou a ler as manchetes com raiva:

— Ouçam, só, no *Notícias de Katoren*: "Stach liquida o dragão". No *Correio de Wiss*: "Novo êxito de Stach". No *Correio de Katoren*: "Dragão de Fumaceira destruído por Stach". O *Katorensen Matinal* nem julgou necessário citar seu nome: "Terceira tarefa com êxito: Dragão liquidado".

Os outros ministros batiam os dedos, nervosos, sobre os jornais.

— O jovem, seguramente, não é despido de talento — comentou o ministro Recto ao acabar de ler o artigo no *Notícias de Katoren*.

— Isso é verdade — respondeu o ministro Sisudo.

— Mas seus métodos são irresponsáveis. Onde já se viu encher de pólvora a barriga de um dragão?! O monstro poderia ter se partido em três. E vocês sabem como são os dragões. Fumaceira poderia ficar com três. Daí, apesar de valorizar o que ele já fez, temo dar-lhe novas tarefas. Talvez seja melhor adiar esta questão até que ele complete trinta anos.

A maioria de seus colegas balançou a cabeça, concordando, mas o ministro Dureza discordou.

— Impossível, senhores. Eles não engoliriam isso — disse, apontando para os jornais.

— Você tem razão — admitiu o ministro Sisudo.

— O que me irrita — disse o ministro Ligeiro — é que todos os prefeitos nos enviam relatórios sobre seus problemas sem acrescentar como é relativamente fácil resolvê-los. Olhem só o montão de cartas que chegou esta semana. Todo mundo, com seus problemas, quer ser o primeiro na lista das próximas tarefas.

— Você já leu todas as cartas, Ligeiro? — perguntou o ministro Vassouras.

— Claro que li — respondeu o ministro da Eficiência.

— E já encontrou o problema apropriado para a tarefa número quatro?

— Sim. Até agora o jovem esteve envolvido com coisas vivas: pássaros, árvores, dragões. Pois vamos vê-lo agora às voltas com coisas sem vida.

— Esclareça, por favor — disse o ministro Sisudo.

— Igrejas.

— Igrejas são sem vida?

— Eu quero dizer os edifícios, os templos em si, grandes, de pedra.

— E daí? Ainda não entendo.

— Vamos lá, gente. Pensem, pensem! — disse irritado o ministro da Eficiência.

O ministro Dureza deu um tapa no joelho.

— Claro: Ecumênica.

— Concordam? — perguntou Ligeiro.

Os outros balançaram a cabeça positivamente. Ligeiro tocou a campainha, e Gervásio apareceu.

— Mande vir aqui seu sobrinho, imediatamente.

— Pois não, Excelência. Em dez minutos ele estará aqui, Excelência.

— Oito — disse o ministro da Eficiência.

Nove minutos depois, Stach estava diante dos ministros. Pela primeira vez, confrontou-se com todos eles ao mesmo tempo,

com exceção do ministro Hermano. Seus sapatos estavam manchados de enxofre, pois, mais uma vez, não tivera tempo de limpá-los. Também não tivera tempo, seguramente, de ir ao barbeiro. Com tal aparência, ele dava a impressão de ser ainda mais atrevido.

— Concluimos que sua terceira tarefa foi realizada satisfatoriamente, apesar de você ter colocado em perigo a vida dos cidadãos de Fumaceira — disse o ministro Sisudo. — Você tem, portanto, o direito de receber uma nova tarefa. O ministro Ligeiro vai lhe dizer qual é.

— As igrejas movediças de Ecumênica — disse o ministro da Eficiência.

— O que há com essas igrejas? E onde fica Ecumênica?

— Ecumênica é um grande município no norte do país — respondeu o ministro Ligeiro. — Você já devia saber disso. Uma igreja movediça é uma igreja que se move. Você tem de impedir que elas continuem se movendo. Amanhã de manhã você recebe sua passagem de trem pelo correio. Bom dia.

Com um sorriso maroto, Stach passou os olhos pela roda de ministros.

— Está rindo?! Não há nada para rir, meu jovem — disse, irritado, o ministro Sisudo.

— Eu acho tão engraçado, igrejas movediças. Meu tio Gervásio sempre disse que eu vivia arrastando os sapatos dentro da igreja. Mas os senhores não se referem a isso, não é?

— E que sapatos — comentou, com nojo, o ministro da Limpeza.

— Eu limpo meus sapatos toda semana — respondeu Stach indignado.

Com asco, o ministro Recto, da Honestidade, cobriu o rosto com as mãos e murmurou:

— Não diga uma inverdade dessas na minha presença.

— Bom, não toda semana. Senão vira uma rotina.

— Misericórdia! — gemeu o ministro Dureza.

— E agora chega — sentenciou o ministro Ligeiro.

— Temos mais o que fazer.

— Já estou indo. Até a próxima, Excelências. Assim que eu frear as igrejas movediças eu os informarei.

Fez uma reverência um tanto exagerada para ser levada a sério e retirou-se. Os ministros continuaram reunidos, preocupados.

Stach tinha ficado tão famoso que não podia botar um pé na rua sem ser cercado por uma legião de jornalistas. Principalmente na capital, Wiss. Assim que saiu do palácio foi atropelado por perguntas.

— Você já tem uma nova tarefa?

— Os ministros o trataram bem?

— Você se crê capaz de enfrentar qualquer parada?

— Qual foi, até agora, a tarefa mais difícil?

— Eles lhe pagam pelo trabalho?

— Há tarefas que você não aceitaria?

— Senhores — disse, por fim, Stach —, os respeitáveis ministros me deram como tarefa, sem nenhuma recompensa, paralisar as igrejas movediças de Ecumênica. Essa é, no momento, a tarefa mais difícil, porque ainda não foi feita. Mas será, pois do contrário o sonho do tio Gervásio não se realizará. Uma tarefa que eu não aceitaria? Eu não pularia da torre da catedral de Santo Aluísio. Agora tenho de ir embora. Quero agradecer-lhes as coisas boas que escreveram sobre mim nos jornais. Escrevam, também, algo simpático aos ministros, para ver se eles me recebem menos azedos da próxima vez. Até a vista.

Em casa, Stach encontrou um envelope volumoso. Era uma carta de Kim. Ela havia lido nos jornais o caso do dragão e estava que não podia de tanto orgulho de seu herói. A vida com tio Gervásio estava ficando insuportável, pois ele já o via como o futuro rei.

— Leia isto enquanto eu estiver fora — disse Stach, entregando ao tio um livro fino.

Era um dos escritos do velho rei, intitulado: “O foguete que você agora tanto aprecia cairá queimado sobre a terra”.

Na manhã seguinte ele juntou suas coisas, abraçou seu velho tio e se dirigiu à estação. (O que, aliás, já estava se tornando um hábito.)

7

As igrejas movediças de Ecumênica



O prefeito de Ecumênica estava rezando na capela de sua casa sem conseguir ordenar os pensamentos. Estava transtornado com o telefonema que recebera do redator-chefe de um jornal da cidade.

— Stach está vindo para cá — dissera o jornalista. — Sua quarta tarefa está relacionada com nossas igrejas movediças.

Enquanto o prefeito silenciara intimidado, ele prosseguira ameaçador:

— Eu não sei de onde os ministros em Wiss foram tirar essa ideia de enviar o rapaz para nossa cidade, mas, prefeito, devo lhe dizer que meu jornal lutará com toda a energia contra a destruição da nossa igreja.

— Sr. Cortado — respondera o prefeito —, o senhor se esqueceu de que sou o maior defensor de todas as igrejas da cidade?

Era verdade. Ninguém dedicava mais tempo às igrejas do que o prefeito. Ninguém as frequentava mais do que ele. Ninguém dividia com tanta equidade sua atenção entre todas as doze igrejas locais. Entretanto, outra coisa era também verdade. Outra coisa desconhecida em Ecumênica. Fora o prefeito em pessoa quem escrevera uma carta ao governo central em Wiss pedindo que a paralisação das igrejas movediças fosse a próxima tarefa de Stach. Não lhe passou pela cabeça que sua sugestão seria a escolhida. Havia tantos outros problemas em Katoren. Mas lá estava armada a confusão.

O prefeito trocou seu livro de reza da IR (Igreja Reformada) pelo da IRR (Igreja Rerreformada). Não ajudou. Sua cabeça continuou confusa. Nem as orações simples do livro da IRE (Igreja Reconstruída) conseguiram clarear seus pensamentos. “Oh, a vinda do Stach só vai aumentar os problemas, vai haver mais brigas e confusões. Mas e daí? Brigas e confusões temos mesmo o tempo todo, que diferença faz?”, pensou o prefeito. Lembrava-se entristecido, no fundo de seu coração, da viúva Rozenmond. Havia oito dias ela fora atropelada pela IRRR (Igreja Rerrerreformada). Ele estivera no enterro. Era uma senhora bondosa. Balbuciou para si mesmo:

— Ah, se esse jovem Stach puder fazer alguma coisa! Falam tanto de suas proezas. Dizem que ele arrancou com as próprias mãos uma romãzeira carregada de granadas de verdade e a atirou ao mar. Esta semana escreveram os jornais sobre o dragão que Stach matou, torcendo com as mãos nuas suas sete cabeças. Ah...

Balançando a cabeça, o prefeito de Ecumênica apanhou o livro de catecismo da CR (Catedral Restaurada) e mergulhou em seus ensinamentos.

Ao descer do trem local, que teve de tomar na última etapa da viagem, Stach pensou que Ecumênica parecia mais uma aldeia do que uma cidade. Fileiras de tílias, na praça da estação, pareciam dar-lhe as boas-vindas. As casas haviam sido construídas uma longe da outra. Viu uma carruagem, de verdade, puxada a cavalo. Avenidas rústicas convidavam a um passeio. Para sua surpresa, não via nenhuma igreja, quando esperava chegar a uma grande cidade com as torres de suas catedrais quase se tocando no alto. Stach lembrou-se de que sempre tinha se dado bem visitando, antes de qualquer coisa, o prefeito da cidade onde chegava. Foi caminhando sem pressa pelas ruas ensombreadas, imaginando como era bom ter pouca bagagem nas mãos. Apesar de seus passos lentos, em pouco tempo estava no centro de Ecumênica. Ali havia um parque oval com um coreto de madeira no meio. Em volta as casas tinham sido construídas com menos distância uma da outra. Havia uma placa onde se

via escrito “Ático”. Num prédio, situado na parte mais alongada da praça oval, lia-se em letras bem desenhadas: “Prefeitura de Ecumênica”. Ao lado do edifício, Stach divisou uma casa ampla, de aspecto agradável, com venezianas nas janelas, e pensou que era ali a residência do prefeito e sua família.

Ao tocar a campainha, abriu-lhe a porta uma gorda empregada vestida de negro. Sem dizer nada, ela o conduziu à sala de estar. O prefeito e sua família — a mulher e seis filhos — estavam em torno de uma mesa tomando chá.

— Você deve ser Stach — disse o prefeito. — Estávamos, justamente, falando sobre você.

— Sim. Eu sou Stach.

O prefeito apresentou-lhe, um por um, a mulher e os seis filhos. A mulher serviu-lhe chá, enquanto o caçula do prefeito já estava desamarrando o cadarço de seu sapato. Enfim, era uma família descontraída, e Stach já se sentia em casa. A mulher do prefeito perguntou se ele queria ficar hospedado ali, e ele, com prazer, respondeu que sim. Ele tinha de contar tudo, sobre o dragão, sobre a romãzeira explosiva, sobre os pássaros barulhentos. Todo mundo o ouvia de boca aberta. Quando terminou de falar, esperou em vão que lhe contassem qual era o problema com as igrejas movediças. Todos silenciaram até que, por fim, o prefeito falou:

— Olhe, Stach, dentro em pouco tenho de ir à IJAM. Quer ir comigo?

— O que é IJAM? — perguntou Stach.

— A Igreja das Janelas Amplas e Modernas. É a igreja que tem as janelas mais amplas e modernas de todas as que existem na cidade.

— Quero ir sim, com todo o prazer, prefeito. — Saíram os dois.

— Você não se importa de caminhar? — perguntou o prefeito.

— No momento, a IJAM encontra-se a uns dois quilômetros daqui.

— Tudo bem, gosto de caminhar. Será que no caminho o senhor poderia me explicar esse “no momento”? Isso soa como se a IJAM pudesse também, algumas vezes, estar a três quilômetros.

— Claro que sim. Às vezes até a dez. Vê-se logo que você não é daqui. Explico-lhe tudo.

Durante a curta caminhada, ficou claro para Stach que o prefeito era um homem carregado de problemas. Ficou sabendo que Ecumênica era o maior município de Katoren, dispondo de doze igrejas que se comportavam de maneira muito estranha.

— Na Idade Média ou por volta dessa época — contou o prefeito — foram construídas aqui doze igrejas e catedrais, umas primeiro, outras depois. Todas elas, uma vez ou outra, foram atingidas por raios, restauradas, outra vez restauradas, reestruturadas, reformadas, receberam órgãos novos, novas janelas, enfim, como acontece com qualquer templo. O estranho é que, há muitíssimo tempo, as igrejas de Ecumênica começaram a se mover.

— Quer dizer que elas mudam de lugar?

— Sim, mudam. Elas se movem devagar, mas de modo bem visível. Você compreende, esses prédios pesados, com seus alicerces de pedra, esmagam tudo o que encontram em seu caminho como um rolo compressor.

— Poxa!

— Olhe, eu o aconselho a dizer *Nossa* em lugar disso. A IRR e a IR são contra o uso da palavra *poxa*. Pessoalmente não tenho nada contra, mas tenho comigo uma regra: quando possível, não irrite as pessoas.

— Levarei isso em conta — concordou Stach. E repetiu para si mesmo: — *Poxa não, Nossa sim*.

— Onde eu estava? — continuou o prefeito. — Ah, sim, como um rolo compressor. Pois é, essa história das igrejas se moverem é muito desagradável. As pessoas nunca podem estar certas de que suas casas não serão esmagadas.

— Compreendo — disse Stach.

— É por isso que temos os condutores de igrejas. Já ficou demonstrado que, utilizando alguns artifícios, colocando todos os bancos para um lado, abrindo ou fechando as janelas de acordo com a direção do vento, é possível dirigir as igrejas. Quer dizer, mais ou menos. Na verdade, nossa técnica de condução de igrejas está bastante avançada e conseguimos, quase sempre, mantê-las no caminho certo.

— No caminho certo?

— Sim, em Ecumênica existem muitos caminhos planos por onde as igrejas se movem. Os chamados caminhos das igrejas. Aca-
bamos de atravessar um deles.

— Ah, sim?

— Agora, o problema é que nem sempre cada igreja mantém-se no caminho que lhe é reservado. Às vezes elas saem do caminho, apesar de todo o esforço dos condutores. Ainda na semana passada, sexta-feira à noite a IRR passou por cima da casa da viúva Rozenmond. Uma viga bateu em sua cabeça, e ela morreu enquanto dormia. O condutor realmente não pôde fazer nada. Fez tudo o que estava ao seu alcance para manter a igreja em seu caminho.

— Que coisa horrível! É frequente esse mau comportamento das igrejas?

— Comportar-se mal não é a expressão apropriada. Digamos que elas não se deixam dirigir bem. É, de vez em quando acontece algo errado. E parece que, quando uma igreja se descontrola, muito rapidamente outras seguem o exemplo. Estou muito inquieto depois do acidente com a viúva Rozenmond, você compreende.

Stach balançou a cabeça pensativo. Chegaram à IJAM. Era um belo edifício com duas cúpulas e quatro torres. Amplas janelas, situadas na parte de baixo, permitiam ver o seu interior. Stach observava cheio de admiração, quando, de repente, viu algo assustador. O colosso de pedra movia-se! Devagar, mas decididamente, movia-se em direção ao centro.

— A igreja está se movendo — gritou, atônito.

— Sim — disse o prefeito. — Nos últimos tempos a IJAM tem se movido bastante. Espero que os condutores a mantenham no devido caminho.

Entraram na igreja, e o prefeito foi conversar com um dos condutores. Informou-o de que a Câmara Municipal, na noite anterior, tinha decidido que, devido à morte da viúva e à insegurança gerada pelo descontrole das igrejas, a IJAM não poderia continuar na rota para o centro, mas deveria tomar o primeiro desvio a oeste.

— Eu acho muito desagradável que a Câmara Municipal se meta com o caminho que nossa igreja tem de seguir — disse o condutor.

— Ah, irmão — respondeu o prefeito conciliador. — Procuramos interferir o mínimo possível. Mas às vezes é necessário para evitar o caos.

— A prefeitura não entende dos caminhos das igrejas — murmurou o condutor. — Mas, tudo bem, vamos tomar o atalho a oeste.

Em seguida, porém, reclamou:

— O senhor não compareceu ao nosso serviço religioso de ontem, prefeito. O senhor não é mais um fiel da IJAM?

— O senhor sabe muito bem que sou fiel de todas as igrejas. Ontem tive de ir à IRRR porque eles estavam muito tristes por causa do acidente com a viúva Rozenmond.

— A IRRR também se afasta do caminho certo — escarneceu o condutor da IJAM.

— Devo lembrar-lhe o que aconteceu com a nova escola da prefeitura há seis meses? — disse o prefeito com um leve toque de recriminação em sua voz.

O condutor ficou vermelho.

— O senhor tem razão — concordou submisso. — Também a IJAM comete seus erros. É uma pena que a nova escola tenha sido esmagada.

— Nada mais a fazer — disse o prefeito. — Deixe-me apresentá-lo a Stach. O senhor, na certa, já ouviu falar dele. Ele veio aqui para resolver o problema com nossas igrejas.

O condutor estendeu a mão para Stach.

— Você não pretende botar abaixo nossas igrejas, pretende? — perguntou preocupado.

— Não, de jeito nenhum — respondeu Stach. — Temos apenas de fazê-las perder o hábito de se moverem. Se é que compreendi bem o problema.

— Ah, isso seria maravilhoso. Mas você não vai conseguir. Todos os condutores de igreja, juntos, já tentaram e não conseguiram. Elas se movem, não importa o que façamos. Nossa IJAM trombou com uma árvore que tinha um tronco de três metros de diâmetro. Sabe o que aconteceu? A árvore foi esmagada, só sobram umas folhinhas.

— As igrejas podem, também, dar marcha a ré?

— Claro que não — respondeu o condutor com um certo orgulho na voz. — Só para a frente. Sempre para a frente.

— Vamos embora, Stach — disse o prefeito interrompendo a conversa e estendendo a mão em despedida para o condutor e lhe desejando “boa viagem”.

Enquanto estiveram na igreja ela se moveu alguns metros.

— Depressa ela não viaja — comentou Stach.

— Mas inexoravelmente.

O prefeito explicou a Stach que ele e sua família eram membros de todas as igrejas, apesar de isso tomar muito tempo, para evitar intrigas e confusões.

— Isso porque — continuou o prefeito — todos os condutores são orgulhosos de suas belas igrejas e querem usar os melhores caminhos, passando sempre que podem pelo centro. Enfim, muitas exigências que levam a brigas e confusões.

— Eu entendo — disse Stach.

A mulher do prefeito preparou uma refeição simples, mas deliciosa. Infelizmente, na hora de comer os pratos já estavam quase frios, pois, antes, tiveram de passar pelos rituais e as rezas de todas as doze igrejas.

Depois jogaram bocha, o que foi muito agradável. Antes de deitar, em seu quarto, Stach pretendia pensar na solução de sua tarefa, mas acabou dormindo como uma pedra, de tão cansado que ficou com as experiências do dia.

— Acorde, Stach!

Ele sonhou que o prefeito de Ecumênica o puxava pelo braço e, ao abrir os olhos, notou que não era só sonho.

— Há uma emergência. Temos de abandonar a casa imediatamente.

— Incêndio?

— Não. É a NIR. Depois eu lhe explico. Venha rápido.

Morrendo de sono, Stach vestiu-se. Ainda estava um pouco escuro. Havia uma grande correria na casa. No andar de baixo, muita gente tentava arrastar os móveis para fora da casa.

— Mas o que é que está acontecendo?

— A NIR. Ela já está muito próxima. Dentro de uma hora a casa pode ser destruída.

— O que é a NIR?

— É a Nova Igreja Reconstruída. Ontem ela saiu fora do controle e está se movendo para cá. Todos os condutores da NIR estão desesperadamente tentando colocá-la no caminho certo, mas ela não obedece. Se continuar nesta direção, vai passar exatamente entre a prefeitura e nossa casa, e ambos os prédios vão por terra.

Stach saiu da casa e notou que quase todos os habitantes de Ecumênica estavam ocupados em retirar os móveis e documentos da prefeitura. Atrás da casa do prefeito, não muito longe, já dava para perceber os contornos da enorme NIR, aproximando-se ameaçadoramente. Mesmo assustado, Stach correu e entrou na igreja movediça. Os condutores em manga de camisa, com o suor descendo pelo rosto, empurravam os bancos de uma ala para a outra, obedecendo às ordens do condutor-chefe, que se encontrava no púlpito.

— Quantos metros ainda? — gritou o condutor-chefe para um condutor-assistente que acabava de entrar.

— Onze, e ainda nenhuma mudança no rumo.

— O órgão. Jogue-o para baixo!

Os homens vacilam.

— Eu disse: jogue-o para baixo. É a última coisa que nos resta tentar.

Com o desespero estampado no rosto, os condutores atiraram para baixo os tubos do órgão, que se espatifaram no chão produzindo um som metálico.

— Levem todos os tubos para o lado sul — gritou o condutor-chefe.

E, depois, para o assistente:

— Vá ver se deu algum resultado.

O assistente correu para fora e voltou instantes depois desanimado:

— Nenhuma mudança.

Stach saiu da igreja. A NIR já estava a cerca de um metro de distância da prefeitura e não mais do que quatro da casa do prefeito.

No Ático, a mulher do prefeito e seus filhos olhavam com pavor o colosso que se movia. Tudo o que se podia retirar já tinha sido retirado da casa e da prefeitura. Stach foi para junto deles. A filha mais nova deu-lhe a mão, confiante, enquanto o prefeito se aproximava, balançando a cabeça.

— Elas vão ser destruídas. Mantenha-se firme, Madalena.

Os condutores desistiram. Como se fosse um espetáculo, as pessoas formaram um círculo no Ático para ver o desfecho. Amanheceu. Ainda dez centímetros. Finalmente, nenhum espaço entre a NIR e a prefeitura. De repente, uma racha na parede lateral começou a aparecer, horizontalmente, como que desenhada por mãos invisíveis. O telhado seria deslocado? Sim, centímetro por centímetro, ele se deslocou para a frente. Aliás, todo o prédio se inclinava no mesmo sentido. Não podia terminar bem, e não terminou. Com um ruído como o de um abafado rufar de tambor, partiu-se a prefeitura de Ecumênica.

A maioria das mulheres chorava.

— Foi aqui que elas se casaram. Foi aqui que registraram seus filhos. Havendo tantas brigas entre as igrejas, a prefeitura era a casa comum, de todos — disse o prefeito para Stach.

— Nós também nos casamos aqui — soluçou a mulher do prefeito. — E depois nosso casamento foi abençoado em todas as doze igrejas. As cerimônias duraram o dia inteiro. Você ainda se lembra, André? A prefeitura nos preparou uma surpresa. Com semanas de antecedência, um esquema foi preparado a fim de conduzir as igrejas para o centro da cidade, formando um círculo, todas elas, um pouquinho afastadas umas das outras. E agora...

A pobre mulher escondeu o rosto com um grande lenço.

A casa do prefeito foi seriamente atingida pelo desabamento da prefeitura, antes de ser empurrada pela própria NIR e se transformar numa papa de cimento e pedra.

— Nossos seis filhos nasceram aqui — disse o prefeito sombrio. — Todos batizados em diferentes igrejas. Guilhermininha na própria Nova Igreja Reconstruída. Nós queríamos ter ainda mais seis filhos. Mas agora, sem casa, não sei se isso será possível.

— Não desanime, prefeito.

Era o condutor da IJAM que tinha sido apresentado a Stach no dia anterior.

— Nós reconstruiremos sua casa.

Stach observava as milhares de pessoas reunidas na praça. Todos pareciam muito resignados, ninguém ousava culpar a NIR. Naturalmente, isso não ajudaria muito, mas Stach tinha vontade de xingá-la um pouco. Delicadamente, soltou a mão da pequena Guilhermina e, pensativo, afastou-se do centro. Tinha de encontrar uma solução, uma solução para frear as igrejas. Tinha de encontrar.

Durante dias, Stach perambulou pelas ruas sem fim de Ecumênica. A família do prefeito foi alojada numa casa que se encontrava vazia na rua dos Altares. Lá havia, também, um quarto para ele. Stach, entretanto, pouco parava ali. Queria conhecer melhor a cidade, para ver se tinha uma ideia. Todas as igrejas estavam, outra vez, sob controle. Formando um amplo círculo, elas se movimentavam pelo centro de Ecumênica, sem sair de seus respectivos caminhos. Mas, desde aquela noite, Stach via naqueles colossos movediços um ar ameaçador. Havia algo de inexorável. Algo de inflexível. Algo de inclemente, não disposto a se dobrar, a recuar, a conciliar.

— Sempre para a frente — ponderou consigo mesmo Stach. — E nem uma árvore com um tronco de três metros de diâmetro pôde detê-las. Derrubá-las também não é possível. Expulsá-las do município também não. O que é que eu posso fazer?

Ele passou a observar toda as igrejas, com muito cuidado, por dentro e por fora. Na NIR todo mundo estava muito ocupado, reparando o órgão. Ela se deixava conduzir como se fosse um cavalo domado. Stach tinha a impressão de que a solução do problema estava na frente de seu nariz. “Sempre para a frente sem que nada possa pará-las. Mas, às vezes, mansas como cordeiros. Ao ponto de formarem um círculo ornamental para o casamento do prefeito.” Rugas apareceram no rosto de Stach, de tanto refletir, enquanto vagava pelas ruas de Ecumênica. E, de repente...

— Mas é claro! Como é que não percebi antes? Claro como a luz do dia.

As rugas de preocupação desapareceram de seu rosto, e, com passos apressados, foi procurar o prefeito.

— O momento é muito oportuno — disse o prefeito. — Hoje à noite tenho uma reunião com todos os condutores-chefes. Foram convocados por causa do acidente com a prefeitura e minha casa. Recentemente, tivemos muitas catástrofes, mas poucas foram tão espetaculares como dessa vez. É nosso costume realizar uma reunião após cada catástrofe. Mas nunca sai das discussões nenhuma ideia que valha a pena. Acho que será a mesma coisa hoje à noite. Daí, estou seguro, todo mundo vai estar muito interessado em ouvi-lo. Suponho que você vai querer discutir o problema de nossas igrejas movediças em termos gerais?

— Não em termos gerais, prefeito. Eu tenho um plano. — O prefeito pulou de sua cadeira, deixando cair no solo o livro de orações da NIO (Nova Igreja Ornamentada).

— Você tem um plano? Um plano de verdade, que pode dar certo?

— Eu acho que sim.

— Sem ter de destruir as igrejas? Você vai apenas pará-las, não é?

— Dará certo se os condutores me derem uma força.

— Como? Diga-me!

— É muito simples — disse Stach, modestamente, e explicou ao prefeito seu plano.

— Tão simples que nós nunca tínhamos pensado nisso. Stach, meu jovem, eu vou ajudá-lo a convencer os condutores, mesmo que fique rouco de tanto falar.

Balançando os ombros, o prefeito retirou-se, enquanto Stach o seguia com o olhar um pouco espantado com tanta agitação. Ele simpatizava muito com o prefeito.

À noite, lá estava Stach na reunião dos condutores. Admirou-se com as vestimentas elegantes que eles usavam, algumas coloridas e cheias de ornamentos, embora houvesse alguns que se vestiam simplesmente, sem nenhum adorno. O prefeito presidia o encontro. Fez um relato resumido do acidente com a NIR, chamou a atenção para o fato de os condutores terem feito tudo ao seu alcance e, por fim, disse:

— Irmãos, apesar de toda a sua destreza e profissionalismo, não fomos capazes de evitar desastres como esse. Mas agora eu tenho uma surpresa para os senhores. Stach os senhores já conhecem. Os senhores o viram caminhar nos últimos dias pelas ruas de Ecumênica. Ele visitou todas as igrejas, e a maioria dos senhores conversou com ele.

Os homens balançaram a cabeça, concordando. O prefeito prosseguiu:

— Stach tem um plano. Em minha opinião, um plano genial. Um plano à altura de um futuro rei. Stach, quer ter a bondade de explicar seu plano a nossos irmãos?

Stach levantou-se e disse:

— É muito simples. Para o casamento do prefeito, os senhores formaram com as igrejas um belo círculo simétrico em torno do Ático. Provou-se que isso é possível.

Todos concordaram novamente, e Stach prosseguiu:

— Minha ideia é que os senhores conduzam todas as igrejas ao mesmo tempo para o grande espaço aberto formado pelo Ático e o terreno onde se encontravam a prefeitura e a casa do prefeito. O espaço é suficiente para conter todas as igrejas. Elas precisam chegar ao mesmo tempo e de todos os lados de modo que se choquem umas contra as outras. Olhem, nada pode detê-las. Mas eu penso que elas podem se deter mutuamente. O resultado será uma só igreja gigantesca. Vocês terão apenas de derrubar umas paredes internas para ter um templo capaz de abrigar todos os habitantes de Ecumênica. Edifício tão grande não existe em Katoren. Talvez nem no mundo todo.

Produziu-se um silêncio de morte.

— Os senhores não entenderam. Vamos transformar todas as igrejas apenas...

O silêncio virou tumulto. Todos falando ao mesmo tempo, gesticulando, gritando, em resumo, uma confusão dos diabos. O prefeito atirou, com força, um copo de água no chão. Ajudou. Fez-se silêncio novamente.

— Agora ninguém fala, só eu — disse, autoritário. — Como chefe desta municipalidade e como membro de todas as igrejas, eu lhes digo que o plano de Stach tem de ser executado. Esta noite mesmo vou preparar um plano de ação. Amanhã de manhã os senhores receberão um roteiro e os horários precisos para a condução das igrejas. O ponto de encontro é o Ático, precisamente daqui a uma semana, às três da tarde. A reunião está terminada.

Para provar que estava falando sério, o delicado prefeito bateu seu martelo com tanta força que arrancou uma lasca de madeira da mesa. Democrático não foi, mas deu certo. Todos voltaram obedientes para casa, e Stach foi dormir feliz da vida. O prefeito passou toda a noite preparando o roteiro para as doze igrejas, cada caminho riscado com uma cor diferente no mapa de Ecumênica.

Chegou a terça-feira histórica.

Stach passou a semana inteira vadiando, vagando sem rumo pela cidade, de vez em quando escrevendo uma carta para Kim, para o tio Gervásio, ou, então, brincando com os filhos do prefeito. Duas vezes por dia, visitou o escritório improvisado do prefeito, transformado num centro de operações. Dependurado na parede estava um grande mapa, onde estavam marcadas as casas, as ruas, até as árvores da cidade. As linhas, em diferentes cores, indicavam a rota que cada igreja devia seguir, enquanto alfinetes, também coloridos, reproduziam, a cada hora, a movimentação das igrejas. O prefeito relaxou suas obrigações religiosas. Através de três telefones, ele ia se informando do movimento das igrejas. Se uma delas se adiantava, ou se outra se atrasava, ele ia informando os condutores para que as rotas fossem readaptadas a fim de que tudo fosse bem preciso no encontro final. Tinha a barba por fazer, as olheiras profundas, o que lhe dava um aspecto doen-

tio. Stach ofereceu-se várias vezes para ajudá-lo, mas ele não quis, justificando-se:

— Proibi toda a oposição. Sou, portanto, o único responsável.

A esperança era que nenhuma das igrejas, no último momento, se rebelasse, pois nesse caso tudo teria de ser recommçado.

— Tudo vai dar certo — garantiu Stach várias vezes. — Eu sempre tenho uma sorte tremenda.

E assim foi na terça-feira. De manhã, precisamente às nove horas, todas as igrejas chegaram para formar o círculo imaginário, tendo o Ático como centro. A NRI começou a deslizar em direção ao Ático, enquanto as outras ainda se moviam nos contornos do círculo. A colossal NRI devia ficar mesmo exatamente no centro, antes que as outras se agrupassem em sua volta. Atrás da NRI vinham algumas igrejas menores para aparar o choque do encontro das outras maiores que vinham de frente. Tudo se passava exatamente como no plano, cuidadosamente revisto mais uma vez pelo prefeito na manhã da segunda-feira, que no geral era de folga. Às nove e trinta e cinco, as outras igrejas avançaram além da curva do círculo em direção ao centro. Com exceção dos doentes graves e dos bebês de colo, não havia nenhum ecumenense que não tivesse vindo para o centro da cidade a fim de presenciar o milagre. Havia jornalistas de todos os cantos tentando entrevistar Stach, que se escondera no escritório improvisado do prefeito.

— A IRRR está meio metro atrasada — disse, esgotado, o prefeito.

E instruiu, pelo telefone, os seus condutores para que a fizessem deslizar mais rápido.

— Prefeito — disse Stach —, no conjunto, tudo está indo como planejado. Esqueça por um momento esses alfinetes e venha até a janela para presenciar o espetáculo. Espero, de todo o coração, que esta seja a última vez que as igrejas se movem. Venha apreciar o espetáculo.

Tocou um dos telefones. Stach atendeu e disse:

— Telefone dentro de cinco minutos.

Em seguida, tirou todos os telefones do gancho e se colocou à janela, ao lado do prefeito.

Lá vinham elas, de todos os lados. As pontas das torres brilhando ao sol, enquanto os pássaros que voavam em volta de cada uma delas começavam a se juntar. A Igreja Reformada passou entre duas casas. Não havia nem um metro de distância em cada lado. Avançou com precisão, não se afastando um milímetro da rota traçada. Todos os condutores, sem faltar um, estavam presentes. Todo mundo tinha o que fazer e dava tudo de si. Nunca, em Ecumênica, se tinha trabalhado com tanta harmonia.

Uma lágrima apareceu no canto do olho do prefeito e rolou em seu rosto por barbear até ficar dependurada numa ruga.

— A reunião das igrejas — murmurou. — Nunca vou me esquecer disso.

Ele enxugou as lágrimas com uma das mãos e recolocou os telefones no gancho. Imediatamente, todos eles começaram a tocar. Ele atendeu, tomou notas, deu instruções, mudou os alfinetes de posição. Duas horas. Faltava ainda uma. A NRI já estava quase no Ático. Acreditando que todos os jornalistas estariam totalmente absorvidos pelo espetáculo, Stach foi à praça para não perder nenhum detalhe. Sem pressa, as igrejas iam se aproximando umas das outras. Duas e meia. A base da coluna direita da NRI derrubou o marco que indicava o centro do Ático. As igrejas estavam tão próximas que as pessoas não conseguiam ter uma visão de conjunto do que estava acontecendo. Um lado proeminente da IJAM bateu num vitral da IRR, despedaçando-o, sob as vistas do prefeito. Um minuto para as três. Ouvia-se o rangido de pedra contra pedra, como se fosse um gemido. As igrejas pararam. A IB fez um último movimento para se escorar melhor na NIO. Por alguns instantes, ainda caiu um pouco de pó. Silêncio no Ático. Em Ecumênica erguera-se um edifício sem igual em todo o mundo.

Devagar e cerimoniosamente, as pessoas foram se aproximando, entrando por dezenas de portas. Uma vez dentro, foram abrindo as portas e destruindo as janelas que já não serviam mais para nada. Se tivessem ferramentas, teriam começado naquele mesmo dia a derrubada das paredes internas. Os condutores-chefes reuniram-se sob uma das muitas cúpulas e começaram a folhear os inúmeros livros de oração. Por fim, encontraram um hino que tinha, de um

modo ou de outro, algo em comum com todas as igrejas. Condutores-assistentes corriam pela gigantesca catedral, levando instruções para os organistas. Um som poderoso, vindo de doze órgãos e das vozes de milhares de pessoas, espalhou-se por Ecumênica. O canto unificado subiu por torres góticas e romanas, atravessou janelas e vitrais de todos os estilos e atingiu alturas onde nem mais os pássaros podiam voar, onde o ar era rarefeito e puro.

Stach foi o único que ficou de fora. Ele viu quando o prefeito saiu de seu escritório improvisado e se aproximou dele. E, ao seu lado, como que embriagado pela música, levantou a mão para desferrar um golpe contra si mesmo, velho hábito de uma das igrejas. Stach segurou o seu braço e disse:

— Isso não é mais preciso, prefeito.

— Você tem razão, meu jovem. Veja como estão unidas agora. Será que elas se moviam sempre para a frente justamente com o objetivo de um dia se encontrarem?

Stach não respondeu.

— Talvez — continuou o prefeito — tenha sido necessária a destruição da prefeitura. O acidente chocou tanto as pessoas que elas se atreveram a executar o plano. Caso contrário, poderiam ter ficado com suas rixas e brigas e isso nunca poderia acontecer.

— Provavelmente — respondeu, por fim, Stach. — Agora, vendo as igrejas assim reunidas, posso me lembrar de um dito do velho rei, um dos poucos que nada têm a ver com fogos de artifício. Ele escreveu certa vez: “Às vezes é preciso deixar que algo errado aconteça para que o novo tenha a sua vez”.

— Entremos — propôs o prefeito.

— Não, prefeito. Não me leve a mal, mas preciso fazer outra coisa.

Pensativo, o prefeito lhe perguntou:

— A quinta tarefa?

Stach balançou a cabeça afirmativamente.

— Vou com você até a estação.

Os dois apanharam a pouca bagagem, o prefeito comprou uma passagem, e o jovem domador de igrejas embarcou no trem regional.

— Adeus, prefeito.

— Adeus. Até a festa de sua coroação.

O trem começou a se mover. Stach abriu a janela e acenou para o prefeito. O trem já ia longe, e ele ainda podia ver os contornos da imensa igreja unificada de Ecumênica.

O Correio de Katoren



Stach já estava em casa havia uma semana e não tivera nenhuma notícia dos ministros. Tão logo chegara, havia lhes escrito uma carta contando o que se passara em Ecumênica e pedindo uma nova tarefa. Tio Gervásio entregara a carta aos ministros pessoalmente, a fim de evitar qualquer extravio. Vocês podem estar pensando que Stach estava até gostando de uma semana de férias. De jeito nenhum. Ele estava inquieto por não ter nada o que fazer. Queria terminar suas tarefas, quanto mais cedo melhor.

O nervosismo de tio Gervásio era maior ainda. Observava, com receio, as rugas e os semblantes de contrariedade dos ministros, acentuados cada vez que Stach voltava de uma missão bem-sucedida. Temia que estivessem planejando algo às escondidas. E foi por isso que fez o que nunca tinha feito em seus cinquenta anos de serviço: passou três horas com o ouvido grudado no buraco da fechadura da sala de reuniões dos ministros. Voltou para casa deprimido e perplexo.

— Eles querem que você salte de cima da catedral de Santo Aluísio — contou a seu sobrinho. — Leram nos jornais que você jamais faria isso. Somente o ministro Ligeiro foi contra. Não por temor de que você se esborrache no chão, isso não, mas porque teme a reação das pessoas. Em sua opinião, o povo quer que você execute sete tarefas que tenham uma utilidade e não desperdice seu talento numa besteira inútil.

— Esse ministro Ligeiro é realmente simpático — comentou Stach.

— Depois o ministro Sisudo propôs aumentar para oito as tarefas, mas o ministro Recto protestou, argumentando que o combinado tem de ser respeitado e que sete é sete. Em seguida, eles foram almoçar.

Stach pediu a seu tio que lhe promettesse nunca mais ouvir pelo buraco da fechadura, não porque fosse um fanático do tipo do senhor Recto, mas por considerar isso muito perigoso. Mas, na manhã seguinte, lá estava Gervásio com o ouvido pregado no buraco da fechadura.

À noite, abatido, relatou a Stach qual seria seu destino.

— Os malvados — disse ele. — Os hipócritas. Sabe o que foi que decidiram? A próxima tarefa vai ser a tarefa 4a. Com isso o ministro Recto concordou, pois 4a é parte da tarefa 4, argumentou, dizendo que tinha algo relacionado com as igrejas de Katoren. O ministro Ligeiro também não objetou mais.

— Tio Gervásio, eles querem mesmo, no duro, que eu salte do alto da catedral de Santo Aluísio? Uma tarefa tão inútil e absurda?

— Sim — respondeu Gervásio. — E ainda mais sabendo tratar-se da catedral onde seu pai caiu do andaime e morreu. Claro que você não vai fazer isso. E não vai ser o rei de Katoren. Mesmo sendo você tão habilidoso, não é feito de borracha. E não me venha com ideias de paraquedas ou algo do gênero, isso é impossível. Um paraquedas não abre em tão curta distância. É impossível.

Stach balançou a cabeça desanimado.

— Inútil, absurdo e impossível. O senhor tem razão.

No dia seguinte ele recebeu uma carta do Conselho de Ministros. Uma carta oficial, selada e timbrada, dizendo exatamente o que o seu tio já lhe tinha contado.

Tarefa 4a: saltar do ponto mais alto da torre da catedral de Santo Aluísio. Prazo: três dias. Sexta-feira, dez horas.

Ao terminar de ler, os olhos de Stach não brilharam de determinação como era de costume. Seu jeito desafiador, que tanto irritava os ministros, desapareceu.

— Para algo tão inútil e absurdo não estou preparado — resmungou para si mesmo. Em seguida disse: — Tio Gervásio?

— O que é, meu jovem?

— Tio Gervásio, não me atrevo. Não me atrevo a saltar da catedral. Não me atrevo a fazer algo totalmente inútil e sem sentido.

— Você tem razão, meu jovem. Seria suicídio. Sabe de uma coisa? Eu vou falar com os ministros. Vou tentar fazê-los desistir dessa ideia.

— Não adianta, tio. E o senhor sabe disso. Sabe o que vou fazer? Vou para o bosque, ao sul da cidade, para pensar melhor. Venha, Ladino, vamos. Sexta-feira, o mais tardar às nove horas, estarei de volta. Até a vista, tio.

O cão saltou feliz em cima dele, e os dois partiram. Gervásio permaneceu pensativo. Pouco depois, apanhou a carta que tinha ficado em cima da mesa e saiu de casa. Mas não para o palácio. Seguiu para a redação do *Correio de Katoren*, o maior e o mais respeitável diário do país, dos poucos com a fama de enfrentar os ministros.

Fiscando de raiva, Kim entrou no gabinete de seu pai e enfiou um jornal em seu nariz.

— Leia, pai. Leia! Os patifes! Como se atrevem!

— Acalme-se, garota. O que aconteceu?

— Eles querem que Stach salte da catedral de Santo Aluísio.

O prefeito de Polvorinho leu, apressado, a última edição do *Correio de Katoren*. No alto da primeira página, a manchete em letras garrafais: “A tarefa número 4a de Stach”.

— Pai — disse Kim. — Eu quero ir à capital. O senhor já leu o editorial? “4a uma ova”, é o título. O senhor leu que o redator-chefe convocou todo mundo para estar sexta-feira em Wiss? Por favor, dê-me o dinheiro para a passagem de trem, senão não cheguei a tempo.

O prefeito releu o artigo e disse, pensativo:

— A convocação é para as pessoas que vivem perto da capital, não para nós, que vivemos tão afastados e temos de viajar um dia e

meio de trem. Mas, em nosso caso... em seu caso... Eu posso entender sua preocupação, querida Kim. É caro, mas eu lhe dou a passagem.

— O senhor é um amor.

Kim abraçou seu pai com tanto ímpeto que seus longos cabelos quase derrubaram um tinteiro da mesa.

— Vá arrumar as malas.

Ao ouvir dos planos de viagem da filha, a mãe de Kim começou a preparar tortas de maçã. Desde que acabara a Irmandade da Árvore ela não tinha muito com o que se ocupar. Embrulhou uns cem pedaços de torta para Kim comer no caminho e outro tanto para Stach. Enquanto isso, Kim abarrotou duas enormes malas. A princípio, o prefeito e sua mulher não entenderam por que tanta bagagem. Só quando se deitaram é que perceberam.

— Mas isso não era necessário — resmungou o prefeito.

A mãe improvisou um travesseiro para o marido, utilizando toalhas e panos soltos, e disse morrendo de rir:

— Oh, a menina está mesmo apaixonada!

O trem já ia a cem quilômetros de Polvorinho, e Kim pensava que cada metro era um metro mais próximo de seu namorado.

Em companhia de Ladino, Stach passou três dias embrenhado no bosque. Correram por vales e colinas, perseguiram, sem nenhum propósito, coelhos pelos campos, Stach subiu em árvores enquanto Ladino ficava embaixo latindo, molharam-se na chuva e secaram ao sol. Um dia Stach deitou-se no solo para refletir. Já decidido, na sexta-feira cedo, voltou para Wiss. Não iria pular da catedral. Todas as possibilidades tinham passado por sua cabeça: paraquedas, redes de proteção, cordas que fossem se desenrolando aos poucos, sustentando seu peso... Concluíra que nada disso daria certo. Seguramente seria possível inventar algo, mas Stach se recusava, veementemente, a perder seu tempo com coisa tão inútil. Dessa maneira ele não queria ser o rei de Katoren. Apesar de serem apenas sete horas, muita gente em Wiss já estava na rua. Notou que todos se dirigiam à catedral de Santo Aluísio.

Alguns levavam travesseiros sob os braços, como se tivessem passado a noite ao relento.

“Maldição”, pensou Stach. “Será para presenciar meu pulo mortal que eles querem estar lá tão cedo?” A princípio ele não pretendia ir à catedral às dez horas, mas decidiu que iria lá sim, explicar às pessoas por que tinha desistido. Mas, primeiro, foi para casa.

Gervásio estava coando café. Ao vê-lo, esfregou as mãos de contente e disse:

— Chegou o dia da tarefa 4a. Um dia que ficará na história.

— Eu não vou pular.

— Claro que você não vai pular. Mas você vai lá, não é? Todo Katoren o está esperando.

— Irei. Vou explicar que não posso arriscar minha vida numa tarefa tão inútil e absurda.

— Muito bem. Diga-lhes isso.

Às nove e meia saíram de casa e às quinze para as dez chegaram à praça Santo Aluísio, que estava formigando de gente. Mas o que era aquilo perto da torre? Que tipo de construção era aquela? E o que é que as pessoas estavam jogando da torre?

O redator-chefe do *Correio de Katoren* tinha ficado furioso quando soubera da tarefa 4a e, por isso, escolhera para título de seu editorial “4a uma ova”. Mas ele tinha feito algo mais. No editorial, ele convocou todos os habitantes de Katoren a se concentrarem na manhã de sexta-feira na praça Santo Aluísio, levando travesseiros e almofadas para fazer, com eles, um monte junto à torre. Realmente dava para perceber que o *Correio de Katoren* era lido por muita gente. Milhares e milhares de pessoas, vindas de todos os cantos do país, fizeram uma verdadeira montanha de travesseiros e almofadas. Muito rapidamente, o monte ficou tão alto que não era mais possível jogar os travesseiros de baixo para cima. As pessoas, então, começaram a subir na torre e, de lá, atirá-los para baixo. Quando Stach chegou, a montanha de travesseiros já estava acima da metade da torre.

Sentiu um arrepio de satisfação ao compreender o que estava acontecendo. Estava claro que a população queria tê-lo como rei.

Sob estrondosos aplausos ele subiu à torre, de onde todos tinham descido. Gervásio permaneceu embaixo. Subir seria para ele muito cansativo. No meio das escadas, Stach ouviu uma respiração ofegante atrás de si. Virou-se e viu Kim, que subia correndo. Vermelha de tanto esforço, carregava sob os braços quatro travesseiros: o seu, o de seu pai, o de sua mãe e o do quarto de hóspedes. Seu trem tinha se atrasado, e por um triz ela não chegava a tempo.

— Alô, Stach.

— Kim!

Ele apanhou dois dos travesseiros e, juntos, subiram até a plataforma mais alta da torre. De lá, num gracioso gesto, Kim jogou os quatro travesseiros recheados de penas de ganso. Visto do alto, ainda era um pulo muito grande até a montanha de travesseiros. Mas Stach sorria.

— Não pode haver algo mais macio para saltar em cima do que os travesseiros de todos os katorenses. O velho rei disse: “Quando o povo solta foguete em sua homenagem ele o reconhece, mas quando ele lhe oferece a própria cama é porque o ama”. Kim, estou feliz com sua vinda. No meio de tanta gente talvez eu não possa encontrá-la. Vá para a casa de tio Gervásio que, depois, eu também vou para lá.

— Tenha cuidado, querido Stach.

— Não se preocupe. Tudo vai terminar bem.

Ele subiu na balastrada e acenou para a multidão. Milhares de mãos o saudaram. De repente, porém, fez-se silêncio na praça. Em filas de três chegaram os ministros. Na primeira Sisudo, Recto e Hermano; na segunda Ligeiro, Dureza e Vassouras. Pararam junto à estátua do velho rei, que eles nunca tiveram coragem de retirar dali. Eles também leram o *Correio de Katoren* e vieram verificar, pessoalmente, qual tinha sido a reação das pessoas. Uma reação que ultrapassou suas piores expectativas.

Stach fez uma exagerada reverência para os ministros, provocando uma salva de palmas da multidão. Ergueu-se, beijou as mãos de Kim e saltou da torre em meio a um silêncio de morte. Primeiro reto, depois um pouco inclinado, ia caindo seu jovem corpo. Levou três segundos para atingir a montanha de travesseiros.

Segundos que pareceram três horas, pelo menos para Kim e para tio Gervásio. A montanha cedeu uns dez metros com o impacto e, como uma mola, atirou Stach novamente para o alto. Caiu novamente; após uma série de pulos desajeitados foi rolando pela montanha até atingir a praça. Sob aplausos ensurdecedores, ele se dirigiu aos ministros e disse, depois de repetir a mesma reverência exagerada:

— Espero que Vossas Excelências indiquem o mais rápido possível qual será a quinta tarefa. Não necessito de nenhuma tarefa 4b, pois acho que a 4a não foi séria, nem honesta, nem virtuosa, nem limpa, nem eficiente. Foi apenas macia. Bom dia.

Mal terminou de falar, Stach foi cercado pela multidão e carregado nos ombros pelas ruas da capital. Com dificuldade, conseguiu escapar para casa. Kim já tinha conquistado totalmente a amizade de tio Gervásio e o tinha feito contar todos os detalhes da vida de Stach. Viu suas fotografias de bebê, até uma em que exibía sua bundinha nua deitado na grama. Stach teve vontade de jogar um copo de água fria na careca do tio. Somente o respeito por seus cabelos brancos o impediu.

Os três passaram alguns dias bem agradáveis. Kim não escondia que estava totalmente apaixonada. Stach também e não estava nem aí para outra coisa. Gervásio permanecia calado, a não ser quando tinha de contar novidades do palácio.

— Eles começaram a brigar entre eles — informou. — Estão lendo febrilmente as cartas que chovem de todas as partes do país. Continuam à procura de uma tarefa impossível. Estão agora conscientes de que só têm três chances, nenhuma mais. A reação da população mostrou que eles não podem inventar tarefas 5a ou 6b.

— Deixe que eles procurem — disse Stach com desdém. — Agora vamos ver o pôr do sol. Olhe, o céu está vermelho como o casaco da Kim. Tempo bom à vista.

Mas tudo o que é bom dura pouco. Chegaram duas cartas. Uma do pai de Kim, lembrando que ela tinha recebido um 5 em matemática no último boletim e que já tinha perdido muitas aulas. A outra carta era do Conselho de Ministros com um bilhete de trem de segunda classe, só de ida, para Ingenuinópolis, onde Stach

deveria achar uma cura para os tumores que deformavam os narizes das pessoas da cidade. Aos prantos, Kim tomou o trem para Polvorinho. Stach, animado, colocou suas coisas na mochila e saiu em busca do novo desafio. Gervásio seguiu sua rotina no palácio: abrir portas para o apressado ministro Ligeiro, entregar a escova ao ministro Vassouras, enfim, ser útil aos governantes do país.

Uma cidade lamentável



— Boa tarde, Tara, que bom que o senhor tenha vindo.

— Boa tarde.

— É minha mulher, Tara. Hoje de manhã percebemos pela primeira vez a pequena mancha. Temo que seja um caso de...

— Já veremos isso.

— Claro, Tara. Não me leve a mal.

O pequeno prefeito de Ingenuinópolis apanhou a capa e o chapéu do Tara e o conduziu, cheio de reverências, para o quarto de dormir. Sua mulher estava deitada. Ao ver entrar o sábio metido em sua toga, ela tentou se levantar, mas obedeceu ao aceno que ele lhe fez para permanecer na cama.

— Continue deitada, senhora.

Ela obedeceu, satisfeita de não ter de mostrar sua surrada camisola. O Tara retirou de sua pasta uma lente de aumento e examinou o seu nariz.

— Stakare onissumum plastroze — murmurou.

— O que é isso, Tara? — perguntou o prefeito ansioso.

— Plastroze, varietario cinearum.

— Ah, sim — disse o prefeito, apesar de não ter compreendido bulhufas.

— Hoje à noite você pode ir buscar o remédio. É para ser tomado duas vezes por dia. Precisamente, dentro de uma semana, estará curada. Portanto, senhora, não fique preocupada. Seu nariz

vai ficar perfeito como sempre foi.

— Muito obrigada, Tara. Muito obrigada.

O Tara apertou as bochechas da mulher antes de ser conduzido até a porta pelo prefeito. Um pouco depois, o mais importante cidadão de Ingenuinópolis voltou ao quarto para confortar a esposa.

— Muita sorte, querida, descobrimos em tempo.

— Sim — sussurrou.

— Agora, vamos, não fique abatida. Você não vai perder seu lindo nariz, e isso é o mais importante.

— Mas teria sido tão bom se você tivesse conseguido comprar o seu piano. Você estava tão ansioso por esse momento. Agora teremos de economizar outra vez para comprá-lo.

— Não se preocupe com isso, minha querida. Devemos estar alegres porque temos condições de pagá-los. Que fantástico, como descobrem rápido do que se trata. Plastroze e não sei mais o quê...

— Alguma coisa com cinearum...

— Como são sabidos e inteligentes, os Taras.

— Sim, é verdade. Mas a campainha não tocou?

— Não ouvi nada. Vou ver.

Stach encontrava-se à porta. Tinha terminado sua longa viagem ao extremo oeste de Katoren até Ingenuinópolis. Seguindo seu hábito, foi logo procurar a casa do prefeito, mas dessa vez foi mais difícil encontrá-la. Assim que chegou, percebeu que Ingenuinópolis era de uma pobreza de dar dó. Casas velhas, janelas descoloridas, ruas esburacadas, praticamente sem iluminação, carros velhos, enfim, uma cidade decadente. Mas, andando pela cidade, notou que no meio de tantos casebres havia aqui e ali algumas casas bem construídas, pequenos castelos no meio da pobreza. Também na praça central havia duas dessas casas, e Stach pensou que uma delas seria a residência do prefeito. Mas não era. Depois de muito perguntar, ele chegou a uma casa insignificante, na mesma praça, perdida no meio dos dois palacetes. Hesitante, tocou a campainha e foi atendido por um senhor baixinho, feio e vestido com uma roupa velha.

— Eu queria falar com o prefeito — disse, inseguro.

— Eu sou o prefeito — respondeu o baixinho.

— O senhor???

Quando percebeu como a pergunta soou indelicada, já a tinha feito. O prefeito, entretanto, não se incomodou e lhe perguntou amigavelmente:

— O que eu posso fazer pelo senhor?

— Chamo-me Stach. Venho de Wiss. Tenho uma tarefa...

— O senhor é o Stach?

O prefeito puxou-o com as duas mãos para dentro de casa e, parecendo um pouco perturbado com a própria impertinência, apanhou a mochila velha de Stach como se fosse de ouro e a colocou debaixo da escada. Excitado, gritou para a mulher que Stach tinha chegado, enquanto dava voltas em torno dele, chamando-o de senhor Stach, até que por fim, num lugar que parecia ser a sala de estar, sentaram-se numas cadeiras velhas que gemiam a cada movimento.

— Senhor Stach! O senhor aqui em Ingenuinópolis?

— Prefeito, primeiro vamos deixar uma coisa bem clara. Meu nome é Stach. Eu não sou nenhum senhor.

— Ah, sim. Muito bem. Stach apenas. Eu seria indelicado se perguntasse ao senh... quer dizer, a você, o que veio fazer em Ingenuinópolis?

— Eu vim tentar curar o mal do nariz vegetal. Mas devo acrescentar que nunca vi em minha vida um nariz vegetal e nem sei do que se trata.

— Sorte sua. Nunca ter visto um nariz vegetal, como pode ser?

— Fale-me a respeito, prefeito, por favor.

— Minha esposa está de cama com um princípio de nariz-v. É assim que chamamos, nariz-v. Não quer continuar a conversa no quarto? Minha mulher deve estar morrendo de curiosidade para conhecê-lo.

— Com todo o prazer.

Subiram por uma estreita escada de madeira. Stach foi apresentado à mulher do prefeito, que também o recebeu entusiasmada. O rapaz sentou-se na única cadeira do quarto e o prefeito, ao pé da cama.

— Se o seu é um nariz-v, então eu também quero um — disse Stach olhando com admiração o belo nariz aquilino da doente.

— Jovem, não diga isso. Se meu marido não pudesse buscar hoje à noite o medicamento na casa do Tara, o meu nariz, dentro de uma semana, estaria tão grande como um repolho roxo, e da mesma cor.

O prefeito contou que, desde tempos imemoráveis, Ingenuinópolis era atacada por um exemplar especial de mosca que punha seus ovos num tipo de terra pantanosa que só existia nas imediações da cidade. De vez em quando, essas moscas entravam nas casas e preferiam pousar, claramente, sobre...

— ... o nariz — completou Stach.

— Exatamente. E, uma vez lá, por que não dar uma picada? O dono ou a dona do nariz sente uma fisgada e reage com um tapa no próprio rosto. Geralmente, a mosca morre, mas o mal já está feito. Forma-se um pequeno ponto vermelho, a pessoa começa a ter febre, e as narinas ficam adormecidas. São os sintomas do início de um nariz vegetal. O que significa isso? O nariz incha até formar um tumor horrível, avermelhado. Há duas possibilidades: o tumor pode abrir, o que significa morte certa; ou, então, o tumor permanece fechado, enorme, provocando asco nas pessoas em volta.

— Que coisa horrorosa, prefeito.

— Ah, terrível mesmo... Graças a Deus temos os excelentíssimos senhores Taras.

— Quem são os excelentíssimos senhores Taras?

— Os senhores Taras são os maiores sábios de nossa cidade. Expelem conhecimentos pelos olhos, pela cabeça erguida, pelo movimento das mãos, pelas roupas bem talhadas. Eles sabem tudo sobre um nariz-v. Sabem distinguir os diferentes tipos de moscas e os venenos que depositam em nossos narizes. Um tumor pode ter a forma de um repolho, de uma couve-flor, de um cogumelo gigante, de uma cebola, de uma orelha inchada, de uma berinjela, enfim, são tantas formas... Mas esses senhores Taras, esses reis da ciência, conhecem todas elas. Eles preparam remédios, os testam, os aperfeiçoam, e agora são capazes de curar qualquer nariz vegetal logo que aparecem os primeiros sinais.

— Posso compreender que o senhor esteja satisfeito com os excelentíssimos senhores Taras.

— Eles são deuses da sabedoria. Gênios. Você precisa ver com que elegância, com que segurança, eles caminham com a cabeça erguida. Você precisa ouvir o tom que sabem imprimir à voz, um tom que diz a nós, pobres mortais, que ali estão gênios.

— Há uma coisa que não entendo, prefeito. O senhor disse que os senhores Taras sabem tudo sobre a doença. Então, qual é o problema? Por que os ministros me enviaram aqui?

Pensativo, o prefeito mordeu a junta de seu indicador direito.

— Isso eu também não compreendo.

— Não fique zangado, Gilberto — interferiu a mulher do prefeito. — Fui eu quem escreveu ao ministro Vassouras.

— Você? Mas por quê?

— Sabe, Stach — continuou a mulher do prefeito —, é verdade, felizmente, os narizes vegetais podem ser curados. Mas os remédios custam os olhos da cara. São tão caros como a consulta aos Taras. Temos de pagar cada palavra que dizem. Dez katorais por palavra. Um “bom dia, senhora” já vale trinta katorais. Não protesto contra isso. É compreensível. Tiveram de estudar tanto, não é? São tão talentosos. Mas eu pensei... tinha a esperança... Meu marido tem tanto talento musical. Há quinze anos tentamos economizar para comprar um piano. Mas, sempre que temos quase a quantia necessária, algum de nós dois é atacado pela mosca. E o dinheiro vai todo embora. Eu li tanto sobre o senhor nos jornais, Stach...

— Não sou senhor.

— ... sobre você, Stach. Os jornais dizem que você pode resolver quase todos os problemas. Então, pensei que você pudesse exterminar as moscas.

— Minha querida — disse o prefeito —, você perdeu a cabeça. As moscas não podem ser exterminadas. São seus ovos que mantêm a terra mais ou menos firme. Sem eles, o pântano engolirá tudo. Ingenuinópolis irá sumir do mapa. Isso você não deseja. Não a leve a mal. Ela estava bem-intencionada. Fico com muito pesar, mas você deve voltar a Wiss e pedir aos ministros uma outra tarefa. Aqui você não tem nada para fazer. É perda de tempo.

— Hum... Posso, talvez, ficar por aqui mais alguns dias?

— Naturalmente. Temos uma cama no sótão. Se você não se importar...

— Para mim está ótimo, senhora.

Outra vez, Stach era o hóspede na casa de um prefeito. Nunca estivera tão mal alojado. Seu chuveiro era uma lata de óleo furada. De cobertores, tinha dois baixeiros. Por refeição, pão seco com queijo de cabra ou batata com toicinho. Não dava para acreditar que o prefeito fosse a pessoa mais bem paga de Ingenuinópolis, com exceção dos Taras, evidentemente. Mas Stach não ligava para tudo isso. Ele também não vivia nadando na riqueza com o tio Gervásio. O prefeito e sua mulher eram simpáticos, isso era o mais importante.

À noite, ele foi com o prefeito buscar a pomada. A pesada porta de entrada da casa do Tara foi aberta por uma criada. Ao reconhecer o prefeito, ela os conduziu até o corredor e foi apanhar o remédio. Stach observava tudo em volta. A bela saleta na entrada fazia pensar nos palacetes de Fumaceira. Lustres pesados, tapetes valiosos, ornamentações luxuosas. Casa de milionário. O prefeito olhou com uma ponta de inveja para Stach que, muito à vontade, mãos no bolso, percorria tudo com seu olhar inquisidor. Humilde, o prefeito rodava sem jeito o chapéu na mão e mantinha a cabeça ligeiramente abaixada. A criada entregou-lhe a pomada, e os dois foram embora.

— O Tara come do bom e do melhor — comentou Stach.

— Naturalmente.

— Acho que eles não vão gostar muito se resolvermos o problema dos narizes vegetais.

— Não diga isso — retrucou o prefeito. — Eles se matam de trabalhar, dia e noite, para aliviar nosso sofrimento. Nenhum esforço é demais para eles. Imagine se eles tivessem ainda de se preocupar com dinheiro! Não poderiam se concentrar, cem por cento, no combate ao mal do nariz vegetal. Não, os excelentíssimos senhores Taras serão os primeiros a aplaudir um possível sucesso.

— Pode ser. O senhor os conhece mais do que eu.

Em casa, a mulher do prefeito passou a pomada em seu nariz. O remédio tinha um cheiro de vinagre. Após o minguido jantar,

Stach perguntou ao prefeito se ele não tinha algum livro sobre o mal do nariz vegetal. Não tinha. Os Taras temiam que os leigos comessem a tentar se curar por eles mesmos, com consequências catastróficas. Daí, recusavam-se a escrever qualquer livro sobre o assunto. Havia os Taras e os leigos, nada de um grupo de semi-Taras no meio. Stach achou melhor escrever uma carta para Kim. Aconselhou-a a substituir os travesseiros perdidos por livros de matemática. Quem sabe isso ajudaria a melhorar suas notas... Com isso ela mataria dois coelhos com uma cajadada só.

Nos dias seguintes, enquanto a mulher do prefeito se recuperava rapidamente, Stach ficou conhecendo Ingenuinópolis melhor. Os ingenuinenses, como eram conhecidos os habitantes da cidade, tinham o maior prazer em conversar com o famoso jovem. Notou que, apesar da existência de medicamentos, havia muita gente com nariz vegetal. Tinham um aspecto realmente estranho. “Como o nariz é importante”, pensava. Ele encontrou uma jovem, mais ou menos da idade de Kim, com olhos quase tão belos, mas, infelizmente, dona de um nariz vegetal, no caso em forma de cogumelo.

— Para mim foi muito tarde — disse ela, pesarosa. — Meu pai é avarento. Quando meu nariz começou a crescer, ele pensou que era por causa da ferroada de uma abelha e não quis chamar o Tara. Alguns dias depois, a pomada não surtiu mais efeito. Eu fiquei com este nariz de cogumelo, e meu pai teve de pagar duas vezes mais aos Taras do que teria de ter pago se os tivesse chamado logo no início. Agora tivemos de mudar para a menor casa de Ingenuinópolis.

— Felizmente, o tumor não abriu — disse Stach tentando consolá-la.

— Ah, com um nariz deste, que prazer você pode ter na vida? Só nos sentimos à vontade na nossa associação.

— Que associação?

— Chama-se A Fachada. Só é aceita gente com o mal do nariz vegetal. Na verdade, é um grupo de teatro. Representamos algumas peças. Aí podemos imaginar que somos gente normal.

— Não tem nenhuma pomada que ajude nesse estágio?

— Não.

— E se você besuntasse seu nariz com muita pomada todas as noites, durante três semanas, será que não ajudaria?

— Não creio. Além do mais, seria preciso um balde cheio de pomada. Eu necessitaria de tanto dinheiro que daria para comprar a metade da cidade.

— Como você se chama?

— Irene.

— Até a vista, Irene.

— Até a vista, Stach.

Ele voltou para a casa do prefeito e perguntou à mulher o que ia fazer com a pomada que sobrara. Ela respondeu que ia jogar fora. Os Taras insistiam que assim devia ser, para que mais tarde ela não caísse nas mãos de irresponsáveis que poderiam tentar usá-la sem supervisão.

— A senhora quer me dar o que sobrou?

— Bom, não sei, o Tara disse...

— Dê-me, sem medo, senhora.

Vacilando, ela entregou a caixa quase vazia a Stach. Ele a escondeu no sótão e saiu de novo. Todo mundo já sabia que ele estava na cidade e muito interessado no mal do nariz vegetal. Por isso mesmo, achava estranho que não tivesse conseguido falar com nenhum dos Taras. Em cada palacete que tocou, ouviu sempre a mesma resposta:

— O Tara está muito ocupado e não pode atendê-lo.

Era verdade que eles sempre andavam apressados pelas ruas, como quem tem muito o que fazer. De qualquer maneira, Stach começou a seguir, às escondidas, aquelas figuras encapuzadas e a visitar os casebres onde eles eram chamados. Dessa maneira ele pôde ver vários narizes em crescimento: nariz-berinjela, nariz-cebola, nariz-nabo, nariz-tomate, todo tipo imaginável. Pediu a todos os doentes que guardassem para ele o que sobrasse da pomada. Como ele era o famoso Stach, vindo da capital, que conhecia os ministros pessoalmente, a maioria das pessoas atendeu a seu pedido.

Ele perambulava pela pobre cidade, indo também até o povoado que ficava do outro lado do rio, e conversava com muita gente. Pessoas pobres gostam de conversar. O grande edifício na praça

central de Ingenuinópolis, que ele pensara ser a prefeitura, era a sede da Irmandade Científica dos Taras. Era ali que se realizavam as reuniões para discutir o problema dos narizes-v. Numa noite, ele viu dezenas de Taras, com seus semblantes cerrados, dirigindo-se à sede da irmandade. Quando todos entraram, Stach perguntou ao porteiro o que estava se passando.

— É uma reunião científica, Stach — respondeu o porteiro. — Tem lugar todas as sextas-feiras à noite.

— Será que eu posso assistir?

O porteiro ficou branco de susto.

— Você está louco? Nenhum leigo pode entrar. Além do mais, você não entenderia o que eles falam.

— Então não tem importância que eu esteja presente.

Stach não gostava nada dos Taras. Não engolia o fato de não ter sido recebido por nenhum deles. Não tinha por eles a admiração que lhes dedicava a população de Ingenuinópolis. Durante a semana, ele conseguiu reunir vinte e duas caixas quase vazias de pomada-v. A não ser pela cor, todas as pomadas se pareciam muito e tinham o mesmo cheiro. Ele reuniu todos os restos num vidro e foi visitar Irene. Como na vez anterior em que a encontrou, foi difícil esconder o sentimento de repugnância ao ver seu nariz asqueroso. Mas soube se controlar muito bem.

— Olhe, garota — disse, por fim. — Tenho aqui um vidro cheio de pomada-v. Faça-me o favor de passá-la em seu nariz durante duas noites consecutivas. Meio vidro de cada vez. Não essa história de um pouquinho de cada vez; a metade.

— Nossa, Stach. Isto deve ter lhe custado uma fortuna.

— Não se preocupe. Não paguei um tostão por isso. Você vai passar?

— Esta é a pomada apropriada para nariz-cogumelo? A que o Tara me receitou era verde. Esta está descolorida.

— Se você quer mesmo saber, é uma mistura de todas as pomadas. Mas, aqui para nós, Irene, sejamos honestos, não é preciso mais nada para estragar o seu nariz. Daí...

— É verdade — concordou com tristeza. — Pior do que está não pode ficar. Vou passar a pomada.

— Mas não espere grande coisa. Provavelmente não vai dar certo, não fique alegre antes da hora. E não diga a ninguém.

— Tenho certeza de que não vai dar resultado.

Dois dias depois, Irene estava tocando a campainha da casa do prefeito, de manhã muito cedo. E tocou com tanta insistência que Stach desceu as escadas correndo, pensando que seguramente a metade da cidade estava pegando fogo. Assim que abriu a porta, Irene gritou:

— Ele encolheu três milímetros.

Stach não percebeu nenhuma diferença. Era o mesmo nariz repugnante de dois dias atrás, talvez um pouco menos avermelhado. Com cuidado, ele perguntou:

— Como é que você sabe?

— Eu coleí um papel no nariz e fiz um contorno com o lápis — disse. E continuou, um pouco envergonhada: — Quando você tem um nariz assim você sempre sabe o seu tamanho, Stach. Hoje de manhã eu o medi de novo. Notei uma diferença de três milímetros. De verdade.

Naquele dia, Stach percorreu toda a cidade e conseguiu reunir mais meio vidro de restos de pomada. Outra vez, Irene passou o meio vidro de pomada no nariz e, na manhã seguinte, voltou a informar Stach sobre um ligeiro encolhimento. Era uma nova sexta-feira e Stach tinha pensado muito no problema. Disse:

— Por acaso, Irene, não existe na associação de vocês uma toga e um chapéu de Tara?

— Temos, sim, para as peças de teatro. Para quê?

— Você confia um pouco em mim?

— Stach, por você eu daria a vida.

— Ah, que ótimo — exclamou. Mas logo apressou-se em dizer: — Hoje de manhã recebi uma carta muito agradável de Kim, minha amiga de Polvorinho. Mas ouça, Irene. Hoje à noite quero me disfarçar de Tara. Toga, capa, chapéu, um pequeno bigode postiço, maquiagem para me fazer um pouco mais velho, enfim, quero me disfarçar num verdadeiro Tara. Você conseguiria fazer isso?

— Claro que consigo — disse vacilando. — Mas o que você pretende?

— Não me pergunte nada. Faça apenas o que eu lhe pedi, ok?
— Fique descansado. Eu farei.

De fato, Irene conseguiu. À noite, Stach parecia um verdadeiro Tara de seus quarenta anos. Claro, parecer-se com um Tara é uma coisa, comportar-se como um Tara é outra. Felizmente, arrogância era o que não lhe faltava. Ele jogou sua cabeça para trás, estendeu sua mão e disse autoritário:

— Garota, minha capa.

— Sim, senhor Tara — respondeu Irene surpresa, para depois disparar a rir. — Stach, você está perfeito.

De cara fechada, ele foi andando para a praça central; juntou-se a um grupo de Taras e entrou no grande edifício da irmandade. Ele viu como os demais entregavam suas capas a uma criada na entrada e fez o mesmo. Tinha o coração na mão enquanto repetia para si mesmo: “Qual é o problema? Se eles forem honestos, tudo bem. Se não forem...”.

Ele perguntou à criada quem era o presidente da irmandade. Tratava-se do Tara Garçolino, de Garçanópolis. Stach apresentou-se a ele como sendo o Tara Bumdié, de Calça Rasgada, um dos vilarejos mais pobres da região.

— Espero que o senhor não se oponha que eu assista a esta reunião científica.

— Ha, ha — riu o Tara presidente. — Você é um gozador, Bumdié. Reunião científica, esta é uma boa. Sinta-se à vontade, homem.

— Obrigado, Garçolino.

Inicialmente não entendeu por que foi chamado de gozador, mas aos poucos foi entendendo. Qualquer pirralho perceberia que aquilo não era reunião científica coisa nenhuma. Sentados em pequenos grupos, os Taras bebiam e conversavam, esvaziando um montão de garrafas. Não eram de refrigerantes. Para não chamar a atenção, Stach sentou-se junto a um dos grupos depois de se apresentar.

— Eu não sabia que Calça Rasgada tinha habitantes suficientes para ter um consultório — disse um deles. — Dá para você viver, Bumdié?

— Está começando. Dentro de um ano junto meu pé-de-meia. Pelo menos se as moscas continuarem visitando Calça Rasgada.

— Elas nunca faltam. As moscas são nossas fiéis aliadas. O que você quer beber, Bumdié, uísque ou vodca?

— Uma vodca cai bem.

Stach tomou um pequeno gole com todo o cuidado, mas, mesmo assim, disparou a tossir.

Os Taras olharam para ele surpresos.

— Diabo de gripe — disse Stach prontamente. E continuou com a voz entrecortada pela tosse: — Clima miserável.

— Eu também já sofri com este clima miserável — disse o Tara que se encontrava mais próximo e que se chamava Quieto. — A sua saúde.

Ergueu o copo cheio de uísque e o sorveu de um gole só.

Stach também conseguiu esvaziar o seu, disfarçadamente, num vaso de flores ao lado. Comentou:

— Ufa, este é o melhor remédio para a tosse. Limpei meu peito.

Até então nem sombra de qualquer discussão científica. Os excelentíssimos senhores Taras, muito à vontade, discutiam sobre investimentos, sobre as maravilhas de seus palacetes, sobre as novas instalações do Tara Aeroclube e também sobre a possibilidade de aumentar o preço das consultas. Stach circulou de mesa em mesa para melhor ouvir as conversas, sem perceber, uma única vez, nenhuma menção ao tema nariz vegetal. Foi então que decidiu, por conta própria, tocar no assunto.

— O senhor está com muitos clientes no momento? — perguntou a um Tara que parecia mais velho e que já estava mais pra lá do que pra cá de bêbado.

— Movimento normal — respondeu o homem.

— Tenho a vaga impressão de que descobri uma nova forma de nariz-v. Estou querendo chamá-lo de nariz-caramujo — disse Bumdié.

— Use roxo. Essa cor ainda não foi utilizada.

— Roxo?

— Sim. Use pomada roxa. Mas não se esqueça de registrá-los: a cor e o nome que você deu ao nariz. Garçom, um uísque com soda.

Tomando seu uísque, o velho Tara esqueceu-se de Stach. Uma suspeita terrível começou a circular no jovem cérebro do rapaz. Usariam os Taras para todas as formas de nariz vegetal a mesma pomada? Toda aquela terminologia complicada era para engabelar a população? Stach foi invadido pela fúria. "Preciso me controlar", pensou, "pois agora quero saber de tudo, tim-tim por tim-tim."

De vez em quando alguém colocava um copo cheio em sua mão. Cada vez com menos cuidado deixava cair a bebida num vaso de trepadeira. Admirava-se de que a planta já não estivesse falando enrolado. Uísque e vodka já estavam alguns centímetros acima do nível da terra no vaso. Por volta das duas da manhã, alguns Taras começaram a ir embora. Quando percebeu que o Tara Quietos estava para se retirar, disse-lhe:

— Ei, Quietos, vem uma pessoa, amanhã bem cedinho, a minha clínica buscar pomada contra nariz-cogumelo. Justamente quando estava para vir para cá, descobri que minha pomada acabou. Dá para você me emprestar um pouco?

— Aqui comigo não tenho. Mas, se você me acompanhar, vamos em casa e preparamos um pouco. Moro a dois quarteirões daqui.

— Com todo o prazer.

Foram direto para a farmácia de Quietos.

— Aí está o material. Prepare você mesmo, enquanto isso vou buscar uma bebida — disse Quietos.

— Poxa — respondeu Stach com muita presença de espírito. — Estou tão bêbado, tenho medo de deixar cair tudo pelo chão. Se fosse na minha farmácia, talvez eu conseguisse. Mas aqui... hip... vou bagunçar tudo... Por favor, hip, faça você.

— Ok — murmurou Quietos. — Acho que você encheu a cara mais do que devia. Tudo bem, Tara é Tara.

Ele tirou uma pá de terra do pântano de um balde e a peneirou de modo a separar galhos e pedras. Em seguida, de uma caixa de farinha fermentada para fazer panqueca, certamente comprada no armazém da esquina, retirou um punhado e misturou com a terra peneirada. Acrescentou um pouco de óleo, uma pitada de mostarda e depois mexeu até formar uma pasta consistente. Stach viu nas

prateleiras algumas garrafas de vinagre, lembrando-se logo do cheiro da pomada. Arriscou-se:

— Ei, não se esqueça do vinagre.

Sua voz estava rouca de ódio, mas Quietos pensou que fosse rouquidão de bêbado.

— Claro que não. Sem vinagre o efeito não é dos melhores. Além do mais, faltaria aquele cheiro conhecido, que inspira confiança. Que tipo de nariz você falou? Cogumelo? Então tem de ser verde.

De uma fileira de vidros de diversas cores, Quietos escolheu o verde e pingou algumas gotas na pasta.

— Pronto. Suficiente, no mínimo, para vinte narizes-cogumelos. Aqui está, colega.

— Muito obrigado — murmurou Stach. — Ainda lhe pago.

— Toma mais alguma coisa?

— Não, obrigado. Meu carro está na praça e tenho ainda de viajar muito. MUITÍSSIMO obrigado.

E saiu com seu hip-hip de soluços. Apressou-se para chegar em casa. Teve vontade de acordar o prefeito e sua mulher, mas desistiu. "Primeiro preciso me acalmar, tenho vontade de gritar tão alto que na certa iria acordar a vizinhança toda", pensou. Jogou a toga de Tara num canto, arrancou o bigode e lavou o rosto. Deixou-se cair no catre estreito e sonhou que todos os Taras de Ingenuinópolis estavam curvados diante dele, de costas, expondo suas nádegas, enquanto ele lhes distribuía umas boas chicotadas, não com muita força, mas com firmeza. As rugas de contrariedade sumiram de seu rosto; naquele momento sorria em seu sono.

O prefeito não acreditou nele. O respeito que tinha pelos excelentíssimos senhores Taras era muito grande. Maior ainda era o medo dos narizes vegetais.

— Não é possível — continuava dizendo. — Isso não pode ser. Deve ser engano seu, Stach. Os Taras são sábios. São nossos benfeitores. Isso não é possível.

— E o que é isto aqui, prefeito? Como eu consegui isto? — disse Stach mostrando-lhe uma caixa cheia de pomada verde.

— Jovem, isto vale uma fortuna. Uma caixa cheia!

— Fortuna coisa nenhuma. Olhe aqui.

Ele apanha um punhado da pasta e joga no ralo da pia.

— O que é isso, Stach? A pomada está estragada? Que pecado!

— Pecado uma ova. Pelo preço de uma panqueca eu faço um quilo de pomada. Para qualquer tipo de nariz-v. Pode acreditar, prefeito. Os habitantes são marionetes nas mãos deles.

— Eu não posso acreditar, Stach.

— E a senhora? — disse dirigindo-se à mulher do prefeito.

— Minha razão diz que você está certo, mas meu coração não quer aceitar.

— Na verdade, todos vocês em Ingenuinópolis são também culpados. Vocês elogiaram tanto os Taras, lamberam tanto seus sapatos, curvaram-se tanto diante deles, que a arrogância subiu-lhes à cabeça. Esperem. Vou fazer umas compras. Enquanto isso, convençam-se de que eu tenho razão. Até mais.

Ele levou o resto da pomada para Irene.

— Tome, garota, suficiente pelo menos para quatro noites. Quando acabar você pode fazer o tanto que quiser.

— Fazer?

— Fazer, sim. Mais tarde eu lhe explico.

De volta para casa, passou num armazém e comprou, com o pouco dinheiro que tinha, vinagre, farinha fermentada e óleo de salada. Numa loja de plantas, comprou um saco de turfa do pântano.

— Do mesmo tipo que os Taras compram aqui — arriscou Stach.

— Você também vai plantar dalias, Stach? É para isso que eles compram turfa.

— Não — respondeu Stach. — Eu vou preparar, como os Taras, pomada contra o mal do nariz vegetal. Vá à praça do mercado, hoje à tarde, às duas horas. Vou ensinar o truque da pomada. Acabou esse negócio de economizar para engordar a conta dos Taras. Bom dia.

O vendedor ficou estupefato. De volta à casa do prefeito, ouviu o casal brigando por causa do que lhes tinha contado.

— Liliputiano — gritou Stach com veemência. O pequeno prefeito olhou-o consternado.

— Não me leve a mal, prefeito. Chamo-lhe de liliputiano não porque o senhor tenha pouca estatura, mas porque o senhor se abaixa muito para os Taras e não defende os interesses da cidade. Olhe bem o que eu vou fazer, olhe bem.

Stach misturou os ingredientes, mexendo-os bem. Como ele não peneirou a turfa, a pasta ficou um pouco empelotada. Quanto ao mais, virou o tipo de pomada bastante conhecido do prefeito e sua mulher.

— Se o senhor quiser se tornar um grande homem, prefeito, vá ao pântano, apanhe algumas moscas e deixe que elas lhe piquem, na frente de todo mundo, hoje à tarde, na praça do mercado. Eu farei o mesmo com prazer. Em seguida, na frente dos habitantes de Ingenuinópolis, preparamos a pomada e passamos em nosso nariz. Assim, acabamos de vez com os excellentíssimos senhores Taras e com os narizes vegetais. Vamos lá, prefeito.

— Faça isso, Gilberto — disse a esposa, sua voz assumindo repentinamente um tom de firmeza.

O prefeito ergueu-se dentro de seu surrado casaco. Um novo brilho saía de seus olhos.

— Finalmente vou me transformar no verdadeiro prefeito de Ingenuinópolis. Até agora, em virtude de minha pobreza e do medo dos narizes vegetais, nunca passei de um escravo dos Taras. Meus cidadãos, agora, vão conhecer a prosperidade. Vamos asfaltar nossas ruas, construiremos uma ponte ligando os dois lados da cidade, edificaremos uma nova e bela prefeitura. Joana, onde está minha rede de apanhar borboletas?

Decididamente, o prefeito encaminhou-se para o pântano. Na pressa, esqueceu-se do chapéu, deixando sua cabeça ligeiramente calva brilhar ao sol.

Seguiram-se dias agitados em Ingenuinópolis. Depois do show do prefeito e de Stach na praça do mercado, as pessoas não sabiam o que deviam sentir primeiro: alegria ou ódio. Na indecisão, sentiram uma mistura dos dois.

Durante dias e noites cantaram e dançaram pelas ruas, enquanto, com os punhos cerrados, faziam gestos ameaçadores em direção aos palacetes dos Taras. Os mais afoitos chegaram a quebrar algumas vidraças. Mas o prefeito conteve a violência ao dizer com a firmeza de sua autoridade recém-adquirida:

— O que vamos fazer é o seguinte: tudo o que os Taras comprarem aqui na cidade e nos vilarejos do município eles terão de pagar três vezes mais do que o preço normal. Cada serviço que lhes prestarmos, cobraremos três vezes mais do que para qualquer outra pessoa. Esta punição estará em vigor até que sejam obrigados a mudar para as casas mais pobres de nossa comunidade, casas que agora poderemos deixar. E isso não vai demorar muito. Eles agora perderam seu ganha-pão. Caixa-d'água que só tem saída e não tem entrada esvazia rápido. É assim que vamos agir, de nenhum outro modo.

Os habitantes de Ingenuinópolis atenderam a seu pequeno prefeito. Não quebraram mais nenhuma vidraça. Mas continuaram dançando e pulando em frente aos palacetes, aos gritos:

— Bu, bu, Taras, bu, bu.

Stach levou um balde cheio de pomada para Irene. Seu nariz-cogumelo diminuía a olhos vistos. Todos os portadores de nariz vegetal os besuntavam à vontade. O processo era lento, mas Stach estava confiante de que, com o tempo, todo mundo teria o nariz como deve ser. Lembrou-se de um ditado do velho rei: “Até a mais grossa das velas um dia se queima”. Para Irene, ele disse:

— Pare a tempo com a pomada. Senão você fica sem nariz.

Ingenuinópolis ainda estava em festa quando Stach comunicou ao prefeito e a sua mulher que devia ir embora. Os dois ficaram com lágrimas nos olhos.

— Há um pequeno problema, prefeito. Gastei todo o meu dinheiro comprando material para fazer pomada e não tenho um centavo para a passagem de trem.

— Que horror! — disse o prefeito. — Devemos tanto a você e não temos nem o suficiente para comprar sua passagem.

— Claro que temos — gritou a mulher. — Você se esqueceu de que não pagamos a última conta do Tara? Temos, sim.

— Não — cortou Stach. — Pense no piano.

— O piano pode esperar. Quanto custa uma passagem para Wiss?

Ele disse quanto custava a segunda classe.

A mulher do prefeito entregou-lhe a quantia, toda orgulhosa. Stach no meio dos dois, de braços dados, seguiu para a estação. E atrás uma procissão de pessoas que ainda pulavam e dançavam. Foi a despedida mais concorrida de Stach. Irene também estava lá. Pela primeira vez, ela se atreveu a descobrir seu nariz no meio da multidão. Estava ainda muito grande, mas já com formato de nariz.

— Quando ele estiver totalmente normal eu mando uma foto para você — gritou-lhe.

Stach acenou-lhe e entrou no trem. Pela primeira vez voltava para Wiss num vagão da segunda classe. Mas isso pouco lhe importava. Aos poucos, Ingenuinópolis foi se perdendo na escuridão, mas Stach continuava ouvindo os gritos da multidão:

— Bu, bu, Taras, bu, bu...

O atraso dos ministros



— Mais duas, Stach.

Gervásio transbordava contentamento. Para ele, não havia mais dúvidas: seu sobrinho era o futuro rei de Katoren.

— Posso fracassar na sexta ou na sétima, como poderia ter fracassado na primeira.

Muito estranho. Na primeira tarefa, Stach estava todo confiante, seguro de si. À proporção que ia tendo sucesso, ficava cada vez mais consciente da possibilidade de fracasso.

— Apenas tenho tido uma sorte tremenda, tio Gervásio.

Mas o velho criado estava convencido como nunca de que o sobrinho era um gênio. Não dava para discutir com ele. Stach preferiu, mais uma vez, inspirar-se nos escritos do velho rei. Leu: “Um farol, mesmo com uma luz fortíssima, pode ser abafado pelo nevoeiro, e os marinheiros, frustrados por não poderem ver a rota segura, irados o amaldiçoarão”.

Stach pensava quão sábio era o velho rei e duvidava de ser capaz de seguir seus passos.

Dois dias depois, numa quinta de manhã como já era de costume, Stach deveria se apresentar aos ministros. A audiência estava marcada para as dez horas, e às cinco para as dez ele já estava na sala de espera. Precisamente quando se ouviu a primeira badalada das dez, o ministro Dureza passou por Stach e desapareceu no gabinete de reuniões. Doze minutos mais tarde, surgiu o ministro

Hermano, que também entrou no gabinete após um amigável aceno de cabeça para Stach. As dez e vinte e cinco apareceu o ministro Vassouras. Ele tirou sua galocha, lavou as mãos numa pia e entrou. As dez e trinta e cinco Stach bateu na porta. O ministro Hermano veio, pessoalmente, abri-la. Olhou para o rapaz, levantando as sobrancelhas interrogativamente.

— São dez e trinta e cinco — disse Stach.

— Que atrevido. Nós o chamamos quando estiver na hora.

— É uma pena para o ministro da Eficiência. Seguramente vai ficar complexado com tanto atraso.

Após esse comentário, recebeu a porta no nariz. E viu entrar o ministro Sisudo, que mordida um lenço para não sorrir. É que o neto do ministro da Severidade tinha comparado o ministro Vassouras, da Limpeza, com um sabonete.

Pouco antes das onze horas chegou o ministro da Honestidade. No caminho para o palácio cometeu uma pequena infração de trânsito e passou quase uma hora tentando convencer um policial de que ele, apesar de ministro, devia ser multado.

Faltava apenas a chegada do ministro Ligeiro, o da Eficiência. Na frente do palácio um caminhão de areia deixou cair parte de sua carga. Todos os outros ministros, e também Stach, não deram importância ao fato, mas o ministro da Eficiência se viu na obrigação de ajudar a apanhar a areia, munido de uma pá. As onze e quinze, ofegante, ele entrou no gabinete e, meio minuto depois, foi ele mesmo quem abriu a porta para Stach.

— Bom dia — disse o jovem. — Espero que todos os senhores estejam bem de saúde.

— Estou com uma leve dor de cabeça — respondeu educadamente o ministro Dureza. — Obrigado.

Os outros ministros apenas acenaram com a cabeça. O ministro Sisudo tomou a palavra.

— Recebemos uma carta do prefeito de Ingenuinópolis comunicando que você resolveu o problema do nariz vegetal. Dessa maneira, bem ou mal, você já executou cinco tarefas.

— Cinco mais a da quatro — lembrou Stach.

— Quatro-a foi apenas uma brincadeira.

— Eu não sabia que o ministério da Severidade costumava fazer brincadeiras.

— A política de meu ministério não é da sua conta.

— Talvez já esteja em tempo de que me inteire. — Ouviu-se um ranger de dentes.

— Stach, meu jovem — disse o ministro Hermano, desalentado —, devo-lhe dizer algumas coisas. No meu ministério, o da Virtude, realizamos um estudo especial sobre o atrevimento. Seguramente você está consciente de que é muito atrevido.

— Eu, atrevido? — Stach mostrou-se totalmente surpreso. — Por quê?

— Porque você não tem respeito.

— Respeito por quem?

— Pelas pessoas mais velhas e sábias.

— Ah, tenho sim. Tenho um respeito enorme pelo tio Gervásio.

— Mas não por nós. Embora não sejamos tão velhos como seu tio, poderíamos ser muito bem seu pai, alguns até seu avô.

— Mas o senhor não falou apenas de idade. — O ministro Hermano virou-se para seus colegas e disse:

— Vejam, senhores, é um caso perdido. Já tínhamos chegado a esta conclusão em meu ministério.

— Minha intenção não foi feri-los, Excelências — disse Stach. — Prometo-lhes uma coisa: quando eu for rei, os senhores poderão se dirigir a mim com o mesmo atrevimento.

— Você não será rei de Katoren — murmurou o ministro Vassouras. — Você acredita em feiticeiros?

— Não muito. Nunca vi nenhum.

— Pois chegou a hora de conhecer. Depois de muita discussão, concluímos que você é inapto para ser rei. Por isso, escolhemos uma sexta tarefa impossível de realizar.

— Diga-me qual é — disse Stach animado.

— Você tem de destruir o feiticeiro de Equilibrium.

— Parece-me um trabalho interessante — continuou Stach, que nunca tinha ouvido falar de Equilibrium e muito menos do feiticeiro da cidade.

— Muitas surpresas o esperam, meu jovem — disse o ministro Dureza, enquanto lhe entregava a passagem de trem. Stach analisou a passagem e comentou:

— Mais uma vez a passagem é só de ida.

Os ministros se calaram, e Stach prosseguiu em tom crítico:

— Os senhores estão dando prejuízo às prefeituras de todos esses lugares. A última passagem de volta foi paga com o dinheiro que o prefeito estava economizando para comprar seu piano.

— Ninguém nunca voltou de um confronto com o feiticeiro de Equilibrium — sussurrou o ministro Hermano. — Fique aqui, jovem, vivo, com o seu tio. Ele está velho, na hora de se aposentar. Você poderá tomar o seu lugar e ser o nosso criado.

— Muita bondade sua. Bondade até demais. Não posso aceitar. É demais. As lágrimas saltam-me dos olhos diante de tanta generosidade. Que maravilha termos um ministério da Virtude. Em Equilibrium pensarei no senhor todos os dias. Bom dia.

Com passos apressados — nem o ministro da Eficiência o acompanharia — Stach retirou-se, enojado com a conversa.

— Você foi claro demais, Hermano — disse o ministro Sisudo.

— Mas é sempre melhor dizer toda a verdade — acrescentou o ministro Recto.

— Mas foi o que eu fiz — defendeu-se o ministro da Virtude. — Ou os senhores acreditam que é possível alguém sair com vida de um confronto com o feiticeiro de Equilibrium? É sabido que somente com a própria destruição é possível destruí-lo.

Os demais ministros balançaram a cabeça, concordando. Havia uma certa melancolia no ar. Talvez naqueles corações frios ainda houvesse um pouco de compaixão pela sorte do jovem que os desafiava.

O invencível Pantaar



À primeira vista, Stach não percebeu o quanto Equilibrium sofria com seu feiticeiro. Ao sair da estação, deparou com uma cidade acolhedora e próspera. Fontes jorravam água límpida como se fossem milhares de diamantes brilhando ao sol. Bondes coloridos, com suas alegres campainhas, circulavam pelas ruas. Os terraços estavam cheios de gente tomando cerveja e gozando do bom tempo. Era um alívio estar ali depois da sufocante pobreza de Ingenuinópolis.

Aproveitando o pouco dinheiro que o tio lhe dera, Stach foi tomar um refresco. No terraço conversou com um jovem mais ou menos de sua idade, talvez um pouco mais velho. Chamava-se Miguel. Stach apresentou-se com o nome de André. Ainda não estava a fim de anunciar o que viera fazer, e a simples menção de seu nome provocaria muitas perguntas.

Miguel estava muito contente com sua cidade encravada na montanha. O clima era ótimo, no inverno dava para esquiar e no verão as montanhas convidavam ao passeio e ao alpinismo. Um próspero complexo industrial assegurava emprego para todos; a jornada de trabalho era curta, e os salários, elevados. Acima de tudo, os equilíbrenses adoravam festas. Podiam se gabar, pois em nenhuma outra cidade de Katoren havia tantas boates, parques de diversões e circos.

— É uma cidade muito boa para se viver — disse Miguel.

— Nenhum problema?

— Que eu saiba, nada de grave.

— Eu já ouvi falar da existência de um feiticeiro.

— Psiu. Não mencione esse nome. Em Equilibrium não se fala disso. Não é educado tocar nesse assunto. Conte-me algo sobre Wiss.

A conversa continuou sem maiores esclarecimentos.

Como ainda era de manhã e o sol estava quente, Stach continuou passeando pela cidade antes de ir procurar o prefeito. Chamou sua atenção a grande quantidade de cães nas ruas, todos eles muito bem cuidados. A maioria mantida na corrente por elegantes mulheres. Infelizmente, Stach foi também testemunha de um desagradável acidente de trânsito. Um velho foi atropelado e ficou imóvel no chão junto a uma poça de sangue. Em cinco minutos, chegou a ambulância. Stach primeiro se surpreendeu com o fato de ninguém ter parado para olhar. Mais surpreso ficou quando os enfermeiros cercaram o local com um pano que tapava toda a visão.

Fora esse acidente, só presenciou cenas de alegria e contentamento. Bem, não foi totalmente assim. Por alguns instantes ele viu algo extremamente desagradável. Uma mulher andava apressada, tentando alcançar uma outra que ia em sua frente, provavelmente uma amiga. Tocou-lhe o ombro quando a alcançou. A outra assustou-se tanto que, contorcendo-se de medo, teve de se agarrar na amiga para não cair. Em seguida, como se nada tivesse acontecido, começaram a conversar alegremente. Mas Stach não conseguiu afastar de sua cabeça o olhar de pânico da mulher.

Aos poucos foi se aproximando da prefeitura. A casa do prefeito ficava ao lado. Uma criada atendeu a campainha.

— O prefeito está em casa? Meu nome é Stach. Venho de Wiss.

— O Stach?

Ele riu.

— Que quer dizer com “o Stach”?

— O Stach do dragão, da romãzeira explosiva, da catedral de Santo Aluísio...

— Sou ele mesmo.

- Por favor, entre. Dentro em pouco a patroa chega.
- Acho melhor ir à prefeitura procurar o prefeito.
- Não. Fique aqui. Ela já vem.
- Ela? É uma prefeita?
- Claro, você não sabia?

A empregada ofereceu-lhe uma cadeira e foi buscar chá com biscoitos. Depois ficou em sua volta, toda serelepe, de queixo caído. Felizmente a prefeita não demorou. Era uma senhora elegante, cabelos cinza e um rosto estranhamente calmo. Usava um longo vestido negro com apenas um detalhe branco na gola. Ela cumprimentou Stach afetuosamente e mandou a empregada para a cozinha.

— Então, os ministros o mandaram de todo jeito — disse com sua voz suave e baixa.

— Sim. O que a senhora quer dizer com “de todo jeito”?

— Um mês atrás recebi uma carta do ministro Hermano. Ele queria se informar de nossos problemas e deixou transparecer que pretendia mandá-lo aqui. Eu o desaconselhei.

— Por quê, senhora?

— Porque tenho acompanhado pelos jornais, com muita atenção, suas proezas. Não acho justo que você fracasse numa tarefa que é impossível. Impossível para qualquer pessoa, mesmo para você, que, apesar da aparência de um jovem comum, já provou ser excepcional.

— Obrigado, prefeita.

— E agora você está aqui.

— Não quero parecer indelicado. Mas, até agora, todos os prefeitos me disseram ser insolúvel o problema de sua cidade. Apesar disso...

— ... você sempre encontrou a solução. Como foi possível? Você pode explicar?

Pensativo, Stach respondeu:

— Creio que não me deixei cegar pelos problemas. Desde crianças, as pessoas aprenderam que não havia solução. Em cada cidade eu cheguei sem preconceito. Parti sempre do princípio de que haveria umas dez soluções possíveis. Além disso, tenho

tido muita sorte. Talvez seja porque nasci na noite da morte do velho rei.

— Que maravilha — disse a prefeita balançando a cabeça. — Dezoito anos! Você pode dormir aqui hoje. Amanhã de manhã você toma o trem de volta para Wiss. Vou lhe entregar uma carta para o Conselho de Ministros. Eles lhe darão, com certeza, uma outra tarefa.

Stach também balançou a cabeça e afirmou:

— Ficarei aqui até concluir minha tarefa. Disso a senhora não pode me impedir. Se a senhora me expulsar, voltarei disfarçado de mascate ou seja lá o que for. Minha tarefa é aqui.

— Ah, meu jovem.

— A senhora não quer me contar quem ou o que é o feiticeiro de Equilibrium?

A prefeita levantou-se e serviu, com movimentos lentos, duas xícaras de chá.

— Vou lhe contar tudo — disse ela cansada. — Toda noite um velho visita a nossa cidade. À primeira vista é simplesmente um ancião. Seu nome é Pantaar. Ele toca a campainha de qualquer casa. Ninguém sabe com antecedência qual será a casa. Pode ser uma casa que ele visitou dias atrás. Mas existem residências que há cem anos não são visitadas por ele. Uma casa por noite. Quando você o atende, ele lhe pede uma esmola. Nada de especial, você diria...

A prefeita silenciou. Stach esperou que ela continuasse.

— Você lhe dá uma esmola. Mas, Stach, isso não é suficiente. Precisa lhe dar uma oferenda. Tem de lhe dar algo que você aprecia muito. Algo que você não gostaria de perder...

— Senão?...

— Ouça. Imagine, você lhe dá cem katorais. Mas cem katorais que não lhe farão falta. Ele coloca o dinheiro no bolso e, sabe?, percebe que não é uma verdadeira oferenda. Mesmo que você seja um bom ator, mesmo que caíam lágrimas de seus olhos. Então é ele quem escolhe a oferenda. Podem ser todas as suas economias. Pode ser seu álbum de retratos. Pode ser seu animal de estimação. Pode ser seu vestido de casamento. Ou, ainda pior...

— E se a pessoa recusar?

— Dizem que, com um simples estalo dos dedos, ele pode transformar qualquer pessoa num relógio de parede. Mas basta sua visão para atordoar as pessoas, e ninguém o contesta. Nada é possível contra Pantaar... Então, Stach, você vai embora amanhã?

Outra vez o jovem balançou a cabeça. Outra vez suspirou a dama de cabelos cinza.

— Então eu lhe contarei esta noite algo sobre o que não falo há vinte anos. E assim você desistirá. Agora vá dar um passeio no parque. Esta casa é muito sombria para um jovem como você. Vou mandar a empregada arrumar seu quarto, e eu mesma vou preparar a comida. Comemos às seis e meia. Está bem?

— Está ótimo, senhora.

Agora ele via a cidade com outros olhos. Alameda Minerva, 16. Será que a casa já fora visitada pelo feiticeiro? O que será que lhe deram? Alameda Minerva, 72. Dr. G. S. Palfrenier e Dr. Koetsier, Advogados e Procuradores. O que fariam esses mestres do direito se fossem os escolhidos dessa noite? “E eu”, pensou Stach, “o que ofereceria a Pantaar se ele me visitasse em Wiss? A coleção das cartas de Kim? Ladino? Os escritos do velho rei? A gasta pá de pedreiro com a qual meu pai trabalhou toda a sua curta vida?”

Jovem pontual, Stach voltou à casa da prefeita precisamente às seis e meia. Jantaram com prazer, Stach dois pratos cheios, a prefeita só umas garfadas. Depois, como se fossem mãe e filho, lavaram a louça. A anfitriã coou café, e os dois se sentaram na sala de estar. Subitamente houve silêncio, até que a prefeita contou sua história.

Havia vinte anos ela morava na mesma casa com o marido, o talentoso prefeito de Equilibrium. Os quartos estavam sempre cheios de flores. Trepadeiras ornamentavam as janelas, e ela cantava com alegria enquanto trocava a fralda da filha. Seu marido era rico. Tinha uma conta recheada no banco. E quatro grandes amores: sua bela mulher, sua filha, seu cargo de prefeito e sua valiosa coleção de selos, com a qual se ocupava frequentemente em seu tempo livre. Família mais feliz não existia em Equilibrium.

Uma noite, a campainha tocou. O prefeito atendeu. Junto à porta estava o velho decadente, o feiticeiro Pantaar. Pediu uma es-

mola. Eles sempre souberam que isso podia acontecer, mas nunca se preocuparam.

— Um momento, caro senhor — disse o prefeito. Ele foi até seu escritório, apanhou sua caderneta de poupança e a entregou ao feiticeiro, dizendo:

— É tudo para o senhor. Até o último centavo.

O velho colocou a caderneta no bolso, enquanto lentamente balançava a cabeça. Sem dizer uma palavra, passou pelo prefeito e penetrou casa adentro até o quarto, onde sua mulher cuidava da filha. E os dois, paralisados de terror, viram o feiticeiro apanhar a criança e sumir com ela no meio da noite.

— Foi minha culpa — gemeu o prefeito. — Eu não me importei com o dinheiro. Mesmo se tivesse sido dez vezes mais eu não me importaria. Eu devia ter lhe dado minha coleção de selos.

Ele retirou da estante os cinco volumosos álbuns, atirou-os na lareira e gritou:

— Malditos!

Enquanto as chamas consumiam sua valiosa coleção, o prefeito olhou para a mulher com uma expressão de desespero e caiu morto.

O resto da história era previsível. Depois de perder, em dez minutos, seu marido, sua filha, seu dinheiro e a coleção de selos, a prefeita ficou de cabelos grisalhos, e o brilho de seus olhos desapareceu para sempre. Ela assumiu a prefeitura e nunca mais quis possuir nada. Assim, ela se tornou a única pessoa em Equilibrium que não tinha mais medo do feiticeiro. Esse era o seu único orgulho.

— E agora, Stach — concluiu ela com sua voz apagada —, você vai embora amanhã?

Stach tomou suas magras mãos, beijou-as com respeito e disse:

— Agora estou mais certo do que nunca de que preciso ficar.

Todo dia aparecia, na primeira página do matutino de Equilibrium, a previsão do tempo. E, embaixo, um endereço. Somente o endereço. O da casa visitada por Pantaar na noite anterior. Stach

passou a visitar, todas as manhãs, a casa escolhida pelo feiticeiro. Deparou com situações muito diferentes. Na primeira casa que visitou, por exemplo, encontrou uma família muito triste porque Dartel tinha sido levado. Dartel era um cão.

— O senhor o deu a Pantaar ou Pantaar o levou? — perguntou Stach.

— Dei-o, naturalmente. Foi para isso que, inicialmente, começamos a criá-lo.

— O senhor quer dizer que...

— Isso mesmo. Por que você acha que há tantos cachorros em Equilibrium? Quase todo mundo cria um cão, procurando afeiçoar-se a ele o máximo. Assim, você tem algo a doar quando a campainha toca. Se você não tiver amor pelo animal ele não serve de nada.

— O senhor foi visitado antes?

— Não. Meus pais, sim, há cerca de trinta anos. Desculpe-me, não tenho mais tempo. Preciso ir imediatamente ao canil comprar um novo cachorro.

No dia seguinte, Stach foi à casa de um velho e calmo padeiro. O homem estava profundamente deprimido. Tinha dado a metade de suas economias, e agora precisava mudar para uma casa menor.

— Não é perigoso dar dinheiro? — perguntou Stach.

— Não. Eu sei que sou sovina. Passei a vida toda fazendo economia. Para isso dei um duro. Estou profundamente abalado com a perda do dinheiro, não tenha a menor dúvida.

— O senhor sempre soube que isso poderia acontecer. Por que não se mudou antes de Equilibrium?

— Por que continuam existindo cidades e aldeias aos pés dos vulcões? Por que pessoas vivem abaixo de represas que podem romper? Equilibrium é uma boa cidade. Aqui se pode ganhar dinheiro. Além do mais, é muito pequena a probabilidade de ser visitado. Em média, uma vez em toda a sua vida. Mas nunca se pode saber com certeza. Minha vizinha, do outro lado da rua, já foi visitada três vezes nos últimos cinco anos. Antes eu pensava em pedi-la em casamento. Sou viúvo e tenho até uma queda por ela. Mas, que diabo, ela parece ter um ímã para atrair o Pantaar. Vou ficar é viúvo mesmo.

— Desejo-lhe sorte com a mudança de casa. Adeus, senhor.

Não eram agradáveis as visitas a tanta gente deprimida e abatida. Mas era a única maneira de descobrir algo sobre o feiticeiro. As pessoas só falavam do assunto logo depois da visita, quando ainda estavam abaladas. Passado o susto, não queriam tocar no tema. Deviam acreditar no provérbio: "Falou do diabo ele aparece". Os equilíbrenses não gostavam de falar coisas tristes. Eles escondiam seus feridos e doentes, Stach começava a compreender.

No quinto dia ele foi ao endereço que apareceu no jornal da manhã: rua Hércules, 1. Pensou ter chegado à casa errada. Parecia haver festa na casa. Um sujeito gordo com dentes de ouro o atendeu. O homem, todo fantasiado, puxou Stach pelos ombros e o conduziu para a sala, onde havia móveis bem polidos e serviços de chá de prata pura, atestando a riqueza da casa.

— Amigo — disse o corpulento senhor. — Poucas vezes tive tanto prazer. Vou lhe contar. Passei minha vida toda temendo a visita do velho. Sempre estive calculando a quantia mínima que poderia lhe dar e que de toda maneira me tiraria umas noites de sono. Cachorro para mim não adiantava. Até que tentei, mas não consigo gostar desse bicho. Bom, sempre tive o dinheiro reservado. E a quantia subia cada vez mais, pois os negócios melhoravam sempre. Ontem à noite tocou a campainha. Nem eu nem minha mulher pensamos no velho. Você não pode ficar o tempo todo pensando naquele bruxo. Nicolete foi atender. É minha filha, de cinco anos. Ela estava segurando sua asquerosa boneca de pano rasgada, com o enchimento saindo pelas pernas, um buraco na cabeça, uma porcaria que não servia nem para a lata de lixo. Ela abriu a porta. Eu e minha mulher continuávamos no quarto. Ouvimos a voz do velho pedir uma esmola. Nicolete quis saber o que era "uma esmola". "Quero ganhar algo que lhe pertença", falou o bruxo. Ficamos no quarto, paralisados de medo, esperando que ela viesse nos dar o recado. Mas sabe o que fez a nossa Nicolete? Falou para o velho: "O senhor parece tão só. Pode levar a Mariazinha. Ela é muito amiga". Mariazinha era a boneca, meu amigo, está entendendo? Aí é que trememos mesmo de medo. O velho poderia entrar na casa e escolher o que quisesse. Sabe o que ele fez? Ele disse: "Obrigado,

menina". Ouvimos a porta se fechar e ele foi embora. Em seguida Nicolete voltou para o quarto e, ao ver suas mãos vazias, disparou a chorar, repetindo: "Eu dei minha Mariazinha". Aí eu lhe prometi comprar dez bonecas, as mais bonitas que existissem. E cumpri minha palavra. Hoje de manhã, assim que as lojas abriram, olhe só...

Ele levou Stach até o quarto de Nicolete, onde a menina estava toda triste no meio de dez belas e enormes bonecas, que podiam dizer "mamãe", podiam andar e tinham permanente nos cabelos. Stach acariciou os cabelos encaracolados da menina e fugiu o mais rápido possível para a rua.

Não podia pensar em outra coisa a não ser em como encontrar Pantaar. Tinha de fazer algo. Continuar visitando as casas no dia seguinte não adiantava muito. Já estava havia mais de uma semana em Equilibrium. Sua presença não incomodava a prefeita. Ao contrário, ela achava sua companhia agradável. Era bom cozinhar para alguém que comia com tanto prazer. Agradava-lhe sua maneira espontânea, seu jeito de falar o que lhe vinha à cabeça, mesmo quando fazia perguntas indiscretas. Geralmente, em suas palavras havia interesse e simpatia por ela, pelo seu trabalho e também pelas pessoas que visitava de manhã. Stach não conhecia sua mãe. A prefeita estava envelhecendo sem sua filha. Os dois se compreendiam muito bem. Quantos anos teria agora sua filha? Vinte, vinte e um? Um pouco mais velha do que ele. A prefeita engoliu em seco. Ele contava histórias excitantes sobre Decibel, Polvorinho, Fumaceira. Embora Stach tivesse um ar tão vivo, ela não imaginava como o rapaz tinha feito tanta coisa. Não que ele se vangloriasse. Ele parecia achar tudo muito natural. Mas ela percebia que todas as soluções que Stach encontrou exigiam coragem e criatividade.

Um sábado à noite estavam os dois sentados junto à lareira. Uma tempestade de outono tinha expulsado o verão. Estava agradável o clima naquela casa sombria e parcamente mobiliada. Stach imitava os ministros, e ela sorria discretamente. A campanha tocou.

— Quem pode ser, tão tarde da noite? — disse a prefeita.

Ela nem pensou em Pantaar. Não o temia mais.

Ao abrir a porta, viu na calçada, todo encolhido, o feiticeiro de Equilibrium.

— Vim pedir-lhe uma esmola.

Seu coração gelou. Não de medo, mas por ter ela se lembrado de sua filha.

— Não possuo nada de valor.

Ela tirou sua carteira da bolsa e a entregou ao velho. Ele a guardou, balançando a cabeça. Como havia vinte anos, penetrou casa adentro olhando em torno de si.

— Aquele jovem ali — disse. — Ainda não é um adulto, mora com a senhora, portanto é seu. A senhora gosta dele. Vou levá-lo.

A prefeita desmaiou.

— Venha — ordenou Pantaar.

— Eu não o conheço. Tenho medo do senhor.

— Posso transformá-lo num relógio de parede, mas teria de carregá-lo. Você é muito pesado, prefiro que venha andando.

— Eu obedeco se o senhor me permitir socorrer a prefeita.

— Cinco minutos.

Com dificuldade, Stach a colocou no sofá. Molhou um lenço com água-de-colônia e o aproximou de seu nariz. Assim que ela começou a dar sinal de vida, Stach vestiu seu casaco e saiu com Pantaar. Em frente à porta estava um triciclo. Com um aceno da cabeça, o velho ordenou que o rapaz se sentasse no bagageiro na parte da frente do veículo. Com movimentos rígidos, o velho sentou-se no triciclo e começou a pedalar.

Estava muito difícil. Quando o vento soprava mais forte, eles ficavam quase parados. Stach estava encolhido, joelhos dobrados, cobrindo o nariz e a boca com a gola do casaco, no bagageiro daquele veículo cômico, que lentamente se dirigia ao sul. Passaram por uma estrada que serpenteava pelas encostas de uma colina, cercada de pedras que cada vez mais assumiam formas estranhas. Ele notou que o velho mal podia pedalar contra o forte vento. Com as mãos em concha na boca, gritou:

— Deixe-me pedalar um pouco.

Pantaar parou e Stach saltou do bagageiro.

— Quem me ameaça, mesmo sem que eu perceba, transforma-se automaticamente num relógio de parede — disse o feiticeiro em tom monótono.

Stach concordou com a cabeça. Ele esperou até que o velho conseguisse subir no bagageiro para saltar, ágil, sobre o selim. Agora iam mais rápido, enquanto Pantaar indicava o caminho com sua mão. Felizmente o luar deixava Stach ver um pouco do caminho, senão teria batido nas pedras em volta da estrada ou caído no precipício.

Num dado momento, Pantaar mandou virar à direita, embora só se visse ali algo que parecia uma enorme muralha. Hesitante, Stach obedeceu. O mato cedeu, e eles entraram numa grande e escura caverna, montanha adentro. Era um alívio que não houvesse mais vento, mas estava escuro como breu.

— Siga em frente. Pare.

Pararam junto a uma escada de pedra, que Stach só percebia graças a uma fraca luz no teto. O velho apeou, acenando para que Stach o seguisse. Subiram a escada talhada na montanha. Em cima havia um quarto. No meio, num buraco cercado por um muro baixo, ardia um intenso fogo. No mais, havia uma cama, algumas velhas cadeiras, uma mesa e um armário antigo. Pantaar foi logo esquentar suas mãos junto ao fogo. Com sua conhecida franqueza, Stach disse:

— Que tarefa penosa para um velho como o senhor toda noite fazer esta viagem a Equilibrium.

— Vá logo para junto do fogo, ali onde há uma abertura no muro. E dali que se pode atirar qualquer pessoa ao fogo com um pequeno empurrão.

— Por que o senhor quer que eu fique em pé ali?

— Não se preocupe. Primeiro vou transformá-lo num relógio de parede. Você não sentirá nada.

— Ah, é?!

Febrilmente, refletiu. Estava claro que ele lançava ao fogo suas oferendas. Jogar uma carteira cheia de dinheiro, nenhum problema. Mas uma oferenda pesada como ele, Pantaar preferia tê-la junto ao fogo de modo que não precisasse carregá-la. Stach deu alguns pas-

sos em direção ao fogo, como se fosse obedecer à ordem. De repente, porém, deu pulos rápidos, primeiro para uma cadeira, depois para a mesa, até que, como um gato, subiu no armário e gritou:

— Não me transforme ainda num relógio. O senhor quebrará as costelas para tirar-me daqui.

O feiticeiro olhou para ele irritado.

— O que você quer? Você acha que pode fazer alguma coisa contra mim?

— Não, Pantaar. Mas gostaria de conversar com o senhor antes de ser atirado ao fogo.

— Não há nada para falar.

— Eu lhe imploro. Quero saber por que vou morrer.

Pantaar vacilou.

— Tudo bem. Afinal você me ajudou a subir a montanha. Desça e sente-se naquela cadeira.

Stach não sabia se o velho ia cumprir a promessa. Mas não tinha escolha. Desceu, tirou seu casaco e sentou-se em frente ao feiticeiro, que o olhava carrancudo e que parecia ainda tremer de frio, apesar do calor do fogo.

— Ninguém nunca ouviu minha história. A minha história e a da cidade de Equilibrium. Esta é a única vez que vou contá-la.

Ele tirou uma bola de cristal de uma prateleira e a colocou em cima da mesa em frente a Stach.

— Olhe dentro da bola — ordenou.

Dentro dela Stach viu uma balança. Num prato estava Equilibrium e, embaixo, um abismo sem fim. Se a balança pendesse para o lado da cidade ela cairia no abismo. No outro prato, Stach viu apenas um pequeno fogo que mantinha a balança em equilíbrio. O mesmo fogo do quarto do feiticeiro.

Pantaar começou a falar.

— Moro nesta montanha há quase quinhentos anos. Antes de mim, foi meu pai que morou aqui por outros tantos anos. Sua tarefa foi a mesma que tenho: manter aceso o fogo, pois, se apagar, a cidade, com tudo o que nela existe e vive, será tragada pela terra. Mas não é de madeira que este fogo se alimenta. Este é um fogo que se alimenta de dádivas. Dádivas que tenham peso. Peso sufi-

ciente para manter a cidade em equilíbrio. Somente oferendas que façam realmente falta ao doador têm o peso necessário para manter o fogo aceso. Todo dia tenho de alimentar o fogo. Este é o meu trabalho. Faço isso há quinhentos anos, todo santo dia. Para salvar a cidade, todos esses dias tirei de alguém algo que ele ou ela gostaria muito de ter conservado. Para possibilitar a execução de meu trabalho, meu pai ensinou-me duas mágicas. A primeira é a capacidade de perceber se o que recebo é uma dádiva ou uma simples esmola. A segunda é que posso transformar qualquer pessoa ou coisa em relógio de parede. Mesmo que eu não veja, quem me ameaçar vira um relógio, automaticamente. Com essas duas mágicas vou realizando meu trabalho. Aos poucos vou envelhecendo. Não tenho nenhum filho. Talvez ainda agente cinco, trinta anos. Mas um dia chegarei ao fim. Aí Equilibrium vai desaparecer para sempre, e no seu lugar existirá apenas um abismo.

Durante um longo tempo os dois ficaram um diante do outro em silêncio. Por fim, Pantaar falou:

— Agora você já sabe o segredo de Equilibrium. Vá para junto do fogo.

— Não existe outra coisa que possa alimentar o fogo? Só oferendas?

— Só oferendas. Não precisa ser uma oferenda voluntária. Você já sabe disso. Eu as tomo. Se alguém se oferecer, voluntariamente, como oferenda, então o fogo se alimentará por cem mil anos. Meu pai nunca encontrou alguém capaz desse sacrifício. Eu também não. Vamos, jovem, acerque-se do fogo.

— Um momento. Quer dizer que se eu saltar voluntariamente o fogo fica aceso cem mil anos sem necessidade de oferendas?

— Infelizmente não. Eu o obriguei a vir aqui. Você não veio voluntariamente.

— Pantaar, deixe-me ir. Amanhã à noite eu volto e me atiro ao fogo.

Pantaar riu sem ânimo.

— Amanhã de manhã você terá fugido para centenas de quilômetros daqui.

— Mas você pode tentar. Imagine se eu fugir, e daí? Apenas uma oferenda no meio de milhares.

— Impossível. Se o fogo não for alimentado esta noite ele apaga.

— Você pode voltar hoje a Equilibrium para buscar uma outra oferenda? E, assim, tentar uma chance, ainda que pequena, de que amanhã eu volte por livre e espontânea vontade, livrando-o para sempre deste fardo?

— Falta-me força para voltar à cidade com este tempo.

— Eu o levo e o trago de volta, Pantaar. Faça isso. Faça isso.

O velho encarou o jovem durante muito tempo. Levantou-se trêmulo e vestiu seu casaco.

Stach esperou longamente, na periferia da cidade, encolhido de frio, pelo velho feiticeiro.

— Alameda Hércules, 1, o endereço onde o senhor já esteve esta semana — tinha cochichado Stach no ouvido de Pantaar, intronizado como às vezes era de seu costume.

A viagem de ida não fora difícil, o vento favorecera batendo nas costas. Difícil iria ser a volta.

Por fim, começou a ouvir o ranger das rodas do triciclo. O feiticeiro estava de volta, pedalando lentamente, lívido de cansaço. Mesmo aquele pequeno percurso, dentro da cidade, contra o vento, já era muito para ele. Stach gostou de ter de pedalar de novo, pois assim poderia descongelar suas juntas. Ficou mais contente ao chegar à caverna de Pantaar, pois pedalar montanha acima contra o vento não é mole, ainda mais quase no escuro, com grossas nuvens encobrindo a fraca luz da lua. Parecia um sonho, ele pedalando um triciclo, levando no bagageiro um bruxo para sua caverna em meio a uma ventania infernal e um luar que só lhe permitia ver a silhueta das árvores, das rochas, de tudo em sua volta. De um feiticeiro de verdade era de esperar que ele dissesse “abracadabra”

e logo chegassem à caverna. “Na verdade ainda não vi Pantaar fazer nenhuma mágica”, pensou Stach. “Apenas vi, dentro de uma bola de cristal, uma balança. Será que as pessoas têm visões quando olham para uma bola de cristal? Já ouvi dizer que sim.” Entretanto, Stach estava convencido da autenticidade dos poderes de Pantaar. Tinha percebido que eles eram verdadeiros nos olhos da prefeita.

Já no quarto, onde ardia o fogo, Pantaar retirou um maço de papel do bolso de seu casaco.

Pantaar contou o que aconteceu quando chegou à casa do homem dos dentes de ouro. Ele nem se assustou ao vê-lo na porta. Disse apenas: “Um momento” e foi acordar sua filha. A menina, morta de sono, veio trazendo em cada uma das mãos uma boneca e disse:

— Meu pai mandou que eu lhe desse essas bonecas. Por favor, o senhor pode me devolver a Mariazinha?

Aí, continuou Pantaar, ele foi até o escritório do homem dos dentes de ouro e recolheu seus papéis de valor, ações, promissórias, cheques, pelo menos a metade de sua fortuna. Seus olhos saltaram das órbitas, e ele deve ter até conseguido ver a ponta dos sapatos, apesar de sua enorme barriga.

Stach sorriu levemente, mesmo preocupado com o dia seguinte.

— Aceite, ó fogo, esta pequena oferenda — disse Pantaar solenemente enquanto atirava os papéis nas chamas.

Em seguida, apanhou um baixeiro do armário e o deu para Stach se cobrir.

— Deite-se num canto e durma.

O feiticeiro, sem tirar a roupa, atirou-se sobre o velho catre, cobriu-se e começou a roncar, em segundos, como se quisesse derubar as paredes.

Stach pegou algumas almofadas das cadeiras e se recolheu a um canto. Dormir mesmo não conseguiu. Com aqueles roncos de provocar terremoto era impossível. Seus olhos estavam fixados no fogo que ardia no meio do quarto, as labaredas saltando de vez em quando acima do muro que as cercava. Tomado de um pavor crescente, Stach se perguntava se no dia seguinte seria capaz de atirar-se nas chamas.

Durante todo o dia seguinte ele perambulou pelas montanhas vizinhas à caverna de Pantaar. Aos primeiros clarões do dia, ele tinha saído silenciosamente. Ao meio-dia ele se lembrou de que não comia desde a noite anterior e mesmo assim não sentia fome. Seu estômago devia estar cheio de medo. Pensava em milhares de razões para fugir. Estaria mesmo Equilibrium em perigo ou tudo não passaria de uma farsa, de mentiras de um velho louco? Ele não estava sendo obrigado a poupar sua vida pelo bem de Katoren? Tinha cumprido cinco tarefas. Deveria voltar para a casa da prefeita? Ela ficaria tão contente ao vê-lo que escreveria uma carta aos ministros dizendo que a tarefa fora cumprida. E, talvez, só depois de ele ser coroado rei, os ministros descobririam que Pantaar ainda estava vivo. Como rei, não poderia ele fazer muito mais por todo o reino de Katoren do que se morresse por um punhado de equilibrênses?

Talvez fosse bom para os equilibrênses serem levados a fazer oferendas. Doar é bonito e nobre. Mais afortunado quem dá do que quem recebe. Tinha ele o direito de tirar essa possibilidade dos equilibrênses?

Mais tarde, comeu alguns frutos silvestres. Eram amargos. Estava seguro de que tentava se enganar. As ofertas obrigatórias dos equilibrênses eram, talvez, boas para manter o fogo aceso, mas não os transformavam em pessoas melhores. Ao contrário, com isso eles ficavam cada vez mais angustiados, mal-humorados e infelizes. Se as oferendas fossem voluntárias a situação seria outra.

E o seu reinado? Se ele saltasse no fogo não seria rei. Mas, se não saltasse, sabia, no fundo de seu coração, que não seria digno da coroa de Katoren.

Inexoravelmente o sol baixava no horizonte. Para o oeste, marcando o fim do dia. Stach, dezoito anos de idade, lutando desesperadamente com um dilema muito maior do que previram todas as advertências feitas pelo ministro Hermano, da Virtude.

Pantaar, em nenhum momento, acreditou que o jovem voltaria. Às nove e meia da noite vestiu seu casaco para ir à cidade. Em-

bora resmungasse, não estava achando ruim. Ele preferia conceder ao simpático jovem, o único que conversou com ele depois de séculos, o direito de viver. O fato de ter ficado no bagageiro sem fazer movimento, na noite anterior, tinha piorado seu reumatismo. Com muita dificuldade, desceu a escada de pedra.

Stach estava sentado no degrau de baixo. Pantaar quase caiu em cima dele. Precisou segurar em seu ombro para não tombar. Quem tremia mais: um de velhice e frio ou o outro de indecisão e medo?

— Por que você não fugiu para bem longe? — perguntou Pantaar em tom quase recriminatório.

— Não pude. Vamos para cima. O senhor não precisa mais ir à cidade.

Calados, eles subiram a escada. Junto ao fogo, tiraram os casacos.

— Sente-se — disse o velho. — Ainda temos tempo. Conte-me por que voltou.

— Prefiro não falar sobre isso. Em cinco minutos eu poderia perder a coragem. Afinal, o que devo dizer antes de me atirar ao fogo?

— Espere mais um pouco. Fique aí sentado. Você é jovem — a voz de Pantaar soava áspera, como se Stach fosse culpado de sua juventude. — Os jovens querem viver, não morrer. Quero saber por que você quer morrer.

— Eu não quero morrer — respondeu Stach com a voz embargada. — Mas as pessoas em Equilibrium também querem viver. Eles são milhares, e eu apenas um.

— Você é louco — disse Pantaar com raiva. — Eles não merecem isso. São pessoas frias, calculistas, sem amor, que só pensam em seu próprio interesse. O que me dão é por medo. Tudo calculado. Estão sempre pensando qual a oferta mínima que posso aceitar. E eu é que sou o feiticeiro mau, que rouba seus bens preciosos. Ninguém nunca perguntou se eu tinha necessidade das oferendas. Eles me injuriam, me xingam, me odeiam. Você é louco. Eles não merecem seu sacrifício.

— Por que, então, o senhor realiza essa tarefa ingrata há centenas de anos? Por que não os deixou desaparecer, com a cidade e tudo, há muito mais tempo?

O velho levantou-se. Furiosamente balançava sua cabeça, fazendo os cabelos caírem sobre a testa e assumindo a aparência de um verdadeiro bruxo. Caminhou até o fogo e fez um gesto de ameaça com os punhos.

— Inúmeras vezes eu decidi parar. Mas elas, as chamas, sempre me obrigaram a continuar. Suas línguas vermelhas pediam alimento, dizendo-me com seus movimentos rápidos que trariam todos os habitantes da cidade, aqueles miseráveis que vivem dançando pelas ruas, bronzeando-se ao sol, que vivem como se o mundo fosse deles, como se nem o mal nem a perdição existissem. Por que faço isso? Porque sou um louco, como você. Mas eu sou velho, e você é jovem. Aos poucos eu adquiri o direito de ser louco. Você não. Você precisa usar seu bom-senso. Ainda precisa dançar nas ruas, bronzear-se ao sol e pensar que o mundo é todo seu. Eu defendo o meu direito de ser louco. Aceite, ó fogo, esta humilde oferta.

Com um grito de fúria, Pantaar atirou-se nas chamas e desapareceu.

Stach permaneceu um dia e meio na caverna como se estivesse velando o corpo de Pantaar. Perplexo, aproximou-se do fogo para certificar-se do desaparecimento do velho. Estava tão chocado com o acontecimento que só lentamente percebeu que não tinha mais de sacrificar sua vida. O cansaço devido a tanta tensão e medo o fez perder o equilíbrio. Por pouco não caiu no fogo, tendo conseguido se segurar no catre de Pantaar. Mesmo sentindo-se culpado por não ter cumprido sua promessa de se atirar ao fogo, Stach deitou-se e dormiu doze horas seguidas.

Na manhã seguinte acordou com uma fome tremenda, pensando nos quitutes que a prefeita de Equilibrium sabia fazer. Só então tomou inteira consciência de onde estava e do que tinha acontecido. Como sempre, a chama ardia no buraco no meio do quarto. Só encontrou um pedaço de pão mofado e o comeu assim mesmo. Encarou, mais uma vez, inquisitivamente, o interior da bola de cristal até que lágrimas começaram a sair de seus olhos. Não viu

mais nenhuma balança. Diante de si havia apenas uma pedra redonda que brilhava, sem nada de especial.

À noite, vendo as labaredas, indagou a si mesmo se o fogo continuaria vivo. As chamas eram as mesmas, nenhuma indicação de que perderam ou ganharam intensidade. Deitou-se novamente, cada vez mais faminto, apenas alimentado por muitas questões sobre o feiticeiro Pantaar. Ele não o vira fazer nenhuma mágica. O segredo do velho tinha desaparecido para sempre no fogo.

Stach não estava certo da decisão tomada, mas, antes de partir, destruiu todas as coisas de Pantaar. Lançou no fogo o triciclo, a mesa, as cadeiras e mesmo o pesado armário, depois de tê-lo quebrado. O que sobrou foi um quarto vazio com uma pequena crateira no meio.

— Descanse em paz, Pantaar — disse Stach. — Nunca saberei quem realmente você foi. Mas, em seu estranho coração, havia muito amor por este mundo cruel. Eu lhe prometo: levarei para o túmulo o que você me contou.

Em Equilibrium a situação era inexplicável. Após recuperar-se do desmaio, como era o costume, a prefeita telefonou para o jornal comunicando ter recebido a visita de Pantaar. Mas também o morador da alameda Hércules, 1, jurou, no telefone, que fora visitado pelo feiticeiro. E o que era mais inexplicável ainda: no dia seguinte, domingo, Pantaar não aparecera. Ninguém telefonou. Na segunda-feira também não. Todo mundo sabia ser Stach uma pessoa extraordinária. Teria ele...? A cidade fervilhou de suposições, hipóteses e boatos.

Por volta do meio-dia Stach chegou à casa da prefeita. A criada, pensando ver um fantasma, gritou como uma louca.

— Não se assuste, garota — disse Stach. — A prefeita está em casa?

Não estava. Stach pediu:

— Você tem alguma coisa para comer? Estou quase desmaiando de fome.

A criada se acalmou com o pedido. Fantasma não come. Ela o conduziu à cozinha, e ele devorou, apressado, vários nacos de pão. Enquanto isso, a empregada telefonou à prefeita para lhe dar a notícia. Embora estivesse presidindo uma importante reunião, a prefeita voltou imediatamente para casa. Ao ver Stach, percebeu que ainda era capaz de chorar. Ela beijou sua testa e disse a si mesma que aquele era o primeiro dia alegre de sua vida depois de vinte anos.

Depois que as emoções se acalmaram e Stach saciou sua fome, ela quis saber como ele tinha escapado de Pantaar.

— Eu prometi a ele que não diria isso a ninguém. Nem mesmo à senhora — disse Stach, enquanto pensava “não, sobretudo à senhora”. — Mas uma coisa eu posso afirmar: Pantaar nunca mais visitará Equilibrium. Disso todos podem estar certos.

— Ontem ele não veio. Anteontem também não — confirmou a prefeita.

— Ele nunca mais virá. Por favor, não me pergunte por quê.

— Você é um rapaz maravilhoso, Stach. Dentro em pouco você será o rei de Katoren. Essa foi a sua sexta tarefa?

— A sexta. Falta ainda uma.

— Acredito que bons dias virão para Katoren quando você for rei. Eu o servirei fielmente.

— Nossa, prefeita, não fale assim. Nós vamos é trabalhar juntos para o bem de todos os katorenses. A senhora aqui, e eu em Wiss. É muito bom saber que em Equilibrium tenho uma verdadeira amiga.

— Com toda a certeza. O que posso fazer por você, Stach?

— Tenho três desejos. O primeiro é que a senhora escreva aos ministros contando que o feiticeiro de Equilibrium desapareceu. O segundo é um bilhete de trem para Wiss. E o terceiro... na verdade não é um desejo. Mas gostaria que a senhora levasse em consideração a possibilidade de erigir uma estátua em homenagem a Pantaar.

— Uma estátua para aquele, aquele...

— Ele tinha seu lado bom. Ele fez muito por sua cidade. Espero que a senhora acredite em mim. Além do mais, uma estátua de Pantaar servirá para lembrar às pessoas que, de vez em quando, é preciso doar alguma coisa. Voluntariamente, quero dizer.

— Veremos isso, Stach. Vou levá-lo à estação. Você deve voltar o mais rapidamente a Wiss. Katoren precisa de seu novo rei. Vou escrever a carta agora, na estação compro a passagem.

Do lado de fora já havia uma multidão. A notícia da volta de Stach já tinha se espalhado.

— Ele está morto, Stach — gritava a turba.

— Ele não voltará aqui. Nunca mais.

— O que foi que você fez com ele?

— Foi ele quem fez alguma coisa comigo. Preciso ir. Adeus.

Ele entrou rapidamente no trem e no meio de toda a multidão na plataforma só via a prefeita, que tinha os olhos cheios de lágrimas. Com o mesmo lenço que enxugava as lágrimas, acenou despedindo-se. O pequeno lenço branco, tremulando no meio de tantos braços, logo desapareceu de sua vista, mas os olhos cheios de lágrimas da prefeita o acompanharam durante toda a viagem para Wiss.

12

Reunião no parque



O ministro Sisudo encontrava-se diante do espelho alisando seus cabelos. Desapontado, ele viu mais um fio preso na escova. Menos um. Seu senso de humor estava bem abaixo de zero. Os vespertinos do dia anterior tinham anunciado a grande festa que tomara conta de Equilibrium. Não precisava ler mais nada para compreender o que tinha acontecido. O *Correio de Katoren* saiu com o comentário de que a demonstração de alegria dos equilibrenses tinha sido uma amostra do que seria a festa da coroação.

O ministro Sisudo estava exausto. Sabia que nenhum de seus colegas podia imaginar uma tarefa mais difícil do que a última. Além do mais, começava a se sentir inseguro quanto a sua habilidade para ser o ministro da Severidade. No dia anterior, seu neto o tinha feito dar uma boa gargalhada. Felizmente apenas o garoto estava por perto, mas isso era um mau sinal. O endiabrado menino tinha lhe dito:

— Vovô, sabe qual a diferença entre o ministro Ligeiro e um carro de Fórmula 1? Todos os dois andam rápido, só que um deles não precisa de gasolina.

“Que menino capeta”, pensou o ministro com afeição. Em seguida, advertiu sua mulher para ser rigorosa com suas obrigações caseiras e saiu para o palácio.

No caminho encontrou-se com seu colega Dureza, outro que não conseguia esconder sua preocupação. Pela manhã, o cadarço

de seu sapato tinha rompido, e ele gastara setenta segundos para colocar um novo, uma perda de tempo que o deixara transtornado.

— Dureza — propôs o ministro Sisudo. — Vamos passar pelo parque antes de ir ao palácio.

Tal proposta, em choque frontal com sua rotina, o deixou perplexo.

— As nove horas em ponto tenho de estar em meu ministério — respondeu assustado.

— Para fazer o quê?

— Primeiro tenho de dar corda nos relógios e virar as ampuhetas. Às dez horas preciso certificar-me de que todos os funcionários estão presentes.

— Ah, uma vez você pode esquecer disso.

— Ah, é?! Você rompe a rotina diária, consequentemente a rotina da semana e a do mês. Como é que fica o relatório anual?

Só de pensar nisso o pobre Dureza sentiu dor no estômago.

— E se você torcer o pé? Como é que fica a rotina? Vamos lá, homem, para o parque.

O ministro Hermano recapitulou com sua família as doze regras de ouro da Virtude e da Bravura e se preparava para sair para seu ministério. Pela janela, notou que ia ser um belo dia. O sol da manhã, filtrado pelas árvores, dava um belo espetáculo de cores outonais. Na noite anterior, o ministro da Virtude tinha voltado de uma excursão de três dias pelo país. Ele tinha lido e relido nos jornais o êxito de Stach em Equilibrium. Por ocasião de sua correspondência com a prefeita, tinha ficado convencido de que aquela seria uma tarefa impossível. No fundo de seu coração, começou a desenvolver a compreensão de que suas palestras sobre as virtudes não eram nada diante dos feitos do jovem. De repente, perdeu toda a vontade de ir ao seu monótono ministério. Dar um passeio seria uma boa ideia. Telefonou para a casa do ministro Recto.

— Alô, Recto. Aqui é o Hermano. Vejo que você ainda está em casa.

— Estava me preparando para sair.

— Que tal dar um passeio no parque? Se quiser, passo para apanhá-lo.

— Eu não tenho... ah, tudo bem, passe aqui — corrigiu Recto, lembrando-se, no meio da frase, de que tinha era muito tempo de sobra.

— Até mais, então.

O ministro Recto sentia-se também insatisfeito nessa manhã. Ele pegara a mulher dizendo uma pequena mentira. Ao lhe perguntar como estava sua dor de cabeça, ela respondera que se sentia muito bem, mas a viu tomar uma aspirina logo em seguida. Como ele e seu ministério tinham pouco sucesso na luta pela Honestidade! Mesmo os seus colegas, com exceção de Hermano, de vez em quando tropeçavam na verdade. Só Hermano se esforçava seriamente. Portanto, achou agradável a ideia de passear com ele no parque.

Os ministros Ligeiro e Vassouras não se davam muito bem. Vassouras estava sempre lavando as mãos ou escovando suas roupas, enquanto Ligeiro já batia os pés impaciente. Era natural, portanto, que evitassem a companhia um do outro. Mas, naquela manhã, Ligeiro decidiu ir à casa de seu colega da Limpeza. Ele tinha lido sobre o sucesso de Stach e sentiu que era preciso agir imediatamente. O ministro Vassouras não tinha telefone. Ele não podia nem imaginar sua casa invadida por funcionários da Companhia Telefônica, com seus pés sujos, e, além do mais, achava terrivelmente anti-higiênico o fone cheio de bactérias encostado no seu ouvido. Por isso, Ligeiro teve de levantar meia hora mais cedo para ir buscar Vassouras. Ele encontrou o ministro da Limpeza ainda com uma remela nos olhos que, evidentemente, por uma questão de higiene, tinha de ser limpa imediatamente.

Quando a sujeira foi removida, os dois saíram para o trabalho. Para os dois era muito difícil caminharem juntos. Ligeiro sofria tendo de diminuir o passo, o que fazia com muita dificuldade.

Vassouras, mesmo assim, mal podia acompanhá-lo, ofegante como uma raposa fugindo da matilha. No meio do caminho, nas proximidades do parque, Vassouras inventou um truque para poder descansar um pouco.

— Será que eles já levaram os cisnes do parque para o jardim de inverno? — perguntou, chiando de cansaço.

— Vou verificar — disse Ligeiro, entrando no parque correndo, enquanto Vassouras, depois de colocar cuidadosamente um lenço sobre o banco, sentou-se, esgotado.

Só descansou cinco minutos. Ligeiro já estava de volta.

— Os cisnes ainda estão lá. Mas não somente os cisnes. Venha ver.

E assim aconteceu, naquela memorável manhã, que todo o Conselho de Ministros de Katoren estava sentado num banco do parque.

— Na minha opinião não fica bem ministros sentados num parque — disse o ministro da Virtude.

— Realmente — confirmou o ministro Sisudo. — É nos parques que cresce o fungo da futilidade e do pouco-caso.

— E isto não estava na minha agenda — reclamou o ministro Dureza.

— Não é uma atitude justa em relação aos trabalhadores de Katoren — afirmou o ministro Recto.

— Além do mais, aqui está cheio de vermes e animais sujos — disse com nojo o ministro Vassouras.

— E não estamos fazendo nada — concluiu o ministro Ligeiro.

Mesmo assim continuaram sentados. O sol outonal banhava suas cabeças, já bastante calvas. E dizem que isso dá uma sensação muito agradável.

— Stach — murmurou Sisudo.

Os outros balançaram a cabeça.

— Consegui de novo. Desisto. Esse rapaz é invencível.

Outra vez os outros balançaram a cabeça. Estavam pensando a mesma coisa.

— Eu proponho — continuou Sisudo — que a última tarefa seja fácil.

Teria sido a influência do sol? De uma reunião ao ar livre? Ou simplesmente medo da vingança daquele que mais tarde seria o rei Stach? Seja como for, todos concordaram com Sisudo. Durante muito tempo discutiram qual seria a última tarefa. Não deveria ser difícil, mas também não muito fácil. De repente, a solução saltou-lhes aos olhos. Stach devia se sentar na Cadeira de Pedra do Forte da Floresta.

Um dia no Forte da Floresta



O Forte da Floresta, uma pequena aldeia, situava-se a apenas dezesete quilômetros de Wiss. Uma pracinha, algumas casas em volta, uma igreja, um bar e nada mais, onde viviam algumas pessoas idosas; os mais jovens já tinham, havia muito tempo, ido para a cidade grande.

Pois era nesse lugar insignificante que Stach tinha de cumprir sua última tarefa. Sábado de manhã ele encheu os pneus da velha bicicleta de tio Gervásio e foi pedalando para o Forte da Floresta. Foi fácil e agradável. Em Equilibrium ele tinha andado muito de triciclo. No caminho, ele pensava em sua volta de Equilibrium dias atrás. Fora uma volta bem mais calma do que as anteriores. É que os jornalistas estavam descontentes porque ele não quis contar o que acontecera. Por isso, eles não fizeram tanto ruído sobre a sétima tarefa. Claro que a notícia saiu nos jornais, mas não como a grande manchete de primeira página.

“A Cadeira de Pedra do Forte da Floresta.” Tio Gervásio só se lembrava vagamente de alguém ter caído dela, havia muitos anos.

— Tome cuidado, Stach — dissera ele. — Embora os ministros desta vez tenham se mostrado mais conciliadores, minha confiança neles é zero por cento. — Stach riu ao pensar em seu amável tio. Ao longe, viu uma pequena torre. Devia ser o Forte da Floresta. Ele estava curioso por saber que dificuldade podia existir em subir numa cadeira de pedra. Em dez minutos ele chegou ao vilarejo. Por

pouco não saiu de seus limites, de tão pequeno que era. Na praça, enquanto encostava a bicicleta numa tília, ele viu a Cadeira de Pedra. A tal coisa foi construída com toscos blocos de rocha e tinha a forma de uma poltrona antiga. Em volta havia uma cerca de ferro com pontas afiadas. O portão da cerca estava fechado com uma corrente e um cadeado.

Pregada no portão havia uma placa de madeira. A tinta estava desbotada, e a placa um pouco torta, seguramente devido à ação do vento e da chuva. Havia algo escrito. Antigamente teriam sido letras douradas. Mas Stach só identificou uns garranchos sujos, a que faltavam pedaços. Só com muita dificuldade conseguiu decifrar o que poderia estar escrito.

Os bens para os herdeiros, não há outra maneira.

Vai morrer na certa quando sentar nesta cadeira.

— Obrigado pelo conselho — balbuciou Stach com sarcasmo. — Eu não tenho herdeiros, não tenho dinheiro nem bens. Se fosse por isso, eu poderia tranquilamente sentar na cadeira. Mas como estou vivo e posso morrer...

Apesar da advertência, ele não via nada na cadeira que pudesse representar qualquer perigo. Blocos de pedra mal encaixados, quase amontoados sem nenhum cuidado, uma coisa feia e de mau gosto, mas, aparentemente, uma construção sólida. Stach tentou forçar o portão enferrujado, mas ele estava bem fechado.

A não ser uns três pardais, Stach era a única coisa viva que se movia na praça. Ele decidiu deixar a cadeira de lado e foi saciar sua sede no bar, utilizando o pouco dinheiro que lhe dera tio Gervásio. Era um boteco igual a todos os botequins das pequenas cidades do interior num começo de tarde. Havia um par de mesas cobertas com toalhas de pano, umas cadeiras de madeira em volta e uma serpentina de servir chope. Depois de ter chamado algumas vezes dizendo “Tem gente aí?”, apareceu uma mulher de seus cinquenta anos. Ela o observou desconfiada, aproximou-se balançando o corpo como se tivesse pé chato e perguntou o que ele queria.

— Um chope gelado, por favor — disse ele amavelmente.

Stach deliciou-se ao observar a mestria e a calma da dona do bar. Ela levou dez minutos na operação, lavando e sacudindo o copo

até deixá-lo inteiramente enxuto para só então enchê-lo de chope com a espuma compacta na medida certa, três dedos. Um chope assim não se bebe em qualquer lugar, não há cerveja que lhe chegue aos pés.

— Quem tem a chave do cadeado do portão da cerca da Cadeira de Pedra? — perguntou Stach.

— Minha velha tia Espiritualina da Vila; ela mora perto da tília — respondeu a dona do bar com a voz pausada.

Nenhum sinal de curiosidade para saber quem era ele, o que tinha vindo fazer, por que estava interessado na Cadeira. Stach pagou o chope e foi procurar a velha tia Espiritualina. Não foi difícil encontrá-la. Ele tinha colocado a bicicleta, sem saber, justamente em frente a sua residência. Ela estava em casa, sem dúvida, pois era muito velha e fraca para andar mais de dez metros sozinha. Na sua boca murcha e pálida via-se ainda um dente encardido. As costas curvadas pelo reumatismo, o nariz salientando-se no rosto magro, Stach pensou que ela se parecia muito mais com uma bruxa do que Pantaar com um feiticeiro.

— O que você quer? — perguntou ela, tão desconfiada como a dona do bar.

— Meu nome é Stach. Venho de Wiss. A senhora é dona Espiritualina da Vila?

— Sou sim.

O nome de Stach, claramente, não lhe dizia nada. Poderiam aqueles olhos apagados ainda ler jornais? E quem viria conversar com ela nesse lugar abandonado?

— Eu quero sentar na Cadeira de Pedra. A senhora tem a chave?

Com sua bengala ela apontou para a torre, em torno da qual voavam alguns corvos, e disse:

— Os cães lambeirão seu sangue e os pássaros arrancarão as carnes de seus ossos; seu esqueleto secará ao sol.

— Que futuro brilhante me espera — murmurou Stach procurando imitar o tom solene da velha. — A senhora não quer me explicar toda essa história com mais detalhes, tia Espiritualina?

Com a bengala, a velha apontou para a Cadeira.

— Você não leu o que está escrito?

— Li, sim — respondeu Stach. — Fala em deixar os bens para os herdeiros. Mas por que a Cadeira é tão perigosa?

— E por que você quer sentar na Cadeira?

— Porque essa é a última coisa que preciso fazer para me tornar rei de Katoren.

— Você quer ser rei — resmungou a velha. — Estranho, muito estranho. Talvez fosse isso que eu estava esperando. Entre. Vou lhe contar o que sei sobre a Cadeira.

Stach entrou e sentou-se quase rente ao chão num caixote que ela lhe ofereceu. Tia Espiritualina queria enxergá-lo bem e assim era melhor, pois não podia levantar a cabeça, devido às costas curvadas pelo reumatismo.

— Há muitas histórias sobre a Cadeira de Pedra — começou tia Espiritualina. — Algumas eu presenciei, mas a maioria eu ouvi de minha mãe e esta da sua, e assim por diante. Se o que vou contar é verdade, cabe a você decidir.

Há muitos e muitos anos, quando Wiss ainda era cercada de muros e os nobres andavam a cavalo, quando os ferreiros faziam armaduras em vez de canhões e os soldados estavam armados com lanças, Katoren tinha um rei estranho, caprichoso e orgulhoso, com fama de ser mágico. A nobreza o ridicularizava pelas costas e o bajulava pela frente. Com exceção dos irmãos Stachhouwer, os condes João e Gilberto. Esses dois homens destemidos enfrentavam o rei abertamente e, toda vez que tinham oportunidade, o ridicularizavam em público. Eles podiam fazer isso porque, segundo se dizia, também tinham certos poderes mágicos. O certo é que o rei os odiava e já tinha tentado matá-los, sem êxito.

O rei dizia-se capaz de tudo. Chamava de incompetentes os arquitetos responsáveis pela catedral de Wiss e prometia construir, ele mesmo, uma obra sem igual em todo o mundo. Essa obra seria erguida no Forte da Floresta, então lugar de repouso do rei. Ele ergueu um tapume para que ninguém pudesse ver a

construção antes que ficasse pronta, a não ser os criados que carregavam as pedras e, sob sua orientação, colocavam umas sobre as outras.

Quando a obra ficou pronta, ele convidou toda a nobreza de Katoren para uma festa de sete dias no Forte da Floresta. De todos os cantos chegaram os convidados. Nunca se viu tanta gente rica junta. O ponto alto da festa, no quarto dia, devia ser o descerramento da grande obra. Os convidados formaram um grande círculo em volta do tapume, que foi retirado pelos criados a um sinal do rei. E apareceu, pela primeira vez, aquele colosso que agora conhecemos como a Cadeira de Pedra.

Os convidados começaram a soltar seus "ohs" e "ahs" de admiração que cuidadosamente tinham ensaiado. Todos, menos dois, João e Gilberto Stachhouwer, que começaram a gargalhar até virem lágrimas aos olhos, enquanto batiam as mãos nos joelhos de contentamento. Quando estavam quase parando de rir, olhavam de novo para a Cadeira e lá vinham, outra vez, as gargalhadas, contagiando os outros em volta. Pegou. Todo mundo começou a rir. Todo mundo, menos o rei, que ficou vermelho de raiva. Ele sentou na Cadeira e secou a multidão com o olhar. Valeu, um silêncio sinistro baixou sobre a praça.

— Vocês riem por estupidez e ignorância — gritou o rei. — Vocês não sabem que obra de arte é esta. Mas ouçam o seguinte:

Os bens para os herdeiros, não há outra maneira.

Vai morrer na certa quando sentar nesta cadeira.

E isto é válido para qualquer um, exceto para o rei.

— Vossa Majestade quer dizer que manda matar qualquer um que se sentar nesse absurdo amontoado de pedras? — perguntou João Stachhouwer.

— Eu não mando matar ninguém. Mas quem se sentar morrerá.

— Pois eu vou me sentar, oh, grande rei.

— À vontade, sente-se, conde Stachhouwer.

O rei levantou-se da Cadeira, fazendo uma zombeteira reverência para o conde. Sem vacilar, João aproximou-se da cadeira e, com um pulo, sentou-se triunfalmente. Sorriu para a multidão, abriu a boca para dizer algo, mas, antes de poder pronun-

ciar qualquer palavra, fez uma careta de dor, levou a mão ao peito e caiu morto no chão sob o olhar estarecido de toda a nobreza de Katoren.

O conde Gilberto correu até junto do irmão para apenas constatar que ele estava realmente morto. Seguro de si, encarou o rei nos olhos e disse:

— Assassino. Você está possuído pelos espíritos do mal.

Aproximou-se de um grupo de escudeiros e servos, escolheu os seis maiores e mais fortes e fez-lhes um sinal para segui-lo até a Cadeira. A multidão a tudo assistia num silêncio de morte.

— Eu vou tirar o feitiço deste disforme amontoado de pedras. Depois disso, sobrarão, apenas, a construção mais feia de Katoren, edificada pelo mais desprezível homem do país. Coloquem-me sobre a Cadeira, servos.

E, enquanto os seis fortes homens o levantavam, ele pronunciava os seguintes versos:

Sobre este amontoado de pedras me jogam seis fortes.

Para que nada me aconteça e aqui não haja mais mortes.

Por alguns segundos ele ficou sentado em silêncio. Então, ele também, Gilberto Stachhouwer, gemendo de dor e segurando o coração, começou a dizer:

— São Jerônimo! Pessoas de peso. Não pessoas pesadas, e sim pessoas importantes. Eles eram simples criados. Eles tinham de ser mais importantes... de posição mais elevada... do que a minha...

E morreu no meio da frase.

— Que história mais estranha — comentou Stach.

— Você disse que se chama Stach? — perguntou a mulher.

— Disse sim.

— Espantosa coincidência — murmurou. — Quem sabe se você não é um descendente longínquo daqueles dois condes medievais... Quem sabe se você não está predestinado a acabar com a maldição.

— A senhora acredita que essa lenda seja verdadeira?

— Ouça. A história ainda não acabou. Conta-se muita coisa sobre a Cadeira. Em 1602 ou 1603 um soldado teria sentado na Cadeira durante um minuto, quando um raio o matou instantaneamente. Há também a história de um fazendeiro muito forte que se gabava de não ter medo de nada. Seus amigos o desafiaram a sentar na Cadeira de Pedra. Fizeram até uma aposta. O fazendeiro sentou. Caiu uma tempestade que destruiu a metade do vilarejo e jogou o audacioso fazendeiro a três quilômetros de distância, onde foi encontrado morto.

— A senhora acredita mesmo em tudo isso, tia Espiritualina?

— Quem sabe no que se deve acreditar? Aqui no vilarejo, de modo geral, as pessoas acreditam que o conde Stachhouwer, antes de morrer, queria dizer o seguinte: a maldição da Cadeira de Pedra desaparecerá se alguém for colocado sobre ela por seis pessoas socialmente mais elevadas. Seis pessoas mais importantes e não mais fortes. Mas deixe-me contar-lhe o que eu vi pessoalmente.

Ela respirou profundamente, procurando ordenar seus pensamentos, e prosseguiu:

— Foi há pelo menos cinquenta anos. Nossa aldeia tinha muito mais habitantes naquela época. Um grupo de estudantes de Wiss veio aqui fazer uma pesquisa. Eram estudantes de história. Creio que estavam pesquisando se o Forte da Floresta tinha sido mesmo colônia de férias dos antigos reis de Katoren. Era um grupo de jovens alegres, mais ou menos de sua idade ou, talvez, um pouco mais velhos. Com sua algazarra perturbaram a tranquilidade da aldeia. E claro que eles queriam saber tudo sobre aquele amontoado de pedras, protegido por uma cerca e com aquela estranha advertência. Eles vieram procurar a chave com minha mãe, que Deus a tenha. Minha mãe lhes contou tudo o que eu acabei de lhe dizer. Riram, um pouco nervosamente, enquanto diziam uns para os outros que não acreditavam em nada daquilo. Um deles, de cabelo encaracolado, pediu a chave para minha mãe, dizendo que ia se sentar na cadeira. Minha mãe ainda lhe perguntou se ele sabia o que estava fazendo. O jovem mostrou-se seguro de si, e minha mãe lhe deu a chave. Dirigiram-se todos para o monumento, embora mais silenciosos do que de costume. O de cabelo encaracolado

abriu o portão e entrou. Seu rosto estava tenso, mas com saltos ágeis sentou-se na Cadeira. Por um momento, lá ficou, sentado, num silêncio de morte. Em seguida, os outros jovens começaram a gritar: “Viva o nosso rei Pedro”. Ah, é verdade, ele se chamava Pedro. Os outros gritavam, jogando seus bonés para o ar. Pedro quis imitar seus colegas e também jogou para cima o seu boné. Quis apanhá-lo no ar, curvou-se para trás mais do que devia, perdeu o equilíbrio e caiu. Sua cabeça bateu num bloco de pedra, ele quebrou o pescoço e morreu ali mesmo.

— Nossa mãe! — disse Stach visivelmente impressionado.

— Ainda tenho mais uma coisa para lhe contar — continuou a velha. — Há trinta anos, o velho rei visitou o Forte da Floresta. Ele conhecia a história, mandou buscar a chave, sentou-se na Cadeira e não aconteceu nada.

— Mas ele era um rei.

— Precisamente, ele era um rei.

— Ninguém nunca tentou ser colocado sobre a Cadeira por seis pessoas importantes?

— Muitos já tentaram. Parece mentira, mas nunca ninguém conseguiu reunir seis pessoas importantes dispostas a isso. Geralmente, pessoas importantes, sabe? não gostam de colocar um subalterno acima de si. Não, isso nunca aconteceu.

— Isso é tão difícil? Bem, se eu for pensar em seis pessoas importantes que eu conheço posso compreender muito bem a dificuldade.

Stach procurou obter mais informações de tia Espiritualina, mas ela começou a se repetir. Por isso, ele lhe agradeceu calorosamente, disse que talvez voltasse em breve e foi embora. Já estava quase anoitecendo. Com pressa, subiu na bicicleta e pedalou de volta para Wiss. Tinha de chegar antes de anoitecer, pois a velha bicicleta de tio Gervásio não tinha luz na frente nem atrás.

— Eles jamais farão isso — disse Gervásio. — Eles jamais farão isso. O ministro Sisudo levantá-lo?! Nunca. O ministro Vassouras? Teria medo de ser contaminado.

— Eu também creio que não. Mas não custa tentar.

Naquele mesmo sábado à noite ele contou ao tio Gervásio toda a história da Cadeira de Pedra. Gervásio achava ótimo que a última tarefa fosse tão perto de casa. Ótimo mesmo. Quem sabe ele pudesse ajudar, mas, por enquanto, não via como. Balançou novamente a cabeça e repetiu:

— Isso eles não farão nunca.

— Precisamos dar-lhes uma oportunidade — disse Stach.

Stach passou o domingo inteiro escrevendo uma longa carta aos ministros. Descreveu, em detalhes, a lenda da Cadeira de Pedra e por fim perguntou, educadamente, se eles estariam dispostos a carregá-lo até o assento. A carta terminava assim: “De outra maneira terei de me arriscar de qualquer jeito, e nunca se sabe o que há de verdade em tais lendas. Atenciosamente, com os melhores votos de saúde para Vossas Excelências, Stach”.

Agora era esperar a resposta. Tio Gervásio estava urinando de quinze em quinze minutos de tão nervoso. Ele quis, mas não pôde, felizmente, esconder-se no armário da sala de reuniões, pois os ministros ficaram discutindo dois dias e duas noites seguidas. Do corredor, Gervásio conseguia captar palavras soltas da acalorada discussão e tentava decifrar por si mesmo o que os ministros estavam discutindo. Foi uma confusão. O ministro Dureza esqueceu-se de sua agenda, o ministro Sisudo ria, não se sabe de quê, o ministro Recto mentiu pela primeira vez, Ligeiro ficou prostrado na cadeira horas, sem mover uma palha, Hermano só abriu a boca para xingar seus colegas de todos os palavrões possíveis e imagináveis, e o ministro Vassouras, durante as quarenta e oito horas da reunião, não lavou nem um dedo sequer. Finalmente, chegaram a um acordo, responderam à carta de Stach e voltaram cambaleantes de sono para suas casas. A carta era curta e grossa:

“Depois de ampla consideração, decidimos que nada justifica que atendamos seu pedido. Assinado, atenciosamente, Sisudo, Recto, Ligeiro, Hermano, Dureza, Vassouras.”

Apesar de ter previsto a resposta, Gervásio ficou profundamente deprimido. Mas Stach parecia não estar muito preocupado. Pelo menos foi assoviano uma alegre canção que ele saiu para passear com Ladino.

— É uma pena para eles — comentou antes de sair. — Perderam sua chance de continuar ministros. Azar deles. — E saiu como se já fosse o rei.

Stach foi para o centro de Wiss, comprou alguns selos, acenou alegremente para as pessoas que o cumprimentavam de todos os cantos e dirigiu-se para a sede da Associação dos Jornalistas de Wiss. Foi imediatamente cercado de repórteres que queriam saber como estava progredindo sua última tarefa.

— Às mil maravilhas — respondeu. — Eu estive no Forte da Floresta e constatei que a Cadeira de Pedra é muito sólida. Seguramente não vai desabar com o meu peso. Ouçam, hoje é 7 de novembro. De amanhã a oito dias, sexta-feira, 15 de novembro, ao meio-dia, pretendo sentar-me na Cadeira.

Sem pressa voltou para casa. Tio Gervásio estava trabalhando no palácio. Com isso, Stach teve o sossego necessário para escrever uma série de cartas. A primeira para Kim. Perguntou-lhe como ia com a geometria, se já estava compreendendo tudo, o que era mais gostoso: as letras numa frase durante uma análise sintática ou as letras de uma gostosa sopa de macarrão. Quando ela teria férias e se eles poderiam passá-las juntos. “Porque”, concluiu a carta, “serei um grande mentiroso se não disser que acho você muito simpática”.

Em seguida, ele escreveu uma carta aos pais de Kim, agradecendo os travesseiros que a filha trouxera por ocasião da execução da tarefa 4a, a apetitosa torta de maçã e tudo mais que tinham feito por ele. Contou sobre as outras tarefas que teve de executar, relatou todas as histórias em volta da Cadeira de Pedra, disse que os ministros tinham se recusado a ajudá-lo e informou que pretendia, no dia 15 do mês em curso, sentar-se na Cadeira e pediu que eles preparassem os fogos de artifício para a festa.

Em seguida, escreveu a todos os outros prefeitos, agradecendo-lhes a hospitalidade e a amabilidade. Ao prefeito de Ecumênica perguntou como estavam sua mulher e os filhos e se a Grande Igreja

Unificada estava dando certo, se os trabalhos de reconstrução da prefeitura e de sua casa já estavam adiantados. Na carta ao prefeito de Fumaceira, perguntou se todos na cidade já estavam bronzeados. Enfim, escreveu a todos, não se esquecendo de mencionar em todas as cartas o que seria a tarefa número 7 e seus planos para o dia 15 de novembro. Quando Gervásio chegou, Stach estava com câibras nos dedos de tanto escrever. Depois de colocar as cartas no correio, passou a noite jogando dominó com o tio.

Na manhã seguinte, todos os jornais estamparam na primeira página que sexta-feira seria o dia. Em quase todos os jornais havia a descrição detalhada da história da Cadeira de Pedra. Seguramente muitos repórteres estiveram visitando tia Espiritualina. O *Correio de Katoren*, em editorial, aconselhou os ministros a ajudarem Stach, mas, ao lado, publicou a notícia de que os ministros se recusaram a responder se o ajudariam. Durante o jogo de dominó, Gervásio, cada vez mais nervoso, suplicou a Stach que desistisse.

— Espere um pouco — respondeu Stach despreocupadamente. — Tudo vai dar certo.

Durante toda a semana, tio Gervásio era a própria imagem da preocupação, e o jovem sobrinho a calma em pessoa. Não estava nem aí. Na quarta-feira à noite, enquanto jogavam outra partida de dominó, tocou a campainha. Ao abrir a porta, Stach deu com Kim e seu pai.

Kim pôs em seu pescoço e sapecou-lhe um beijo atrás do outro, obrigando o prefeito de Polvorinho a esperar que o fogo baixasse para, então, poder apertar a mão de Stach.

— Entrem — disse Stach. — Que bom que chegaram.

O pai de Kim e Gervásio se apresentaram, enquanto Stach recolhia as pedras de dominó e Kim ia para a cozinha fazer café.

— Você não ficou surpreso com nossa chegada? — perguntou o prefeito de Polvorinho.

— Não — respondeu Stach. — Sinceramente eu já o esperava, porque sei que o senhor é uma pessoa boa e generosa.

— Incrível — disse o prefeito a Kim, que entrava com uma bandeja de café. — E nós que pensávamos que íamos surpreendê-lo.

— Mas foi uma surpresa que Kim tenha vindo. Com isso eu não contava — apressou-se Stach em dizer.

— Será que seria muito pedir para me explicarem o que está acontecendo? Não estou entendendo nada — disse Gervásio.

— Bem, sr. Gervásio, Stach nos escreveu contando que havia o problema da Cadeira de Pedra e que nossos honoráveis ministros não querem se dignar a levantá-lo e colocá-lo na cadeira. Não pretendo dizer que sou uma pessoa tão importante, mas eu penso que, no momento, ocupo uma posição superior à de Stach. Até sexta-feira à tarde. Então, claro, ele será a pessoa mais importante de Katoren. Mas agora ainda não. Por isso, estou aqui para ajudar a colocá-lo na maldita Cadeira de Pedra.

— É muita bondade do senhor — disse Gervásio. — Mas são necessários seis...

Tocou novamente a campainha.

— Calma, tio. Sexta-feira ainda não chegou. Vamos primeiro ver quem está tocando a campainha tão tarde da noite.

Era o prefeito de Decibel. Mal abraçou Stach e já começou a falar pelos cotovelos. Falou, falou, mas o que ele disse não importa. O importante era que seu objetivo era o mesmo do prefeito de Polvorinho: ajudar a colocar Stach na Cadeira. Na manhã seguinte, quinta-feira, chegou o prefeito de Ecumênica e à tarde, para grande emoção de Stach, o prefeito de Ingenuinópolis e sua mulher. Duas passagens de ida e volta. Era uma despesa muito grande para eles.

— O piano fica para depois — disse ele. — E Joana queria tanto vir... Eu sei que sou apenas um prefeitinho sem importância, nem roupa direito eu tenho, este casaco já tem dezesseis anos. Sei que não sou bastante importante para carregar o senhor... oh, perdão, você até a Cadeira. Mas, pelo menos, quero estar aqui para a festa da coroação.

— Na Grande Igreja Unificada de Ecumênica todo domingo insistimos em que todas as pessoas são iguais, colega — disse calorosamente o prefeito de Ecumênica.

O pai de Kim quis saber como eles iriam todos para o Forte da Floresta. Nisso Stach não tinha pensado, em nenhum momento. Para um lugar tão pequeno, não havia trem nem ônibus.

— Sábado você deve nomear, imediatamente, um ministro dos Transportes — brincou o prefeito de Polvorinho. — Mas deixe que eu resolvo a ida para o Forte da Floresta.

Ele saiu e alugou um velho furgão. O que não foi muito fácil, pois tudo o que podia rodar já estava alugado pelas pessoas que queriam assistir ao espetáculo.

Já estava anoitecendo quando Gervásio chegou do trabalho e comunicou que teria a sexta-feira livre. Stach passou o braço em volta dos ombros magros do tio e disse:

— Meu querido e amado tio, de agora em diante todos os seus dias serão livres.

— Mas só estão aqui quatro prefeitos — disse Gervásio vacilante. Depois, completou: — Ah, faltam só dois. Você não morre, talvez só quebre as pernas.

Stach quase morreu de rir.

— Nesse caso, vocês ainda terão de me empurrar numa cadeira de rodas.

Apesar de não ter um canto vazio, todos passaram uma noite muito agradável na pequena casa. O prefeito de Decibel tinha trazido seis garrafas de conhaque De Cibelle e todos ficaram um pouco embriagados. A alegria atingiu seu ponto máximo quando a campainha tocou e na porta estava a prefeita de Equilibrium.

— Com apenas uma perna quebrada você pode andar de muletas — disse Gervásio no meio de um soluço. — Obrigado, senhora, agora eu não preciso empurrá-lo numa cadeira de rodas.

Kim não gostava dessa brincadeira e não estava nada tranquila.

— Stach — sussurrou ela. — Onde está o prefeito de Fumaceira? Tia Espiritualina disse seis e não cinco. Com cinco é tão perigoso como se você fosse sozinho.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo. Espere só.

14

Rei de Katoren



Às onze horas o pai de Kim estacionou o velho furgão na porta da casa. Entraram todos: Gervásio, os prefeitos presentes, a mulher do prefeito de Ingenuinópolis, Kim e, evidentemente, Stach. Quando eles já iam partir, parou atrás do furgão uma limusine novinha em folha. Primeiro desceu um motorista todo fardado, abriu cerimoniosamente a porta de trás, e surgiu, diante de nove pares de olhos maravilhados, o prefeito de Fumaceira.

— Espere — gritou Stach.

Ele desceu do furgão e cumprimentou o prefeito milionário.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa? — perguntou o educado prefeito.

— O senhor chegou na hora certa. No furgão já estão cinco colegas do senhor. Estávamos partindo para o Forte da Floresta.

— Ótimo. Vou seguir vocês.

O prefeito de Decibel colocou seu rosto fora da janela do furgão e gritou:

— Venha aqui com a gente, homem. É muito mais agradável.

O fumaceirense franziu a testa, enquanto olhava para aquele calhambeque.

— Ah, e por que não? — disse por fim. — Com o sol que há agora em Fumaceira, vou acabar também ficando pobre.

E, assim, estavam reunidas as seis pessoas importantes. O tagarela prefeito de Decibel. O ativo prefeito de Polvorinho. O educado

prefeito de Fumaceira. O piedoso prefeito de Ecumênica. O humilde prefeito de Ingenuinópolis. E a sóbria prefeita de Equilibrium. Kim ficou muito satisfeita. Via-se a alegria em seu rosto quando ela sentou no banco de trás. No caminho para o Forte da Floresta tiveram de parar por causa de um pneu furado. Chegaram um pouco depois do meio-dia. A praça já estava apinhada de gente.

— Poxa, acho que o tio Gervásio não foi o único que tirou um dia livre — comentou Stach.

Com dificuldade, eles passaram pela multidão até alcançar a casa de tia Espiritualina, que já estava com a chave no bolso de seu avental pronta para ser entregue. Enfim, chegaram até a Cadeira. Enquanto Stach tentava destrancar o cadeado, abriu-se um corredor no meio da multidão. Lá vinham, em filas de três, os seis ministros. Com seus paletós negros, contrastando com os trajes coloridos dos katorenses, eles se aproximaram da Cadeira. Stach já tinha aberto o cadeado, e os seis prefeitos entraram com ele pelo portão. Um silêncio respeitoso caiu sobre a praça.

Cinco homens levantaram Stach. A prefeita de Equilibrium segurou só em sua camisa, apenas para satisfazer a lenda.

— Um, dois, três, agora! — gritou o pai de Kim agindo como se fosse o líder do grupo.

Lá estava ele sentado. A pedra era fria e dura, mas o que importava? Por mais alguns instantes houve silêncio na praça, como se ninguém acreditasse que ele estivesse sentado tão tranquilo e tão vivo. Então, Stach, com o dedo no nariz, fez um gesto de galhofa para os ministros, enquanto se ouviam os aplausos e os gritos de júbilo ensurdecedores da multidão. Quinhentas vezes, levantando os braços, a multidão repetiu o grito do prefeito de Decibel:

— Viva o rei de Katoren!

No ducentésimo grito, os lábios do ministro Hermano começaram a se movimentar suavemente; no ducentésimo quinquagésimo grito o ministro Ligeiro começou a mover cuidadosamente os braços; no tricentésimo grito todos os ministros já estavam agitados e se ouvia um grunhido sair de suas entranhas; no tricentésimo quinquagésimo grito suas mãos se ergueram até a altura das orelhas e, durante os últimos cem gritos, eles fizeram como todos os katorenses.

Depois disso, foi a volta triunfal para Wiss. A dona do bar do Forte da Floresta viu a multidão partir com um misto de tristeza e alegria. De um lado, ela achou que era gente demais na sua pequena aldeia, de outro lado ela vendera mais chope naquela manhã do que nos dez anos anteriores.

O ministro Sisudo disse:

— Majestade, podemos oferecer-lhe nosso carro?

Stach sorriu, disse que apreciava muito a oferta, mas que preferia ir com os prefeitos, Gervásio e Kim no velho furgão, e continuou:

— Espero vê-los daqui a pouco na catedral de Santo Aluísio.

E foi lá, na grande catedral, que a multidão voltou a se reunir. A coroa do velho rei estava ali guardada num armário de cristal. O ministro Sisudo retirou a coroa e a colocou na cabeça de Stach enquanto dizia:

— Nós, ministros deste país, solenemente declaramos que vós, pela vontade do povo, seguindo as regras estabelecidas, com base na Justiça e para o bem deste país, sois proclamado rei de Katoren.

— Muito bem falado — disse Stach. — Espero que o senhor não esteja muito triste por esta coroa não estar em sua cabeça. Mas talvez seja melhor, pois do contrário não poderíamos ver sua densa cabeleira.

Em seguida, subiu numa cadeira e falou à multidão.

— Gente, obrigado pelo apoio que sempre recebi de vocês. Quero dizer algumas coisas. Em primeiro lugar isto: todo ano vou executar uma tarefa semelhante às sete que acabei de realizar. Se eu fracassar, renuncio à coroa. Em segundo lugar: assim que a cerimônia terminar, o prefeito de Polvorinho telefonará dando ordens para o envio de fogos de artifício a todos os recantos do país. Os fogos foram fabricados na época em que estive de cama em Polvorinho. Vamos fazer uma festa de três dias para recuperar o tempo perdido. Agora vamos ter festas com frequência. Fazendo menos discursos, recuperaremos o tempo gasto nas festas. Em terceiro lugar, para completar, este discurso será o mais longo de meu reinado. Divirtam-se.

Explodiram em Katoren três dias de festas. Foi um modelo de divertimento para o mundo todo.

Rojão, busca-pé, foguete de vara, foguete de assovio, chuva de estrela, traque explodiram, sibilaram, resplandeceram, silvaram no céu de Katoren. Quando a festa terminou, Stach começou a reinar.

Os prefeitos vieram se despedir.

— Quero lhes propor algo — disse Stach. — Eu não acredito em Ministério da Severidade, da Honestidade, da Limpeza... Na minha opinião, temos, sim, necessidade de um Ministério da Saúde. Acredito que o senhor, prefeito de Ingenuinópolis, é a pessoa indicada para o cargo.

— Eu?! — exclamou o pequeno homem, profundamente surpreso.

— O senhor mesmo. E para o Ministério do Meio Ambiente pensei no prefeito de Fumaceira. Religião, Cultura e Questões Sociais fica para o prefeito de Ecumênica. E a senhora, o que acha de ficar com o Ministério de Ajuda às Regiões Mais Pobres? O Ministério da Defesa e do Desarmamento estará em boas mãos com o pai de Kim, e, ao prefeito de Decibel, gostaria de lhe pedir que assumisse a tarefa de estudar meios que levem as pessoas a ouvirem umas às outras, a levarem as outras em consideração, enfim, lhe pediria para assumir o Ministério da Democracia. Os habitantes de suas cidades deverão, por si mesmos, escolher seus substitutos. Os senhores aceitam estas nomeações?

Os prefeitos balançaram a cabeça afirmativamente e, contentes, saíram para tomar as devidas providências. Stach convocou os antigos ministros e lhes disse:

— Ministros os senhores não são mais. Mas não quero demiti-los da função pública. Dar-lhes-ei outras tarefas.

Ele apanhou um monte das cartas que tinham chegado ao palácio nos últimos meses especificando problemas que poderiam ser escolhidos como uma das sete tarefas. Ao ler a primeira carta disse:

— Ouça. A fonte de mentira da Paróquia da Lorota. Não é uma tarefa para o senhor, Recto?

Carlos Recto inclinou a cabeça e aceitou a tarefa. Stach remexeu as cartas novamente e leu uma outra:

— Os relógios desenfreados do Espírito do Tempo. Sr. Dureza? Sebastião Dureza aceitou.

— Aqui tenho algo para o sr. Sisudo. Os gases do riso ardente da Montanha do Prazer.

— Ao seu serviço, Majestade — disse Henrique Sisudo.

Nova remexida nas cartas. Leu algumas que não lhe interessaram até achar a tarefa apropriada para Bonifácio Hermano: as moças indecentes da Cidade Extraviada.

— Olhe aqui, encontrei algo sob medida para o sr. Ligeiro — disse Stach, depois do consentimento de Bonifácio Hermano. — Como conter a solidificação do mercúrio nos encanamentos de Tubulândia.

— Muito obrigado — disse Antônio Ligeiro.

Stach teve de procurar bastante até encontrar uma tarefa para o sexto ex-ministro. Enfim encontrou o trabalho certo para a pessoa mais limpa de Katoren.

— Eu lhe proponho, sr. Vassouras, uma solução para a limpeza das ruas de Cocolândia infestadas de cachorros com diarreia.

— Farei todo o possível — prometeu Filipe Vassouras. Os seis fizeram uma profunda reverência e saíram para cumprir suas tarefas.

— Já governei bastante por hoje — disse Stach para si mesmo.

E foi procurar Kim, que, naquela noite, deveria partir para Polvorinho.

— Você está mesmo com vontade de ir? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça tristemente.

— Quando você estiver boa em geometria e álgebra você pode voltar. Nós poderíamos, por exemplo, casar. Não entendo nada de geometria nem de álgebra. Se eu precisar disso, você pode me ajudar.

Ela lhe deu uma tremenda mordida na orelha.

— Aiii.

— Por que você nunca diz, simplesmente, que me ama?

— Eu amo você.

Parece-me adequado no momento deixar os dois jovens a sós. Para os curiosos inveterados diga-se que eles de fato se casaram e viveram felizes para sempre.